

WALT DISNEY

BIBLIOTECA DO

ESCOTEIRO MIRIM

GIBITECA

06 ANOS E MUITAS
HISTÓRIAS PARA
CONTAR





Donald Duck is climbing a large tree trunk. He is wearing a blue shirt and a yellow sash. He has a determined expression on his face.

WALT DISNEY

**BIBLIOTECA DO
ESCOTEIRO
MIRIM**



CÍRCULO DO LIVRO

ESCOTEIROS EM AÇÃO





CUIDADO DOBRADO NA NEBLINA

É bastante comum surgir um manto de neblina no alto das montanhas. O que você faria, Escoteiro-Mirim, se um dia se achasse subitamente envolvido num buraco de névoa, no caminho que estava percorrendo ou na região que explorava?

Só há uma coisa a fazer: parar e esperar que a névoa se afaste finalmente por si mesma. Coisa, aliás, que acontecerá bem depressa: mais do que névoa, trata-se, geralmente, de nuvens baixas destinadas a passar muito rapidamente. De qualquer modo, permaneça quieto, evitando dar... passos em falso.

SINAIS NO ROSTO: SINAIS DE CARÁTER

Segundo uma antiga crença oriental, as manchinhas ou sinais que muitos de nós temos no rosto possuem um significado particular, e podem revelar uma faceta oculta

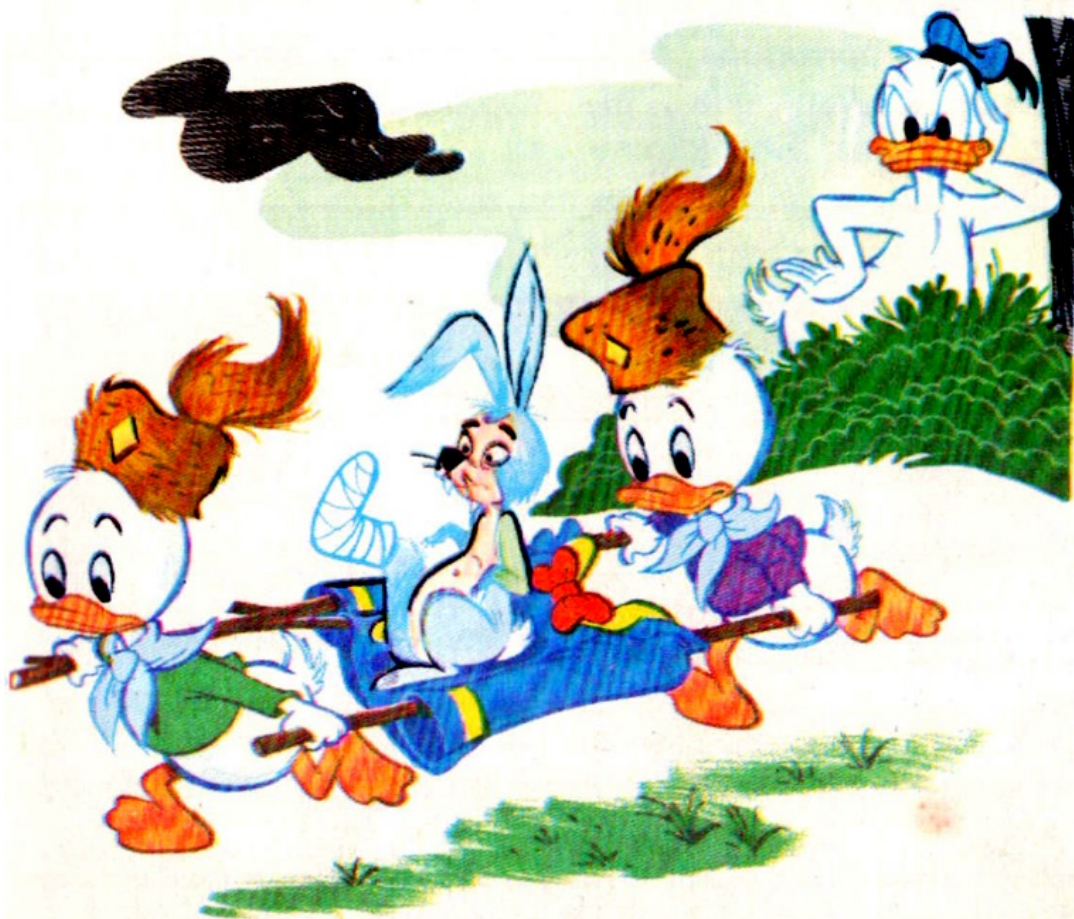
do nosso caráter. Dê uma olhadinha no espelho: se você não tiver nenhum sinal, desista, não fique perdendo tempo fazendo caretas. Se você tiver um sinalzinho na ponta do nariz, dedique-se ao comércio: você tem a bossa do homem de negócios. Vá em frente, portanto, e faça o seu jo-

go ... na Bolsa! O sinal fica no rosto? Guloso, eis o que você é. Mas o altruísmo é também outra faceta agradabilíssima do seu caráter. A manchinha fica no meio da testa? Intelectuais e idealistas. Fica no canto dos lábios? Sinal típico dos humoristas e daqueles destinados a fazer carreira.

AMIGOS EM DIFICULDADES

Você saberia construir uma maca em caso de necessidade? Façamos de

conta que você se encontra numa trilha de floresta e que precisa transportar até



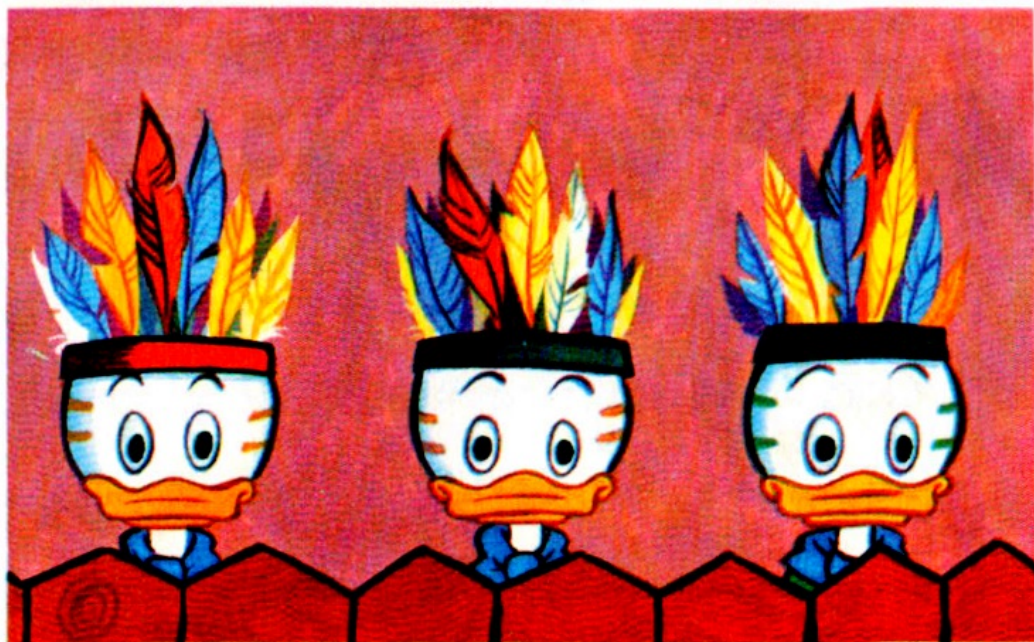
a estrada uma carga muito pesada ou um amigo que não consegue andar porque torceu o pé. Bem, tudo que você tem a fazer é pegar dois galhos de árvore bem resistentes e tão retos

quanto possível e amarrar sobre eles, transversalmente, outros galhos mais leves. Ou você poderá mesmo usar o paletó ou blusão enfiando as mangas nos dois galhos de sustentação.

OS BRASILEIROS FALAVAM ASSIM . . .

A língua falada no Brasil nem sempre foi o português. Como vocês sabem, antes de aqui chegarem os portugueses, descobridores de nossa terra, o Brasil somente era habitado pelos índios. E eles não falavam o português, nem mesmo sabiam que “bicho” era isso. Seu idioma

era o tupi, com o qual se entendiam os indígenas do Brasil até o século XIX, no litoral, e que hoje ainda subsiste no Amazonas sob o nome de **nheengatu**. Para vocês terem uma idéia de como era — e é — esse idioma dos primitivos brasileiros, aqui vai uma curiosa amostra:



PEQUENO VOCABULÁRIO TUPI-PORTUGUÊS

Aiumâna — abraço	Nhaempêpó — panela
Amâna — chuva	Nheenga — palavra
Amarába — americano	Nipiã — joelho
Ára — dia, tempo	Oicê — oito
Bóia — cobra	Oicêpê — nove
Búxo — estômago	Pá — tudo
Bubuitáua — bóia	Papêra — papel, livro
Cá — folha, bosque, mato	Parauá — papagaio
Caramurú — que ronca, poderoso	Paxiúba — palmeira
Capú — raiz	Poranga — bonito, belo
Çapucáia — galinha	Quiáua — pente
Cé — gosto	Quicé — faca
Dabarú — tipo de armadilha	Quiínia — pimenta
Darídarí — cigarra	Quíra — gordo
Darápe — louça, prato	Rapí — primo
Embiára — caça, pescado	Rendíra — irmão
Erê — sim, adeus	Rú — pai
Êrêcurí — até logo	Rudá — amor, deus do amor
Gananiuêra — mentiroso	Tapiíra — boi, anta
Gapenú — onda	Tauá — amarelo
Gi — machado	Tím — nariz
lá — fruta	Tupáco — igreja
landê ou ianê — nós	Uaimí — velha
lací — lua, mês	Uaiáua — goiaba
lauára — cachorro	Uéra — mundo
lacaré — jacaré	Uirandê — amanhã
Igaçáua — panela	Uoitá — nadar
Iurú — boca	Xáua — cabelo
Macicáua — doente	Xinga — mais, maior
Mára — o que não presta, ruim	Xibuí — minhoca
Mãha — mãe, hábito	Xirinambí — borracha
Nambá — forte, viril	Y — água
	Ygára — canoa
	Ygarapáua — porto

O COLAR DOS ÍNDIOS SIOUX

Que tal fazermos um colar pele-vermelha em tempo recorde? Então, mãos à obra, seguindo as instruções de Zezinho e Luisinho. Quanto ao Huguinho, ele tinha que ajudar o tio Donald na limpeza do quintal (era a vez dele), e não pôde vir. Vol-

tando ao colar: peguem papel de seda colorido e recortem quatro meias-luas. No centro delas, façam um furo. A seguir, façam uma incursão pela cozinha: esqueçam da goiabada e peguem um monte de macarrão tipo canudo. Apanhem agora



um pedaço de barbante de 60 cm. Muito bem: agora enfiem no barbante 4 macarrões, depois uma meia-lua, mais 4 macarrões, e uma meia-lua, e assim por

diante até finalizar com outros 4 macarrões. Amarrem as pontas do barbante e pintem os macarrões com cores bem vivas: e agora, ugh para vocês!

ENSINE O SEU PAPAGAIO

O papagaio é uma dessas raras aves da natureza que podem aprender a falar — o pássaro mainá também tem esse dom. Em primeiro lugar, é bom que o papagaio seja jovem: papagaio velho dificilmente aprende a falar. Pegue, então, o seu papagaio de poucas semanas de vida e arme-se de paciência. Agora coloque-o no seu poleiro e ache uma área onde haja luz e tranquilidade, isto é, silêncio. Todos os dias você — que agora está na posição de professor — irá ensinar seu papagaio a falar. Como? Assim: todos os dias vá ter com ele — só vocês dois. Ofereça-lhe um biscoito moído e comece a pronunciar uma palavra: por exemplo, “pão”, “lua”, “papai”, “oi”. Ou seja, uma palavra que

não tenha mais de duas sílabas. Pronuncie com clareza e com um tom de voz muito doce e convincente. Faça assim por alguns dias e sempre usando a mesma palavra. Depois, passe a uma segunda palavra: sempre de duas sílabas. Seu papagaio deverá repetir, se-



ja aquela que já conhece, seja a segunda. Depois, você lhe ensinará uma terceira palavra, e assim por diante. Nesse entretanto, seu louro já estará bem ambientado com a casa e

começará a ... falar. Se ele custar muito a aprender, das duas uma: ou ele é surdo, ou então você deverá fazê-lo assistir às aulas de TV Educativa para ele se instruir uma vez por todas.

CONSELHOS AOS FOTÓGRAFOS

Se você possui uma câmara fotográfica, certamente gostaria de saber como utilizá-la de forma correta. Nestas páginas vamos dar alguns conselhos sobre "como usar sua câmara".

Antes de tudo, se o seu aparelho é provido de uma bolsa protetora, evite ao máximo tirá-lo da bolsa. Caso contrário, procure ao menos cobrir a objetiva com a respectiva tampa. De vez em quando, a lente da objetiva deverá ser espanada com um pincel bem macio; isto feito, sobre seu hálito sobre a lente para umedecê-la, enxugando-a depois com algodão limpo. **Não use jamais** panos ou guardanapos de papel que são usados geralmente para limpar os óculos.

Na praia, a areia e a água

salgada estão entre os piores inimigos do aparelho: ele deverá, portanto, ficar sempre guardado numa sacola de plástico do qual você irá tirá-lo somente no momento de usar.

O filme, especialmente o colorido, é afetado pelo calor: conserve-o, por isso, num lugar fresco e enxuto. Evite também conservar o filme muito tempo na câmara: o ideal seria colocar o rolo do filme no momento de usar e utilizá-lo por inteiro ou seja, até a última foto, no espaço de um dia ou alguns poucos dias.

Este aviso vale para qualquer tipo de câmara. Outro aviso muito importante: quando você fotografar, mantenha o aparelho bem firme nas mãos, para evitar trepidações. No instante do disparo, procure inclusi-

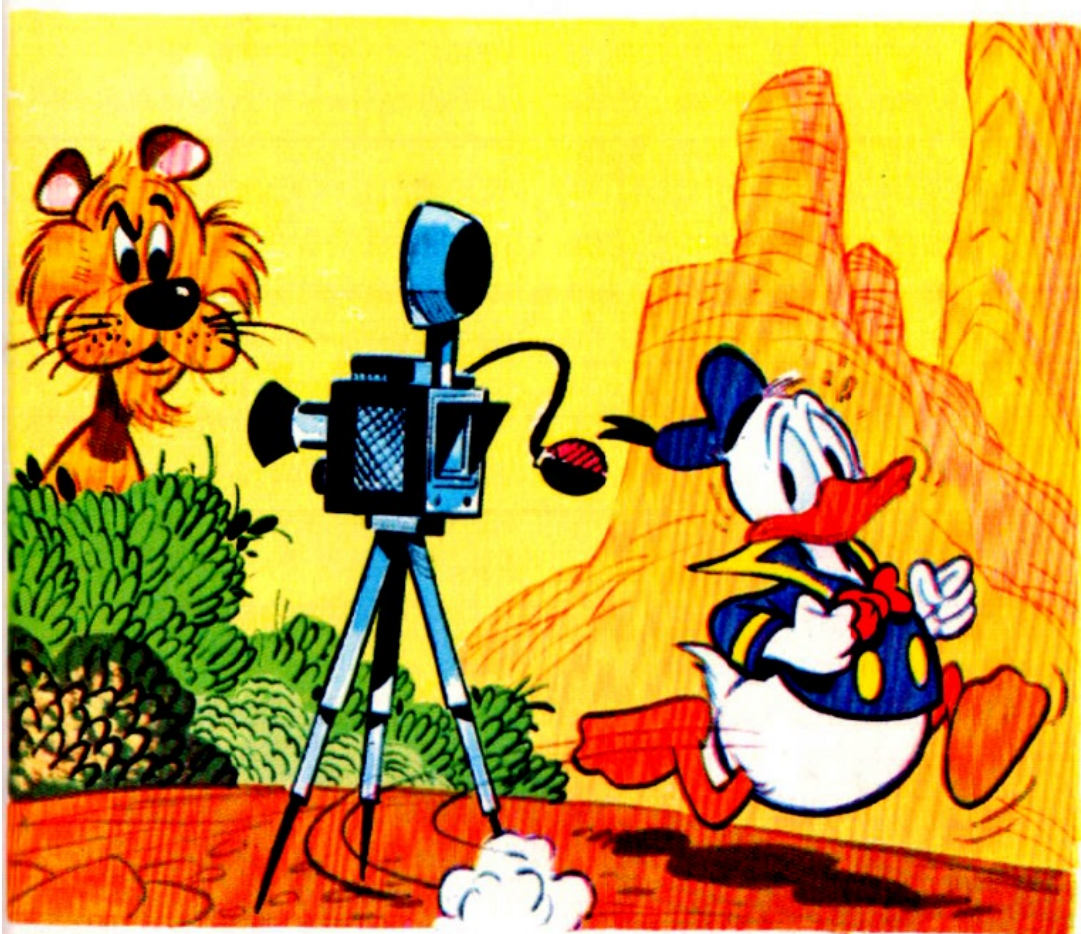
ve conter a sua respiração. Assim, você evitará fotos "tremidas".

Vejamos agora outras boas normas a serem seguidas para a obtenção de boas fotos.

Ao ar livre: coloque-se em posição tal que uma luz

sombra, ou se o dia estiver encoberto mas luminoso, ao mesmo tempo.

Faça fotos próximas: quanto maior a imagem da foto, maiores serão os detalhes que você obterá. Para as paisagens, procure encontrar algo de grandio-



clara e uniforme provenha de suas costas. Para os primeiros planos você obterá melhor resultado se uma nuvem atenuar a luz direta do sol, ou se permanecer à

so ou interessante ao fundo que ajude a encher a foto. Ainda para as paisagens: aplique um filtro amarelo na frente da objetiva que, escurecendo o

céu azul muito luminoso, fará ressaltar o branco das nuvens. Esses filtros jamais devem ser usados com céus cinzentos, em neblina ou chuva. Em nenhuma ocasião deverão ser usados para fotos coloridas.

Nas fotos a cores, fique em posição tal que o sol pleno esteja às suas costas (Atenção! Evite fotografar também a sua sombra projetada no chão!).

Procure motivos e fundos de cores vivas em grandes linhas. No caso de a pessoa a ser fotografada não ter roupa de cores vivas, acrescente a cor com uma echarpe ou lenço colorido. Ou então busque um fundo que encha pelo menos um terço da fotografia com cores fortes e vivas. Não espere bom resultado quando o seu modelo usar

roupas escuras, cor pastel ou brancas, ou quando o fundo for uniforme e monótono.

Fotos em interiores: a luz proveniente de uma janela ou de uma lâmpada deve estar à sua **direita**, ou diretamente **acima** de você. Janelas ou lâmpadas não devem ser incluídas na fotografia.

Seja ao ar livre, seja em interiores, se você fizer fotos de pessoas com a figura inteira, cuidado para não a **decapitar** ou não **amputar** os seus pés. Observe também que haja um pouco de "ar" (espaço), sobre a cabeça e um bom meio centímetro debaixo dos seus pés.

Haveria mil outras coisas a dizer. Mas mesmo estas noções sumárias vão ajudá-lo a executar bons trabalhos fotográficos.

BIBLIOTECA EM CASA

O livro é o nosso melhor amigo, e quem acha um amigo acha um tesouro: donde se conclui que o livro é um tesouro. Isto não significa que se

deva trancá-lo na caixa-forte; ao contrário, ele deverá estar sempre ao alcance da mão, porque pode tornar-se útil a qualquer momento (como dizia o Pate-



ta enquanto usava o único livro da sua casa como calço para uma mesa bamba...!).

O lugar natural do livro é a **biblioteca**; na verdade, este nome, de origem grega, significa mesmo **guarda dos livros**.

Organizar uma biblioteca, mesmo que seja caseira, é um trabalho que exige tempo e concentração de métodos e de idéias.

Comece, então, por consertar as páginas dos livros velhos (se for o caso, encaderne-os ou mande encadernar), depois do que você passará a encapar os demais. Isto feito, coloque etiquetas nas lombadas (como na ilustração), onde constarão o título e o nome do autor. A seguir, arrume na estante os livros, agrupando-os por ordem de assunto. Por exemplo: livros de histórias com livros de histórias, livros de poesia com livros de poesia, e assim por diante. Procure arrumar, juntos e bem ao alcance da mão, os **livros de consulta**, isto é, dicionários, enciclopédias, e, é claro, a **Biblioteca do Escoteiro-Mirim!**

MESADA DE ESCOTEIRO

Os Escoteiros-Mirins sabem controlar suas despesas muito bem.

Eles fazem assim:

1 — Em um caderno, escrevem no alto da primeira página o nome do mês.

2 — Com uma caneta colorida, dividem a página em várias tiras verticais.

3 — Na primeira tira, escrevem a palavra **recebi** e marcam a quantia que têm.

4 — Nas outras tiras, escrevem os tipos de despesas que podem ter: condução, livros, cinema, revistas, diversos, e marcam o que gastam.

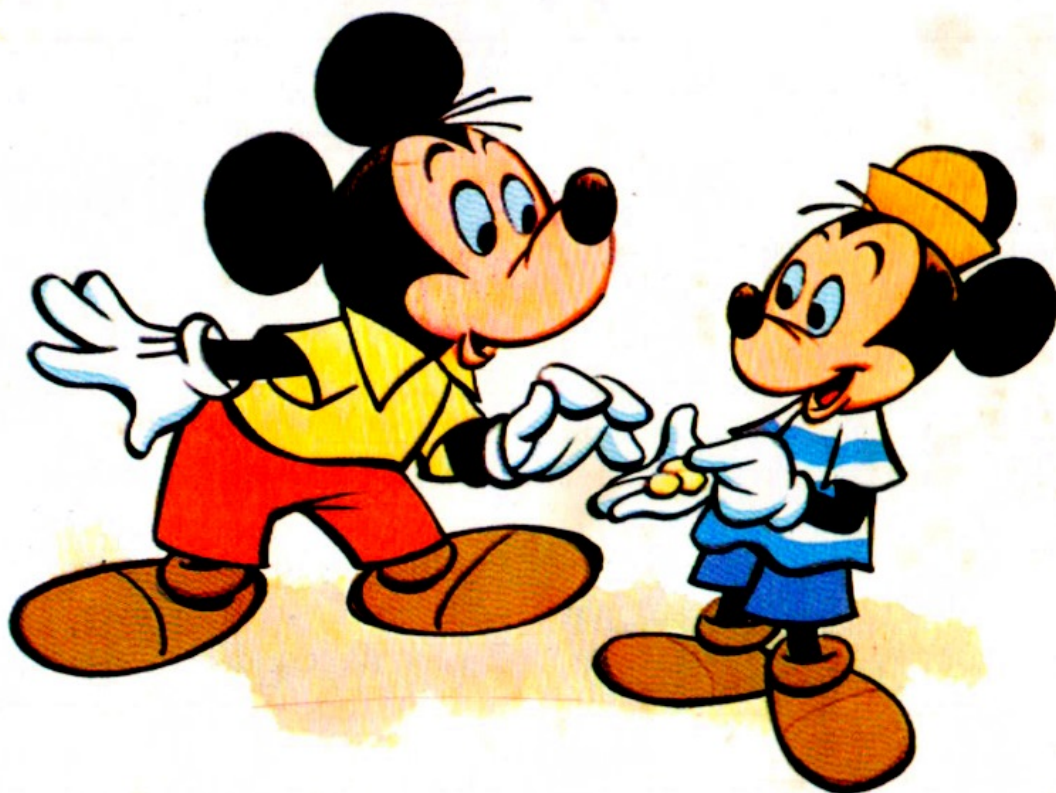
5 — Assim controlam suas despesas, cada dia do mês. E procuram economizar sempre.

6 — No fim do mês somam tudo o que gastaram.

7 — Depois, diminuem o total da quantia do item **recebi**. E ficam sabendo quanto têm de saldo.

8 — Se sobrou algum dinheirinho, eles marcam no caderno a quantia e guardam num envelope.

Agora que vocês já sabem por que os escoteiros sempre têm um dinheirinho no bolso, vocês podem fazer o mesmo.



VIVA A NATUREZA!





DESENHANDO COM O SOL

Certas frutas, como a maçã, escurecem enquanto vão amadurecendo.

Você pode fazer um belo trabalho de impressão nessas frutas, usando apenas fitas adesivas e a luz do sol.

Primeiro, recorte algumas tiras de fitas de cores escuras. No meio das tiras, recorte suas iniciais, caretas, emblemas, ou outros



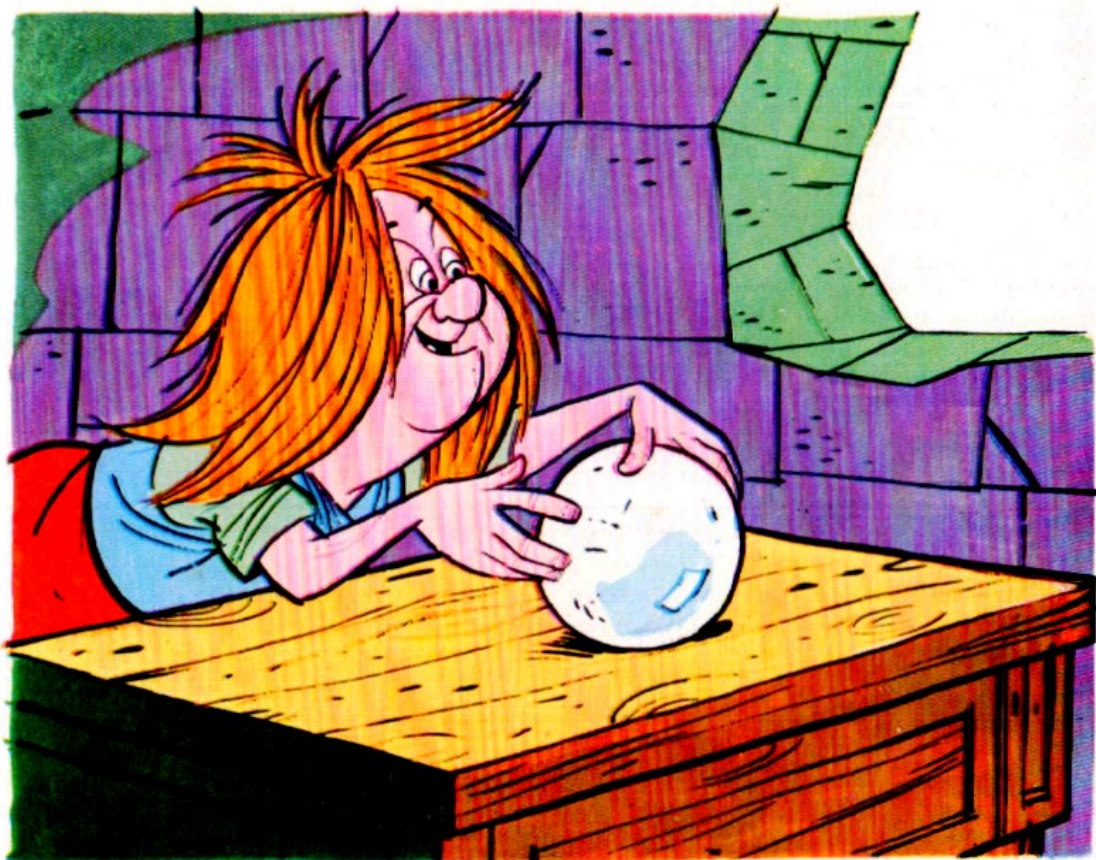
desenhos.

Depois, suba numa macieira, por exemplo, e cole as fitas recortadas em volta das maçãs.

Não se esqueça de que as frutas têm que estar no ponto certo: bem crescidas, mas ainda verdes.

Cole as fitas com a parte recortada do lado em que as frutas recebem mais sol.

Quando as maçãs estiverem maduras, retire as fitas. Você vai ver que os desenhos ficaram impressos nas cascas!



QUE TEMPO VAI FAZER?

Você saberia dizer, com alguma aproximação, que tempo vai fazer? Um Escoteiro-Mirim "sempre alerta" sabe, na verdade, que...

— Haverá chuva, se a lua estiver com um halo à sua volta.

— Vai fazer bom tempo se a fumaça de uma chaminé ou fogueira sobe verticalmente e se dissipa com rapidez; e fará tempo úmido e chuvoso se a fumaça e o vapor permanecerem mais tempo no ar.

— O temporal é iminente quando o galo cantar fora de hora, os patos espojarem-se e baterem as asas sobre a água.

— A teia de aranha é um pouco como o barômetro. De fato, quando ameaça chuva ou ventania, a aranha encurta os últimos fios dos quais está suspensa e permanece quieta, como se estivesse inerte. Se ela alongar tranquilamente os últimos fios, irá fazer, sem dúvida, bom tempo; se ela se entrega ao seu

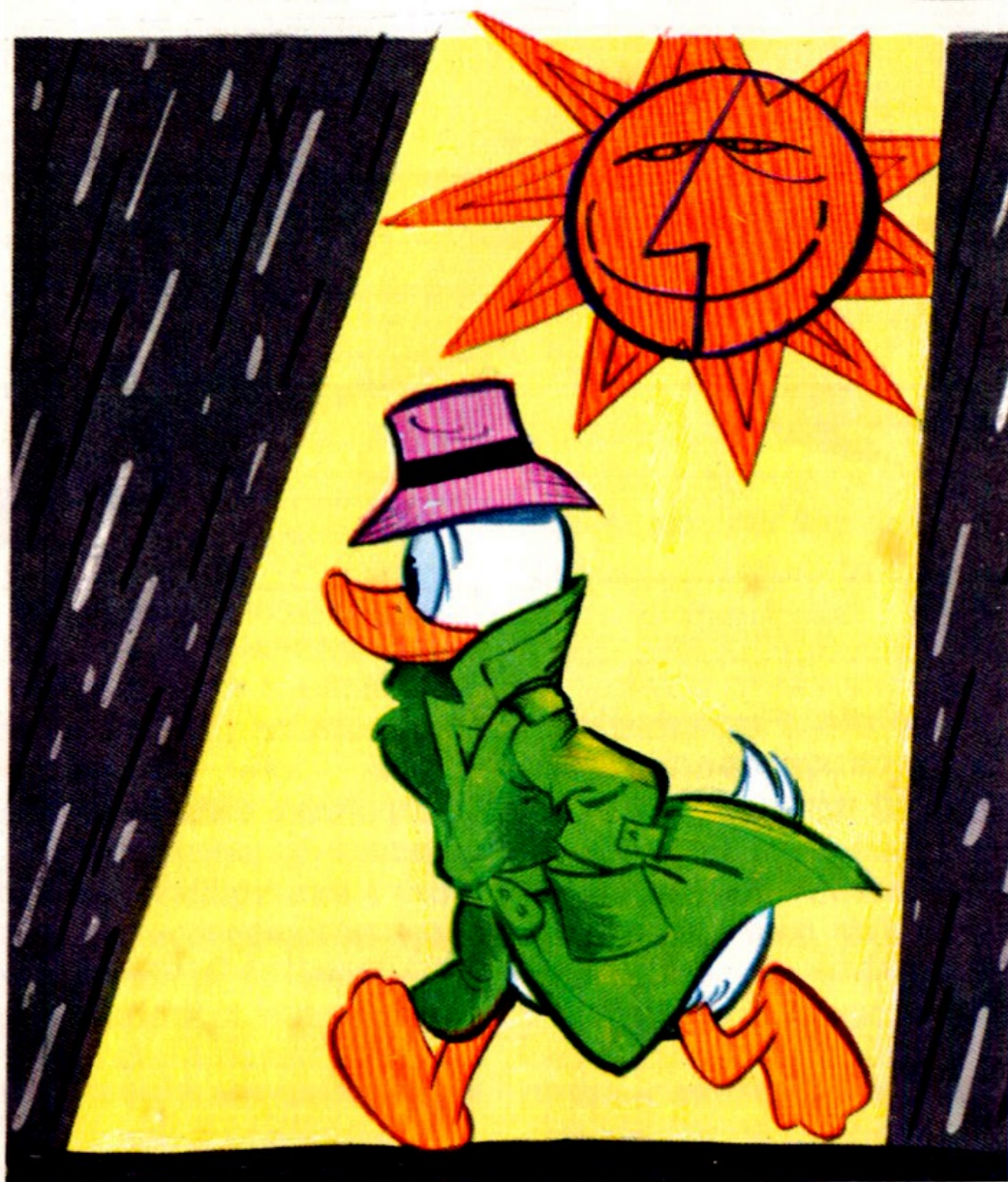
trabalho de tecer mesmo durante a chuva, isso significa que esta cessará muito breve.

— O mau tempo se avizinha se as andorinhas voarem muito baixo, com frequentes mergulhos em direção ao solo.

— O tempo deverá ser bom se os rouxinóis cantarem toda a noite.

— Se as nuvens parecerem fofas, um bom tempo estará assegurado; se elas tiverem contornos talhados, haverá ventania; o vento será bem forte se as nuvens estiverem amontoadas ou esfarrapadas.

— Um pôr-do-sol amarelo pálido... sinal de chuva. O único jeito é ir preparando a capa e o guarda-chuva!





FAISÃO

O faisão é uma ave vistosa que pertence à mesma família do pavão.

O faisão macho é muito mais bonito do que a fêmea. Ele tem plumagem brilhante e multicolorida e cauda bem comprida.

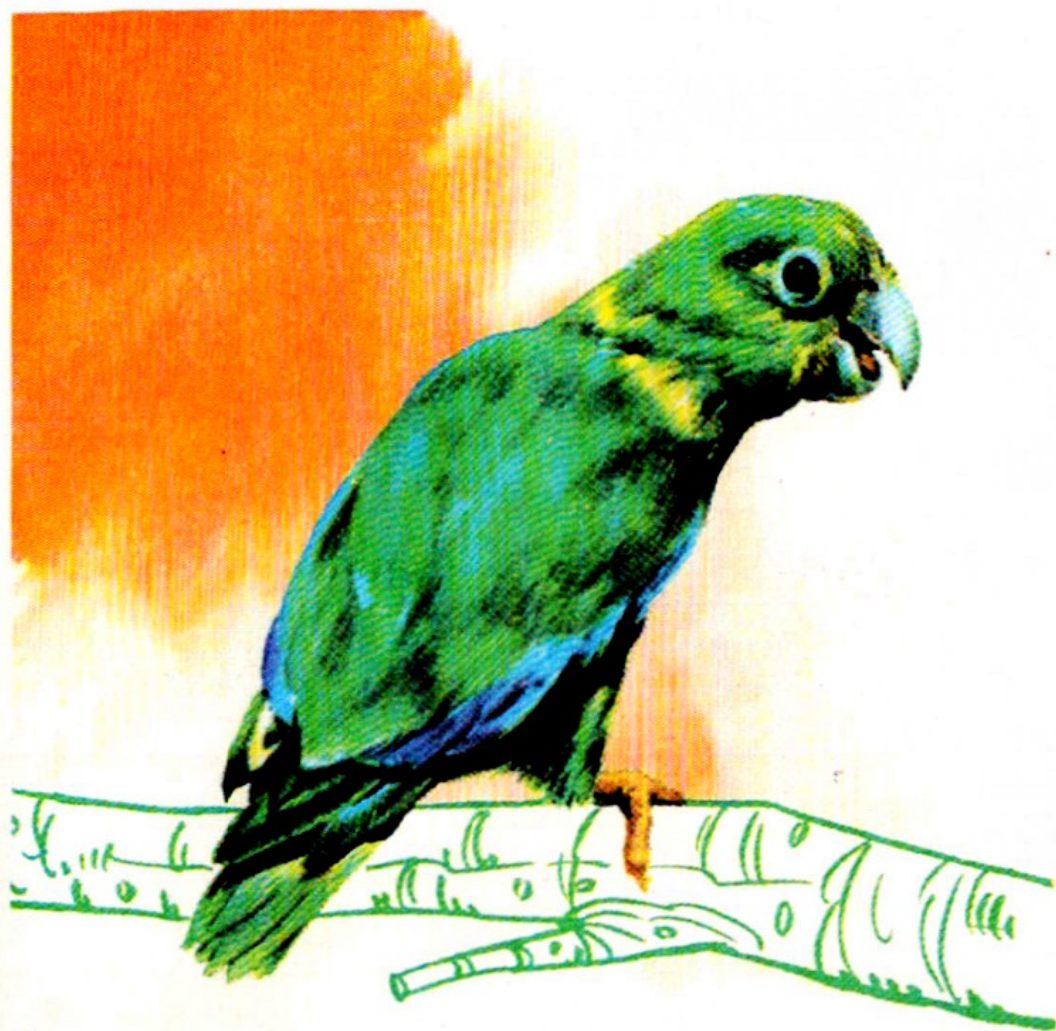
A fêmea põe ovos e esconde o ninho com as próprias penas, que são da cor da terra. Assim, o ninho

fica protegido do ataque de outros animais.

O faisão é uma ave muito comum no Oriente e na Europa.

A palavra faisão deriva do nome de um rio — Phasis — da região do Cáucaso, na Europa.

No Brasil, o faisão foi facilmente domesticado, pois não se adaptou muito bem à vida selvagem. Ele é criado, aqui, somente com finalidades comerciais.



TUIM

Os tuins pertencem à família dos papagaios, araras e periquitos.

São pássaros pequenos, quase totalmente verdes, com exceção de algumas penas azuis nos machos.

Os tuins, também chamados de quilins em Sergipe, vivem em bandos pelas matas de quase todo o Brasil. Quando pousam, os

casais se juntam dois a dois.

Os tuins não aprendem a falar como os papagaios, nem têm a plumagem deslumbrante das araras. Mesmo assim, são muito apreciados no cativeiro, pois se acostumam com o dono, ficando mansos e dóceis.

Os casais são em geral carinhosos e dedicados. Eles vivem quase sempre bem juntinhos, coçando as penas com os bicos, ou cantando ao mesmo tempo, como se conversassem.



SABIÁ-LARANJEIRA

O sabiá talvez seja o pássaro mais famoso do Brasil. Seu canto é muito apreciado, sendo comparado ao do rouxinol.

Por isso, existem muitas canções e poesias falando sobre ele.

Na Amazônia, os sabiás são chamados de caraxués. E as pessoas do campo não dizem "o sabiá", e sim "a sabiá".

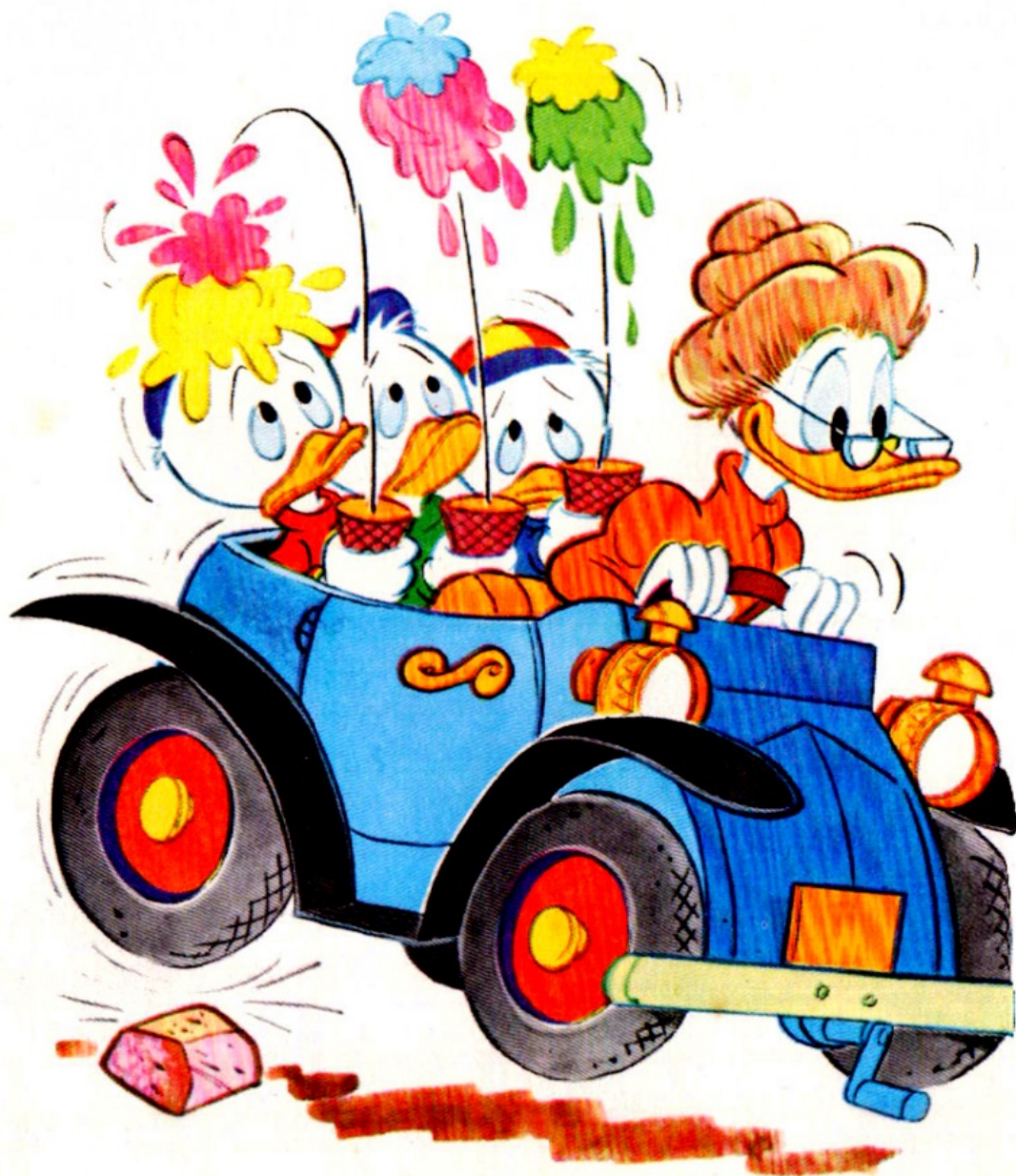
Há 14 espécies brasilei-

ras desse pássaro. A mais conhecida é a do sabiá-laranjeira. Ele pode ser encontrado em qualquer lugar arborizado.

Todos reconhecem que ele é um dos melhores cantores entre as espécies de pássaros do Brasil.

Os sabiás, que vivem nas regiões mais frias, fazem pequenas migrações no inverno, procurando um clima mais ameno.

HORA DO LANCHE



A PISCICULTURA

Os conhecimentos de Mickey sobre criação de peixes já estavam ficando famosos. Acontece que não fazia muito tempo, ele e Pluto tinham ido passear em Veneza e encontraram uma espécie rara que só existia no mar Mediterrâneo.

— Estão vendo? — perguntou o Mickey apontando um enorme aquário com água salgada — Este é o peixe que nós trouxemos da Itália. Vou cuidar dele como fizeram os antigos romanos e chineses, os precursores da

arte de criar peixes!

Desde aquela época até hoje, em tanques e açudes, é possível desenvolver raças de peixes planejadas quanto ao tamanho, o peso, a cor, a forma dos olhos e outros detalhes que sejam bonitos ou curiosos.

Os japoneses, por exemplo, levaram gerações para selecionar, a partir de uma carpa, um peixe minúsculo, com lindas nadadeiras, e muito decorativo, — aquele simpático peixinho vermelho de aquário!



FILE DE PEIXE À MODA VENEZIANA

Você vai precisar de:

- 4 filés de peixe
- 1/4 de xícara de manteiga ou margarina
- 2 colheres (de sopa) de azeite
- 3 dentes grandes de alho picados
- 1/2 xícara de salsinha picada
- 1/2 colher (de chá) de pimenta
- 1 lata de purê de tomate
- 1 lata de água (use a lata do purê de tomate como medida)
- 1 colher (de sopa) de orégão

- 2 colheres (de sopa) de extrato de tomate
- 1/2 colher (de chá) de sal

Modo de fazer:

- 1 — Misture o azeite e a manteiga numa panela grande. Aqueça.
- 2 — Junte o alho e a salsinha e deixe cozinhar em fogo lento por 5 minutos.
- 3 — Adicione o sal e a pimenta. Junte o purê de tomate, a água e o orégão.
- 4 — Deixe cozinhar em panela tampada, em fogo lento por 10 minutos. Junte o peixe e cozinhe por mais 10 minutos.



O CHOCOLATE

Como o Pardal sabia que Margarida gostava muito de chocolate, resolveu convidá-la para testar sua última invenção.

Imaginem o que era... Uma chaleira de três bicos que fornecia chocolate quente, chocolate momo e chocolate gelado, à vontade do freguês!

Margarida pegou sua xícara e lembrou-se do que

lera naquela manhã: séculos antes dos espanhóis chegarem à América, os astecas já conheciam as favas de cacau e com elas faziam um líquido escuro que chamavam de *tchocolatl*.

Com a conquista espanhola, o chocolate espanhou-se pela América e chegou à Europa para ser, hoje, o alimento predileto de todas as crianças do mundo!

BOLO RÁPIDO DE CHOCOLATE

Você vai precisar de:

- 2 xícaras de farinha de trigo
- 1 1/3 xícara de açúcar
- 1/2 xícara de chocolate em pó
- 3 colheres (de chá) de fermento em pó
- 1 colher (de chá) de baunilha
- 2/3 de xícara de manteiga ou margarina
- 1 xícara de leite
- 3 ovos

Modo de fazer:

- 1 — Unte bem uma assadeira de uns 32 cm x 22 cm.
- 2 — Use a batedeira, em velocidade baixa, para misturar tudo. Depois, aumente a velocidade e bata por mais 3 minutos.
- 3 — Agora, procure espalhar bem a massa na assadeira já preparada.
- 4 — Asse em forno moderado por 30 minutos.
- 5 — Deixe esfriar bem e corte em quadrados.

CHOCOLATE QUENTE

Você vai precisar de:

- 1 tablete grande de chocolate meio amargo
- 1/2 xícara de água
- 2/3 de xícara de açúcar
- 1/2 xícara de creme de leite batido em chantilly

Modo de Fazer:

- 1 — Misture numa panela o chocolate (quebrado em pedaços) e a água.
- 2 — Leve ao fogo brando e mexa até que o chocolate derreta totalmente.

3 — Junte o açúcar. Deixe levantar fervura, abaixe o fogo e cozinhe por 4 minutos.

4 — Deixe esfriar. Bata o creme de leite na batedeira até que, levantando a pá, o creme fique em picos.

5 — Junte o creme batido ao

chocolate. (Esta mistura pode ser guardada na geladeira por alguns dias).

6 — Para servir, coloque 1 colher (de sopa) bem cheia do creme numa xícara (de chá) e misture leite quente. Depois, é só mexer. Dá 8 xícaras.



AMADEU E O REFRESCO DE MELANCIA

O Amadeu veio visitar a Vovó Donalda e lhe trouxe uma receita: refresco de melancia.

— Uma das mais importantes frutas tropicais! — observou Mickey ao receber

sua porção — Mas... aqui não tem refresco! Só tem melancia!

— E o que você queria? — explicou-se o Amadeu — Melancia pura é o melhor refresco do mundo!

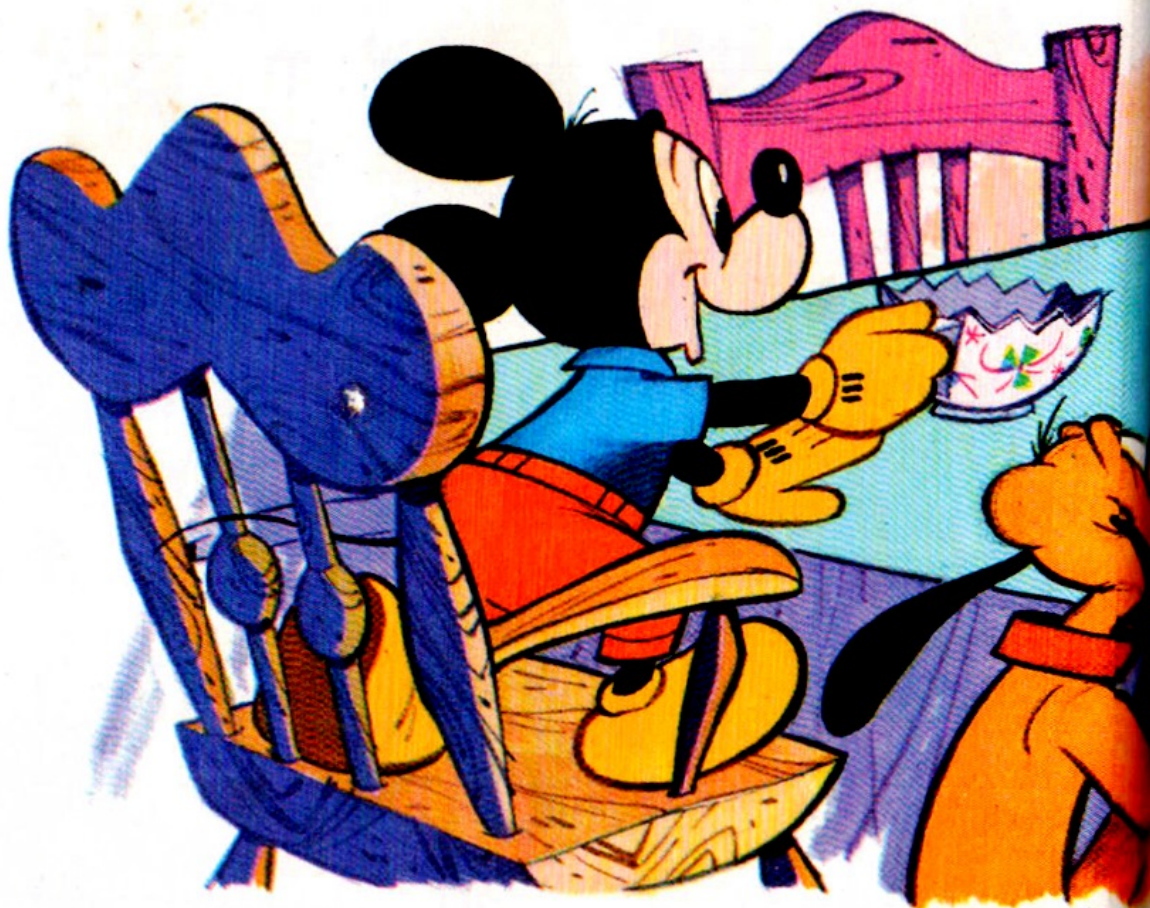
REFRESCO DE MELANCIA

Você vai precisar de:

- 1 1/2 colher (de sopa) de suco de limão
- 1 1/2 colher (de sopa) de açúcar
- 3 xícaras de melancia sem sementes cortada em quadradinhos

Modo de fazer:

- 1 — No copo do liquidificador coloque o suco de limão, o açúcar e 1 xícara de melancia.
- 2 — Tampe e bata bem. Junte a melancia restante e torne a bater.
- 3 — Sirva com cubos de gelo.

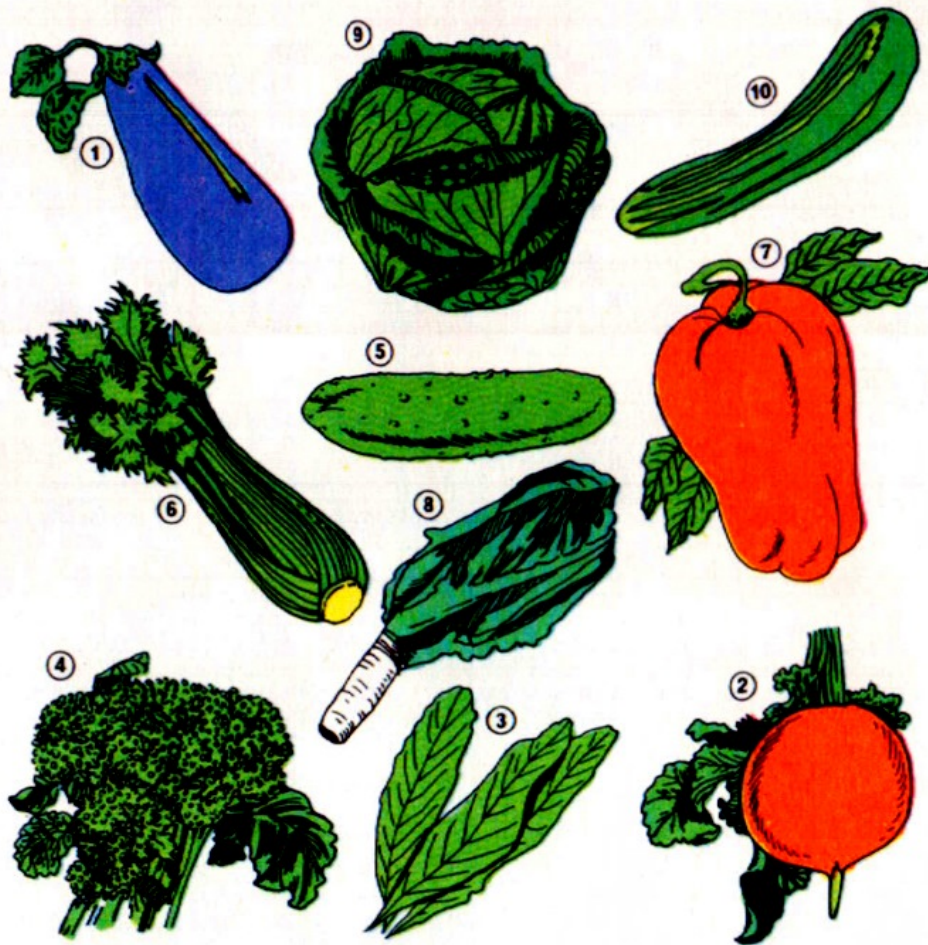




A SALADA DA VOVÓ

Na geladeira da Vovó, há sempre legumes e verduras para sopas e saladas, comidas que ela não dispensa porque são muito saudáveis.

Os legumes e as verduras que a Vovó mais gosta estão ilustrados abaixo. Você sabe o nome deles? E seus amigos sabem? Escreva num papel as respostas e depois confira com as do fim da página.



Confira suas respostas aqui:

1 - Berinjela. 2 - Tomate. 3 - Espinafre. 4 - Brócolos. 5 - Pepino. 6 - Aipo. 7 - Pimentão. 8 - Chicória. 9 - Repolho. 10 - Abobrinha.

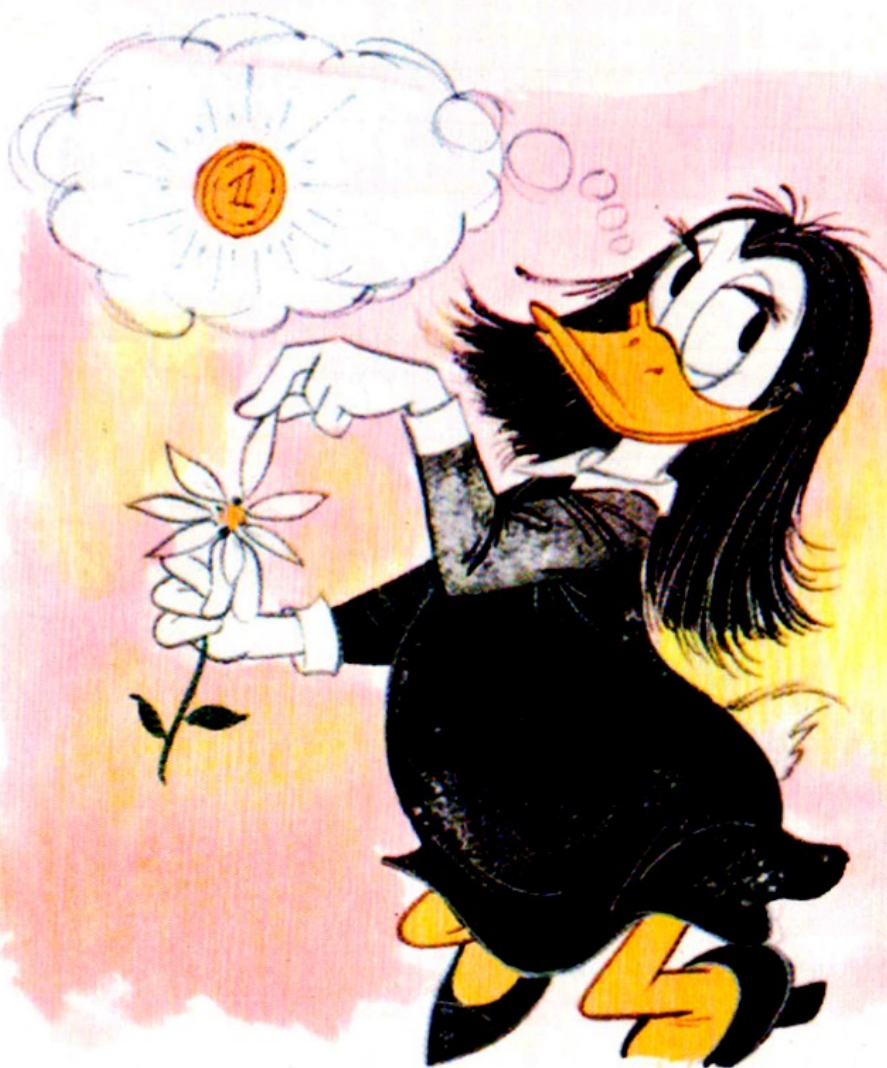
MÁGICAS, JOGOS & BRINCADEIRAS



PARES SEM ÍMPARES

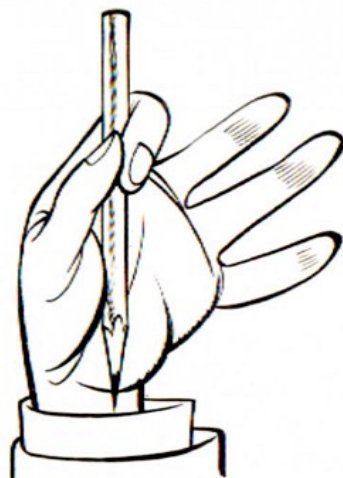
Pegue a um amigo que formule, em segredo, um desejo. Pegue dois dados e um copinho de dados. Se você não tiver um copinho, um copo de vidro também serve. Coloque os dados dentro. Com a mão tapando o copinho, sacuda com força e, em seguida, jogue três vezes os dados sobre a mesa, verificando se o total de pontos é par ou ímpar. Se o

total obtido nas três vezes for um número par – anuncie que o desejo vai se realizar logo. Se o total par for obtido duas vezes em três jogadas, dê a entender que o desejo será atendido, mas não já. Terá de esperar um pouquinho. Finalmente, se não conseguir um número par, seja diplomata, use um pouco de psicologia... e passe para o jogo seguinte!



O LÁPIS FANTASMA

Pêça ao público que lhe empreste um lápis. Quanto mais sofisticado o lápis, melhor. Exiba o lápis na sua mão esquerda, como indica o desenho, depois recubra com um lenço. Pronuncie a tradicional fórmula mágica e os passes magnéticos costumeiros. Ponha bruscamente a outra mão sobre o lenço que a mão esquerda segura, e faça uma bola do lenço. O lápis sumiu! O segundo desenho (na página seguinte) mostra como você deixou deslizar dentro da sua manga o lápis, tão logo ele foi recoberto pelo lenço, e seu dedo o substituindo de maneira perfeita. Gire a mão esquerda bem aberta para mostrar que está vazia, enquanto a direita fica sempre segurando o lenço em forma de bola. Chame a atenção do público sobre o lenço e, nesse meio tempo, abaixe o braço esquerdo com as costas da mão em direção ao público, e os dedos dobrados para reterem o lápis que volta a cair de dentro da sua manga. Com um pouquinho de treino, você conseguirá prender facilmente uma ponta do lápis na base dos dedos, enquanto a outra ponta fica presa pela orla da sua manga. Agora, você

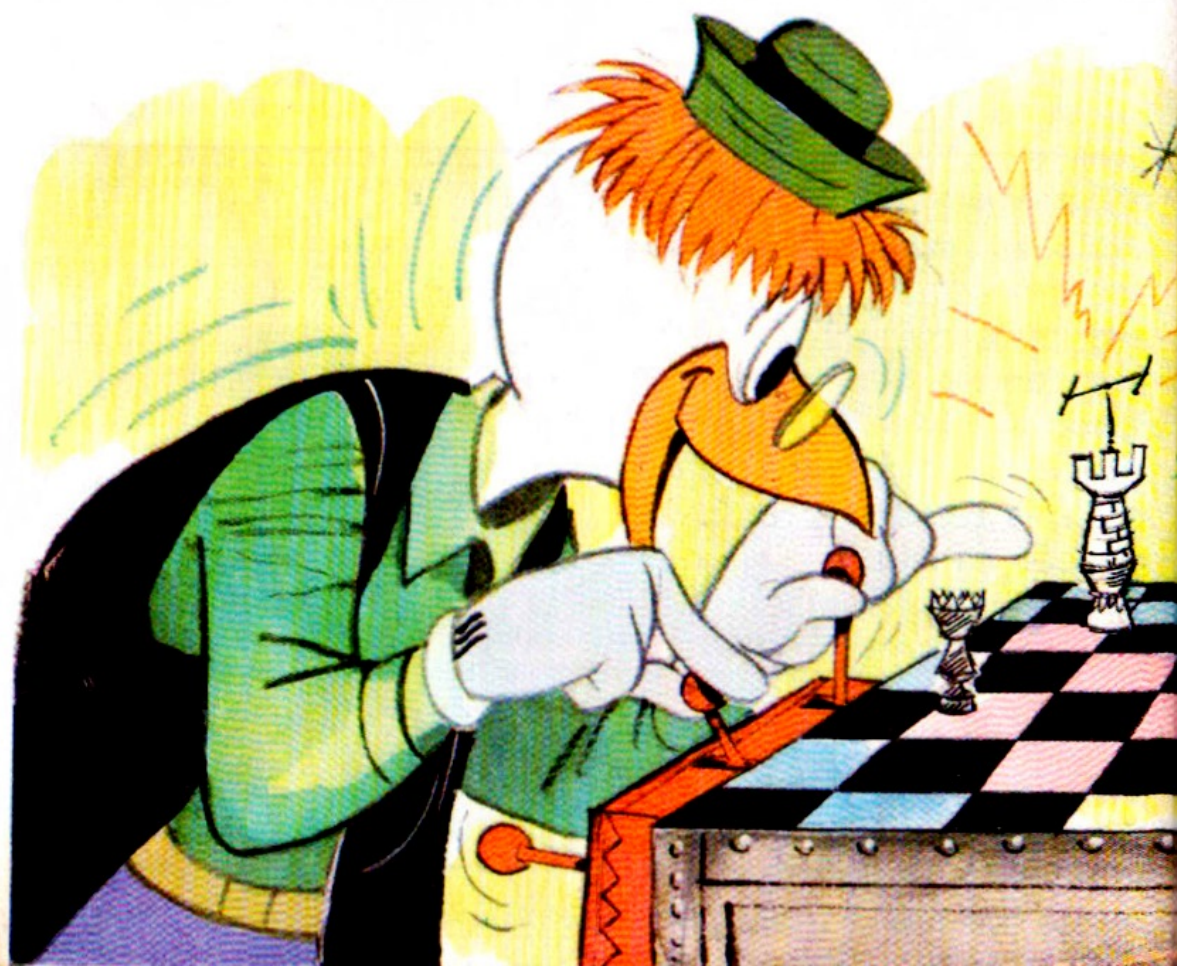
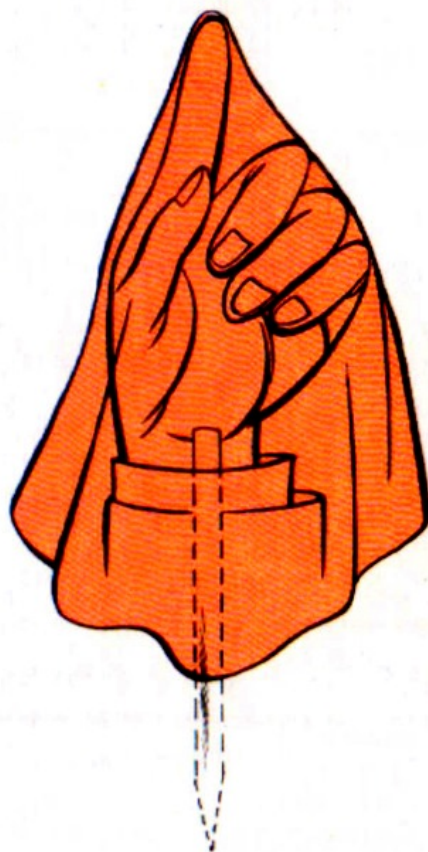


pode levantar o braço esquerdo com um gesto natural sem que o lápis caia no chão. Mostre os dois lados do lenço que você abriu, isto feito com a mão esquerda, é claro. Tome cuidado para mostrar apenas as costas desta mão, os dedos dobrados numa posição natural, a ponta do lenço presa entre o



polegar e o dedo indicador da mão esquerda.

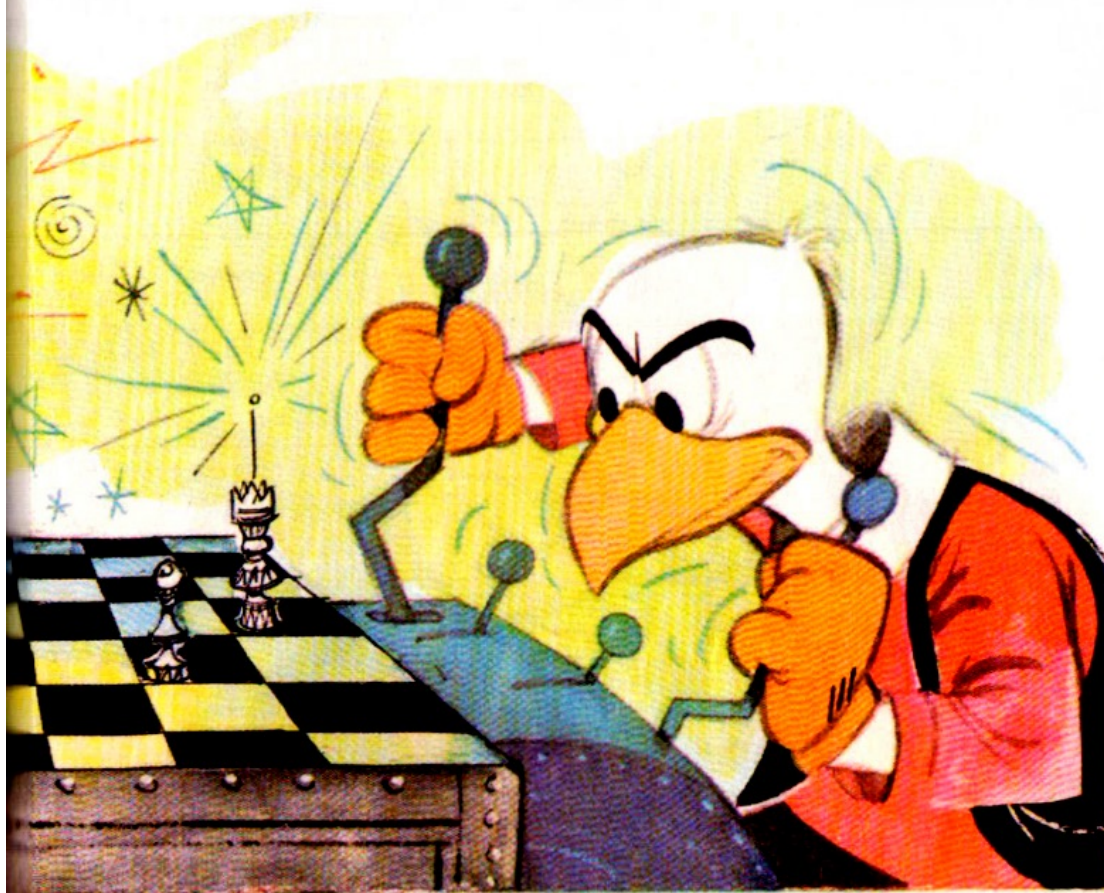
Nesse momento, sua mão direita larga a presa enquanto o seu braço esquerdo se levanta; o lenço dissimula o lápis que está escondido na palma da sua mão. Um último gesto da mão direita para pegar o lenço (e o lápis também) e, assim, ao esticar o lenço, o público assiste à volta do lápis-fantasma!



O INEVITÁVEL 100

Voltemos por um instante à magia dos números. Aposte com alguém que, ao somar números que vocês vão escolher simultaneamente — e que jamais serão superiores a 10 — você será **sempre** o primeiro a realizar o total de **100**. Isto ocorre porque você quer, porque seus dons de mágico dirigem seu pensamento de tal maneira que o seu amigo

não consegue ganhar! (Mas, aqui entre nós, tudo isso é só “papo” de mágico.) Trata-se de simples problema de matemática que você aprenderá facilmente. Tire no par-ou-ímpar quem começa primeiro. Se for você, comece por 1. Seu adversário vai dizer . . . qualquer número, e isso não tem importância. Contanto que, qualquer que seja o número anunciado pelo seu amigo, você anuncie sempre o número que lhe permita atingir um dos “números mágicos” seguintes: 12, 23, 34, 45,



56, 67, 78, 89. Assim, você ganhará automaticamente a aposta, pois seu amigo, só podendo servir-se de um número menor que 10, será obrigado a reconhecê-lo como vencedor.

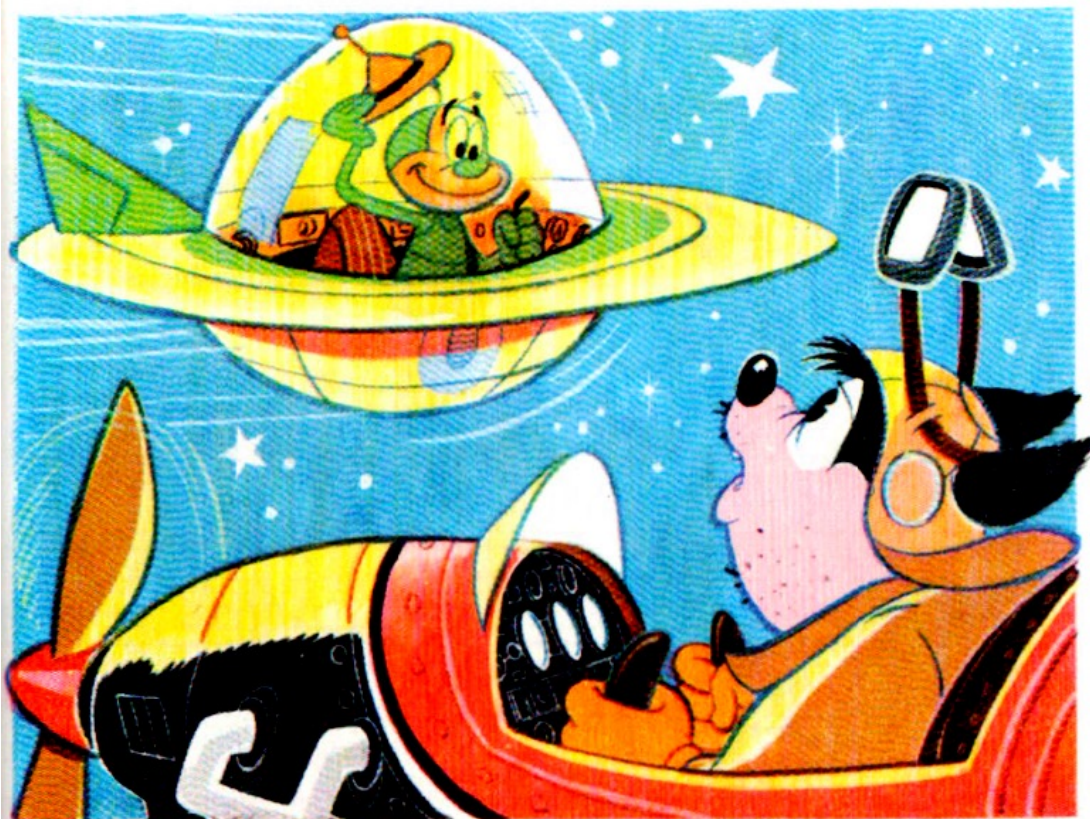
Se é o seu adversário quem começa e diz 1, não se preocupe. Você vai ter sempre a chance de "pegar o bonde andando". É que você terá a oportunidade, no caminho, de atingir um dos "números mágicos" da série (45, 56, 67, 78 ou 89, por exemplo)

ao qual você se prenderá com a certeza da vitória!

O NÚMERO TRAÍDO

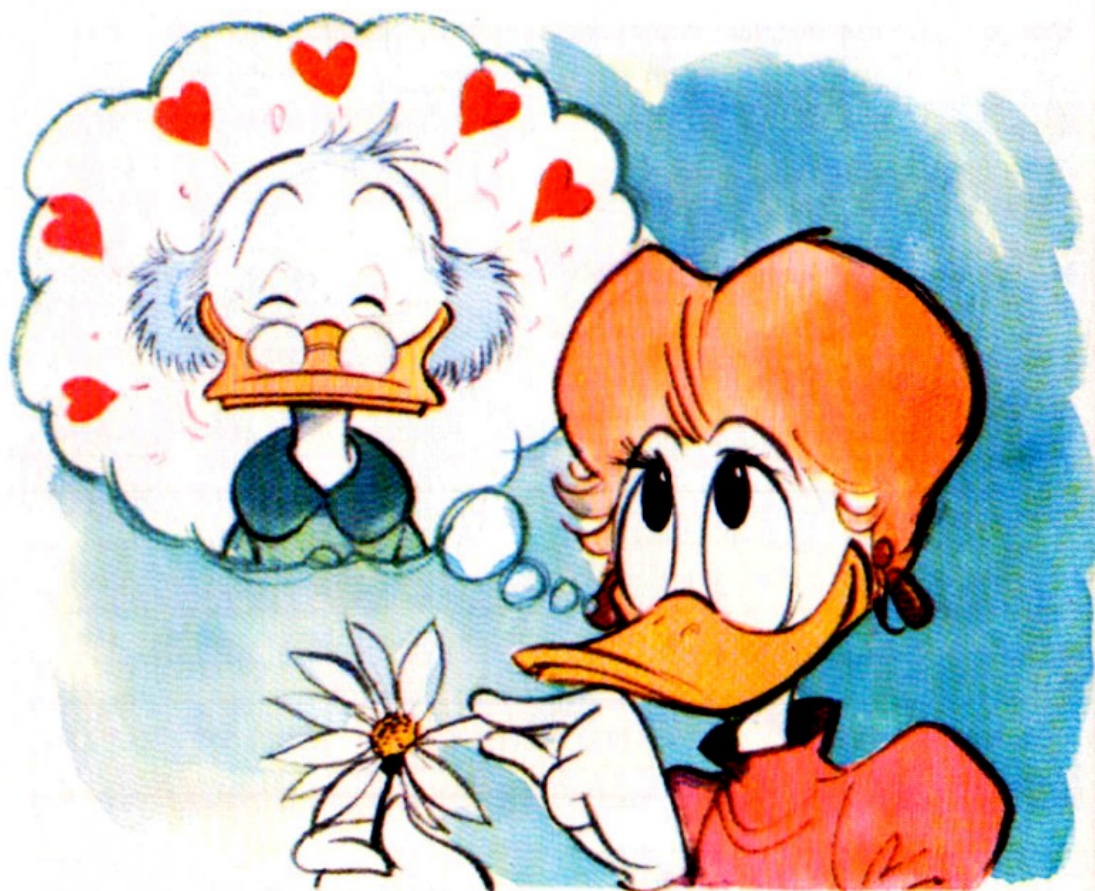
Seus amigos ficam espantados com a sua habilidade de brincar com números? Então, é bem provável que eles estejam louquinhos para pegar você no pulo. Pois, então, seja esperto e pegue-os, antes que eles peguem você! Eis um número aparentemente





complicado, mas que é simples. Baseia-se numa regra matemática pouco conhecida. Dê a um voluntário uma folha de papel e um lápis. Fique de costas e diga para que escolha um número da preferência dele (6, por exemplo), mas ele pode escolher também um número de dois ou três algarismos. Peça-lhe que multiplique o número escolhido pelo próprio número e anote o resultado. Em seguida, ele deve multiplicar o número imediatamente superior ao que escolheu por ele mesmo. Agora, peça que ele subtraia o menor resultado do maior e anuncie o número obtido. Você divide

esse número por 2 sem levar em conta a decimal. Obtém, assim, o número escolhido. A prova? Aqui está: $6 \times 6 = 36$. $7 \times 7 = 49$. $49 - 36 = 13$. 13 dividido por 2 é igual a: 6,5. Ao deixar a decimal de lado você obtém 6, ou seja, o número pensado. Esta é a versão mais simples. Se você quiser complicar o jogo um pouco mais, estenda o tempo da brincadeira. Depois de você ter obtido o número de seu amigo, e terminado o trabalho de adivinhação, peça ao outro para somar 178, subtrair 83, dividir por 5 e multiplicar por 8, e assim por diante, até achar que a brincadeira já durou o suficiente.



AS PREDIÇÕES DOS CHÁS

Depois de ter preparado e servido o chá, despeje o fundo da chaleira e as folhas que se juntaram, numa xícara de fundo branco ou claro. Mexa a xícara de modo a espalhar as folhas. Agora, vire a xícara de maneira a eliminar o pouco de líquido que resta. Você vai perceber, então, que as pequenas folhas de chá ficaram grudadas no fundo, compondo diversas figuras. Procure atribuir uma forma a estas figuras e anuncie à dona da xícara (a pessoa que bebeu o chá) o que a aguarda no futuro. E você vai dizer, de acordo com as

formas:

- uma flor com três pétalas: um golpe de sorte que se aproxima;
- uma estrela: ganho de dinheiro em breve;
- uma árvore com vários galhos: são dias felizes que se aproximam;
- uma serpente: indício de notícia desagradável;
- um animal selvagem: uma pessoa pouco amigável na vizinhança;
- um sol: presságio feliz para os seus projetos;
- um cachorro: bons amigos vão ajudar você;
- uma casa: fim de uma situação desagradável.

INVENTOS & INVENTORES





O SAPATO

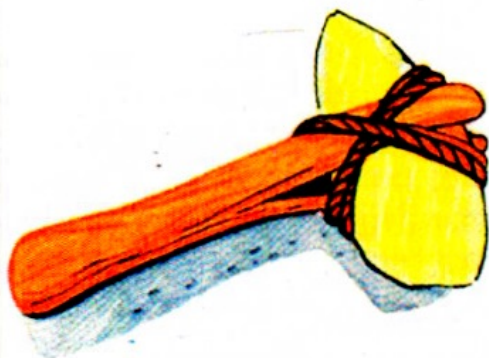
O sapato mais famoso que se conhece é o de Cinderela, lembram? Graças a ele, uma jovem humilde se tornou princesa. Mas, em geral, a gente não pensa no valor de um sapato e no trabalho que dá para fazer. Náufragos que durante muitos anos levaram uma vida semelhante à de Robinson Crusoe contam que conseguiram fabricar bons utensílios; não conseguiram, porém, fazer bons sapatos. O sapateiro, antes chamado remendão, é considerado um dos primeiros artesãos da humanidade, e sua arte, uma das mais antigas profissões do mundo.



O primeiro calçado surgiu quando o homem primitivo, para se proteger do frio e das irregularidades do solo em que caminhava, amarrava uma pele de animal aos pés. Depois que ele inventou a agulha, essa pele passou a ser costurada, e a técnica foi-se aperfeiçoando.

O povo egípcio já tinha uma grande variedade de sandálias, assim como o grego e o romano. E foi a sandália de fabricação exclusivamente manual que evoluiu para o sapato, como nós o conhecemos. Em 1790 foi montada a primeira máquina experimental de costurar sapatos. Em 1810 passou-se a usar pregos de metal para fixar as solas. Em 1839 os sapatos passaram a ser feitos com formas de madeira. Hoje o calçado é fabricado principalmente a máquina, mas um calçado "feito a mão" ainda tem seu valor, pois costuma ser mais bem acabado.

MACHADO, MARTELO & CIA.



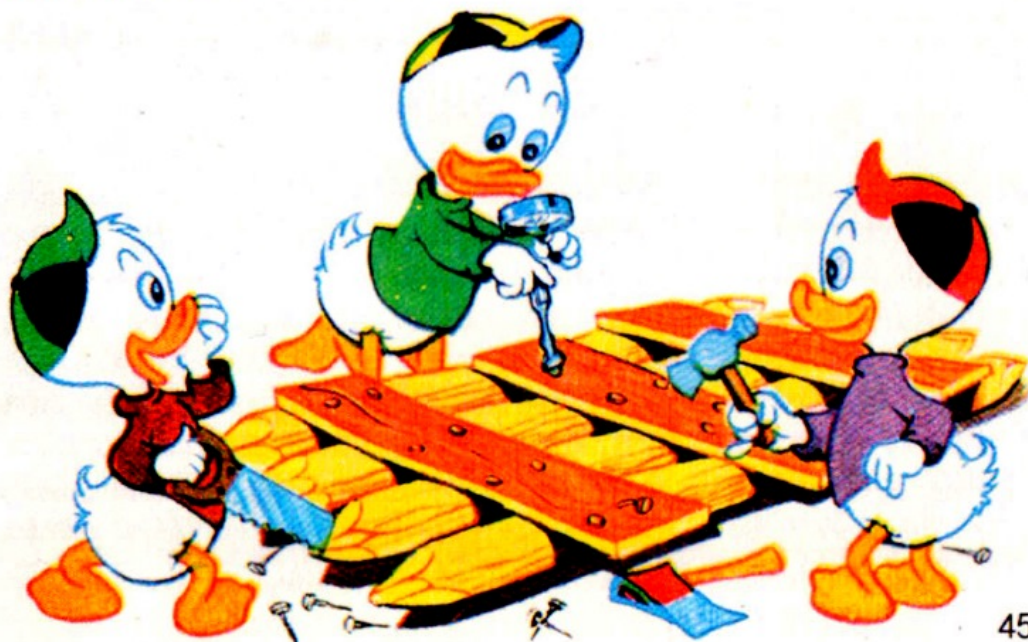
O machado de pedra foi uma das primeiras armas do homem, mas também uma das primeiras ferramentas. Com ela o homem se defendia dos animais ferozes, mas também a usava como martelo. Servia para lascar a pedra e fazer pontas de lanças, facas rudimentares e também outros machados. Assim ia nascendo a manufatura de instrumentos de trabalho e surgiam os primeiros apetrechos práticos, precursores de mui-

tas das ferramentas de hoje.

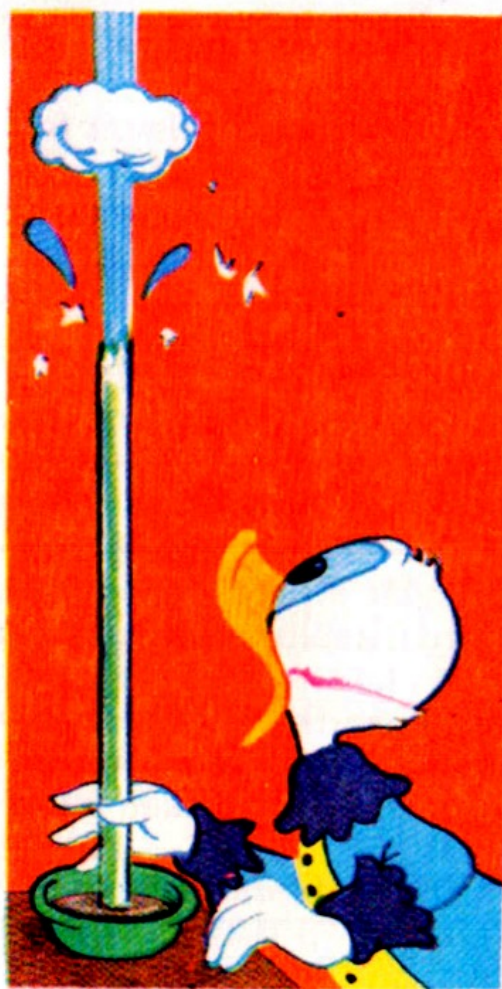
Entretanto, a palavra ferramenta está ligada à palavra ferro. E as verdadeiras ferramentas (as feitas de ferro) surgiram por volta do ano 1000 a.C. A importância que adquiriram na vida dos povos dessa época deu-lhe o nome: Idade do Ferro.

Os gregos, que eram grandes mestres ferramenteiros, exploravam suas jazidas minerais com picaretas e martelos, talhadeiras e cunhas de ferro forjado (aquecido e moldado numa forja).

Os antigos japoneses também produziam boas ferramentas, muito parecidas com as usadas na Grécia.



O BARÔMETRO



Você sabia que o ar tem peso? Pois tem: 1 litro de ar pesa cerca de 1,3 grama-força. Gozado, não? E sabe quanto pesa 1 grama-força? Mais ou menos a mesma coisa que 1 centímetro cúbico de água. Pois bem, tendo peso, o ar exerce pressão também. Embora grande, essa pressão não faz mal aos homens, assim como a pressão da água não faz mal aos peixes. Isso porque ela

se exerce uniformemente, quer dizer, em todas as direções.

Hoje em dia, medir a pressão do ar é muito importante em várias atividades, como a aviação e meteorologia. A pressão atmosférica é medida por um instrumento chamado **barômetro**. O nome vem do grego: **baros** = pressão; **métron** = medida.

Esse aparelho foi inventado em 1643 por um jovem cientista italiano, Evangelista Torricelli. O barômetro de Torricelli era um tubo de vidro fechado, cheio de mercúrio. Depois, ele era invertido, mergulhando-se a extremidade aberta em uma cuba também cheia de mercúrio. A pressão do ar sobre a superfície do mercúrio da cuba faz o líquido subir no tubo. A altura da coluna de mercúrio, no tubo, depende da pressão atmosférica: o mercúrio sobe ou desce conforme a temperatura aumenta ou diminui.

Ao nível do mar, a altura da coluna é de aproximadamente 76 centímetros. Quando nos elevamos acima do nível do mar, há menos ar sobre nós. Por isso, sua pressão diminui, fazendo baixar cada vez mais o mercúrio no barômetro.

O MICROFILME

Como você sabe, a história do mundo é conservada através de documentos. Acontece que quanto mais a história do mundo estica, menos espaço existe para abrigar tanta papelada. Qual a solução?

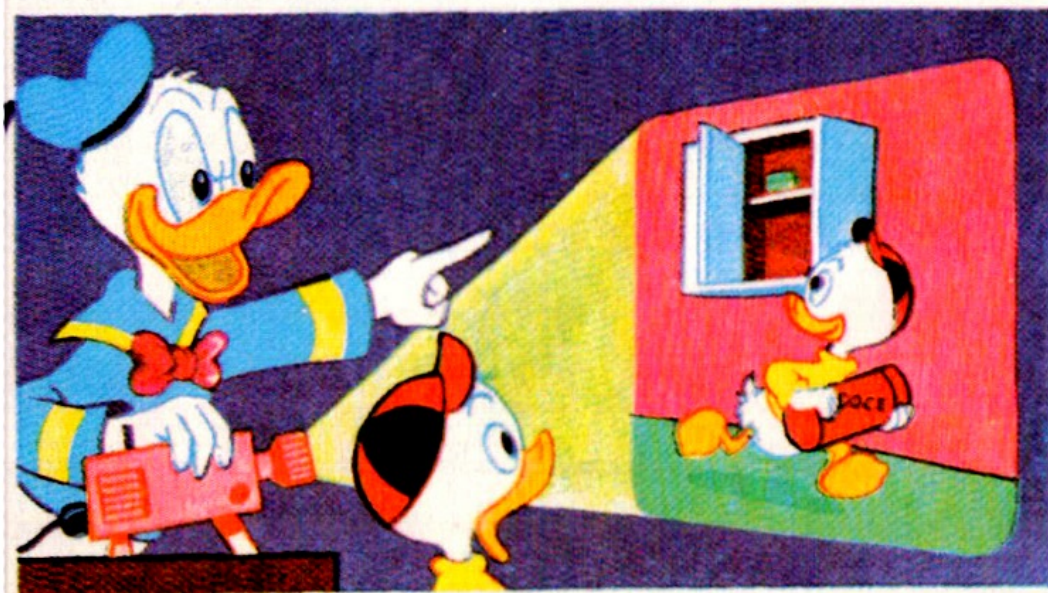
O **microfilme**. Por este processo podem ser guardados todos os livros já escritos no mundo até hoje, em todos os idiomas. A microfilmagem consiste em tirar cópias fotográficas de livros, revistas ou documentos usando-se filmes de tamanho menor, como os de cinema: de 16, 35, 70 e 105 milímetros.

Durante a Segunda Guerra Mundial os serviços secretos mandavam mensagens inteiras dentro de

um... simples ponto final de uma carta inofensiva! Isso era obtido através de **reduções fotográficas**: você pega a imagem que quer reduzir e a projeta através de uma lente que **diminui** essa imagem.

Todos esses minúsculos documentos podem depois ser lidos por meio de projetores semelhantes aos de cinema, ou de diapositivos (**slides**).

O microfilme já é bem usado no Brasil, depois que foi reconhecido legalmente, em 1969. Atualmente, inúmeras empresas e órgãos oficiais utilizam o sistema. Normalmente uma cópia de microfilme custa 75% menos do que custaria em sua forma original e tradicional de arquivo.



FAÇA VOCÊ MESMO - UM CALEIDOSCÓPIO



Caleidoscópio é aquele tubo de papelão que, quando a gente olha por ele, vê os mais lindos desenhos, cristais de neve ampliados, flores geométrizadas e coisas assim. Seu

nome vem de três palavras gregas: **kalós** = belo; **eidos** = forma, imagem; e **skopein** = ver.

Pois bem, se querem **ver as belas imagens** do caleidoscópio, mãos à obra!

O QUE É NECESSÁRIO:

1 TUBO DE PAPELÃO



1 DISCO DE VIDRO
(QUE ENTRE NO
TUBO SEM DEIXAR
FOLGA)



1 DISCO DE VIDRO
(DE DIÂMETRO IGUAL
AO DIÂMETRO EX-
TERNO DO TUBO)

1 ESPELHINHO REDONDO (DO MESMO
TAMANHO DO DISCO DE VIDRO Nº 2)



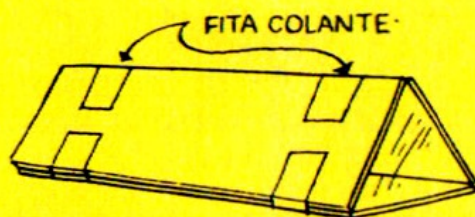
3 ESPELHINHOS (DE COMPRI-
MENTO DOIS CENTÍMETROS MENOR QUE O DO
TUBO E DE LARGURA QUE DÊ PARA OS TRÊS SE
ENCAIXAREM DIREITINHO, EM FORMAÇÃO
TRIANGULAR DENTRO DO TUBO.)

UMA PORÇÃO DE PAPEL PICADO OU CAQUI-
NHOS DE VIDRO (DE VÁRIAS CORES E FORMAS).

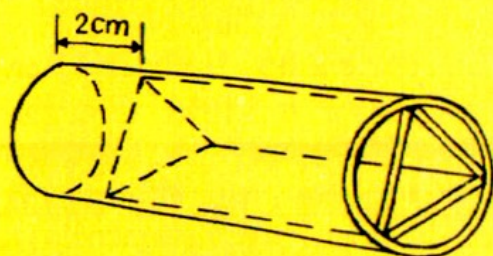


COMO FAZER:

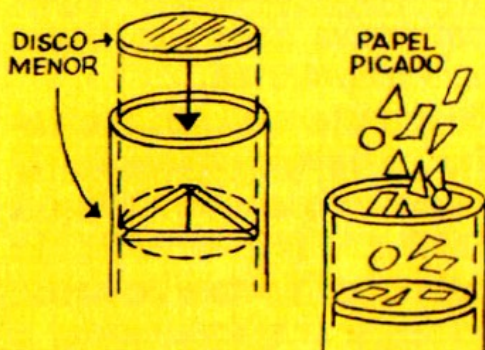
JUNTE OS ESPELHOS EM FORMA DE TRIÂNGULO E COLE-OS, NAS DUAS EXTREMIDADES, COM FITA COLANTE.



ENFIE O CONJUNTO ASSIM FORMADO NO TUBO. ELE NÃO VAI CHEGAR ATÉ O FUNDO PORQUE É DOIS CENTÍMETROS MENOR. LEMBRA?



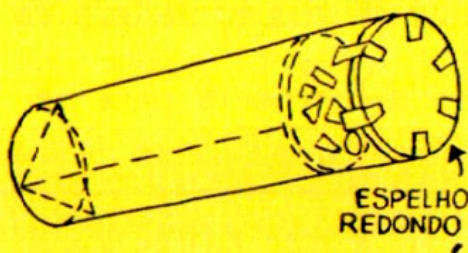
POIS BEM, NESTE ESPAÇO QUE FICOU VAZIO, VOCÊ VAI COLOCAR, PELO FUNDO DO TUBO, PRIMEIRO O DISCO DE VIDRO MENOR, AJUSTANDO-O NA EXTREMIDADE DO TRIÂNGULO DE ESPELHOS.



DEPOIS COLOQUE SOBRE ESSE "CHÃO" DE VIDRO O MATERIAL COLORIDO.

O DISCO DE VIDRO DEVE FICAR BEM APERTADO NO INTERIOR DO TUBO: SE ELE FICAR COM ALGUMA FOLGA, RECORTE UM ANEL DE PAPELÃO E FIXE MELHOR O DISCO DE VIDRO.

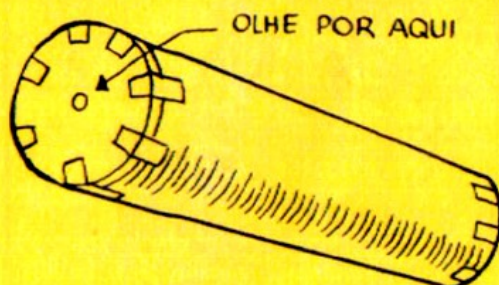
AGORA **TAMPE** O TUBO DE PAPELÃO COM O ESPELHO REDONDO. (ELE SERVIRÁ TAMBÉM PARA PRENDER BEM O ANEL DE PAPELÃO E O DISCO DE VIDRO.) PREGUE O ESPELHO REDONDO AO TUBO COM MAIS FITA COLANTE.



SOBROU UM VIDRINHO REDONDO, NÉ? NESTE VOCÊ COLA UM PEDAÇO DE PAPEL DO MESMO TAMANHO E FORMATO, MAS COM UM FURINHO NO MEIO, QUE É POR ONDE VOCÊ VAI OLHAR.



COLOQUE AGORA ESTE DISCO NA OUTRA PONTA DO CALEIDOSCÓPIO, QUE SERÁ A FRENTE DO ESPELHO...

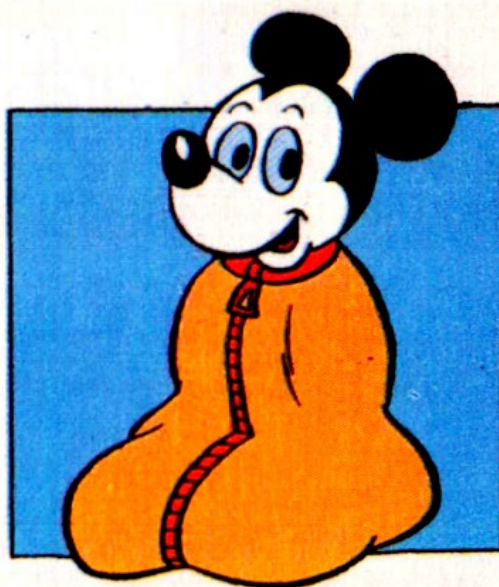
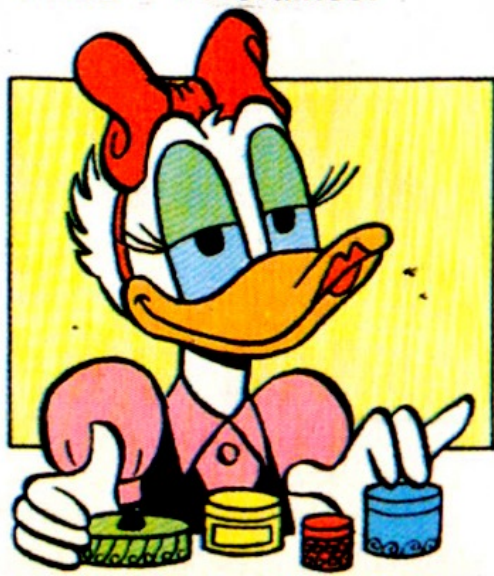


E O BRINQUEDO ESTÁ PRONTO!

COSMÉTICOS

A palavra cosmético vem do grego **kosmetikós** — o que serve para ornamentar. Os cosméticos surgiram no Oriente na Antiguidade e se espalharam pelo resto do mundo. Usavam-se óleos, essências de rosa e de jasmim e tinturas para os cabelos. A alta sociedade de Roma tomava banhos com leite de jumenta para embelezar a pele.

Na Idade Média usava-se o açafraão para colorir os lábios; o negro da fuligem para escurecer os cílios; uma planta, a sálvia, para embranquecer os dentes; a clara de ovo e o vinagre para aveludar a pele. Atualmente, o uso de cosméticos está disseminado no mundo inteiro, com grandes empresas especializadas. Os produtos mais usados são: preparados para a pele; perfumes e loções; pós, talcos e colorantes.



O ZÍPER

O primeiro homem que teve a idéia do “fecho-relâmpago” (**zipper**, em inglês) foi Whitcomb L. Judson, um inventor de Chicago. Em 1891, Judson fez um arranjo de combinações de colchetes em duas cadeias. Sobre elas deslizava um fecho que unia e desunia os colchetes automaticamente. Só que esse primitivo zíper costumava abrir nas horas mais impróprias.

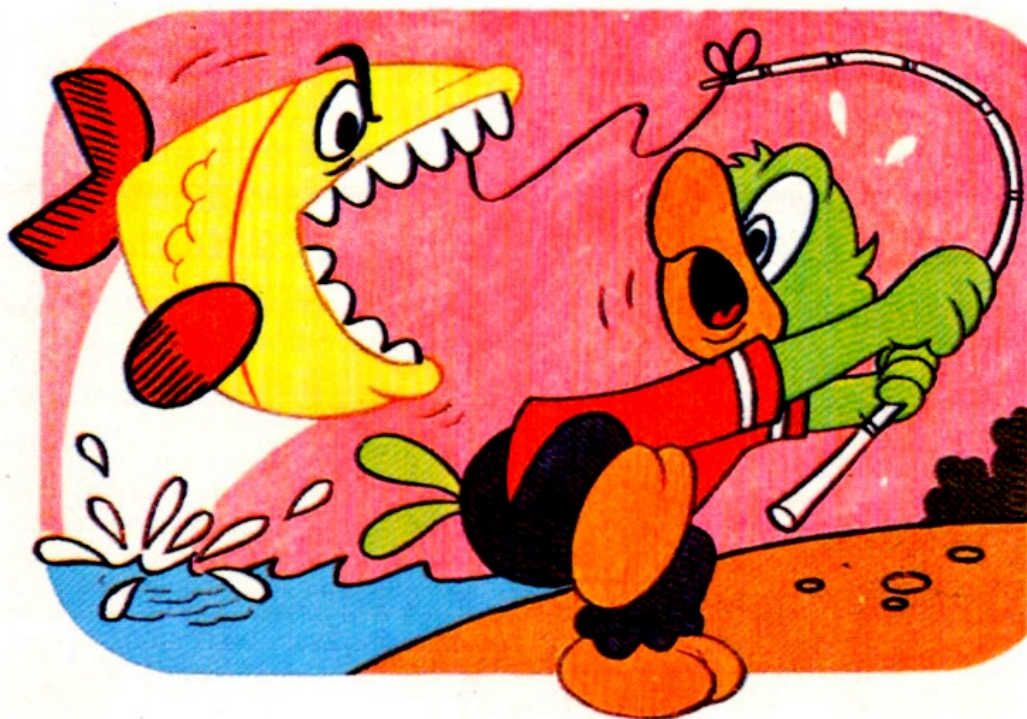
Somente em 1913 o fecho seria aperfeiçoado. O engenheiro sueco Gideon Sundback teve a idéia de enganchar dentes de metal em lugar dos volumosos e inseguros colchetes. Assim nasceu o modelo dos milhões de zíperes hoje usados no mundo inteiro.

ANZOL E VARA DE PESCAR

Hein? Você também gosta de pescar? Muito bem: e se você visse um homem entrar na água até a cintura e tentar pescar dando pauladas nos peixes que passassem? Você logo ia pensar: "Se esse aí não for o Pateta, é algum maluco qualquer!"... não é mesmo? Pois então saiba

que era **assim mesmo** que o homem primitivo pescava!

Mas isso foi há mais de 50 000 anos. Com o tempo o homem percebeu que esse método — além de cansativo — dava pouco peixe. Então arranjou um espinho com a forma de um gancho e o amarrou



num cipó. Pronto: estava inventado o anzol.

Agora o troglodita já podia pescar com os pés em terra firme. Mas aí outra luzinha acendeu no seu cérebro: verificou que, amarrando o cipó com anzol num pedaço de pau, teria mais comodidade e pode-

ria alcançar mais longe. Foi então que surgiu a vara de pescar.

Três mil anos antes de Cristo já eram usados anzóis de ferro: isso pôde ser comprovado pelos que foram achados em escavações feitas por arqueólogos no Egito.

O CARRO NA GUERRA

O carro sempre teve papel decisivo nas guerras, desempenhando diversas funções: comunicação, transporte, unidade de socorro etc.

Veja, agora, alguns dos carros que se destacaram pelo seu uso na guerra.

Jeep — Veículo americano, projetado a pedido das Forças Armadas dos Estados Unidos, especialmente para fins bélicos. O seu aparecimento ocorreu durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com um projeto da Willys-Overland.

Inicialmente o Jeep

chamava-se General Purpose ("para uso geral"), depois passou a ser conhecido pelas iniciais GP e, finalmente, pela transcrição fonética do nome: jee pee ou jeep. Automóvel pequeno, relativamente veloz, foi projetado para atuar em lugares de difícil locomoção: na lama, nas estradas esburacadas, nas subidas íngremes etc. Quando a guerra terminou, ele passou a ser aproveitado na agricultura. É um carro tão bom que continua sendo usado até hoje, com ligeiras modificações: o motor

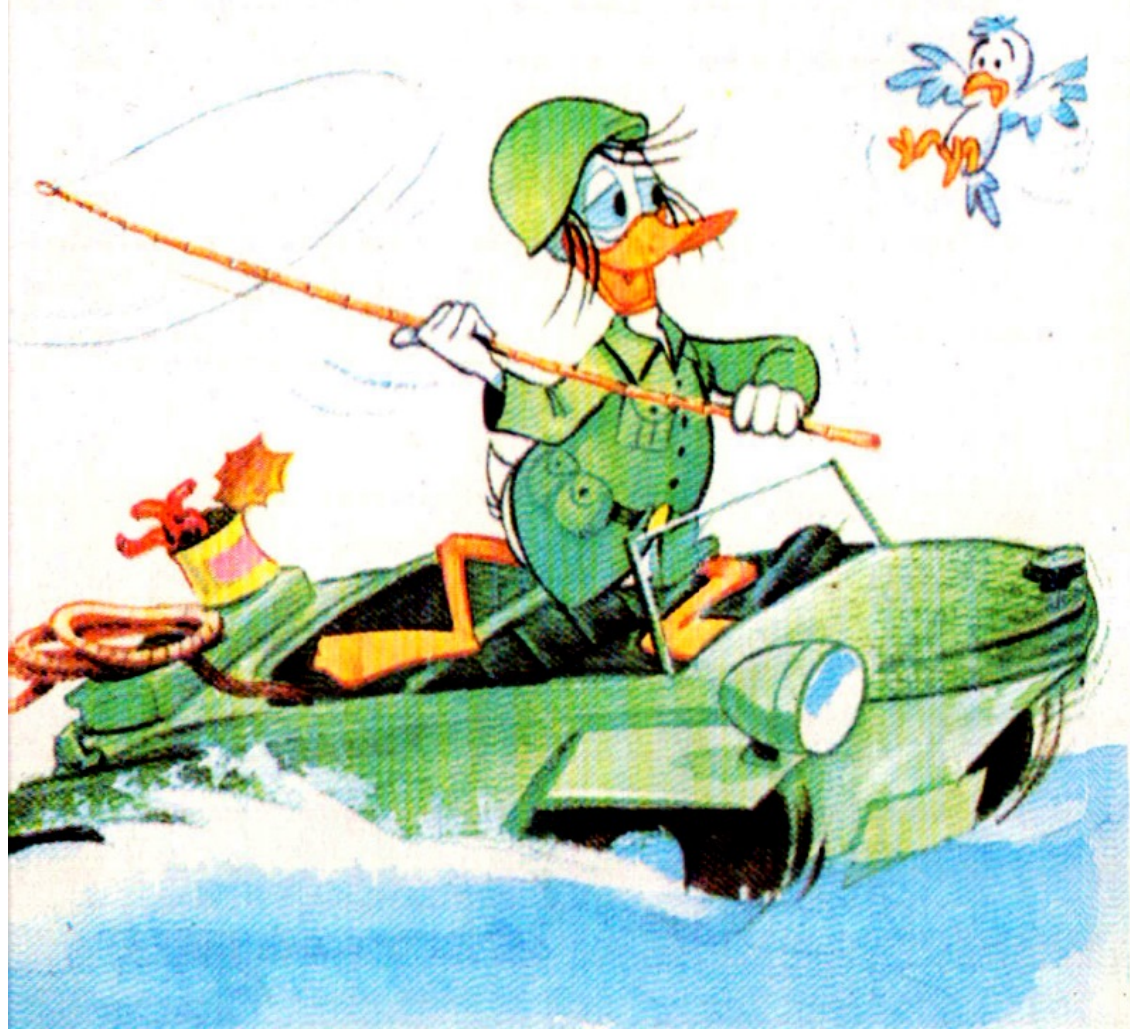


ficou mais forte e a carroçaria mais moderna.

Kübelwagen — A convite do governo alemão, Ferdinand Porsche, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, projetou o Volkswagen, um carro popular como o significado do próprio nome sugere. Pouco depois, esse carro foi adaptado para ser utilizado na guerra, dando origem ao Kübelwagen. Pela facilidade com que percorria terrenos íngremes ou de difícil acesso, foi largamente utilizado em opera-

ções militares das mais diversas. Era refrigerado a ar e, por isso, apresentava ótimo desempenho em locais de clima quente ou frio.

Schwimmkübel — Veículo projetado a partir do Kübelwagen, era um carro anfíbio, sem portas, com formato semelhante ao de um barco e impulsionado por uma hélice traseira. Assim que entrava na água abaixava-se a hélice, e o transporte de equipamentos ou de homens era feito por rios e lagos.

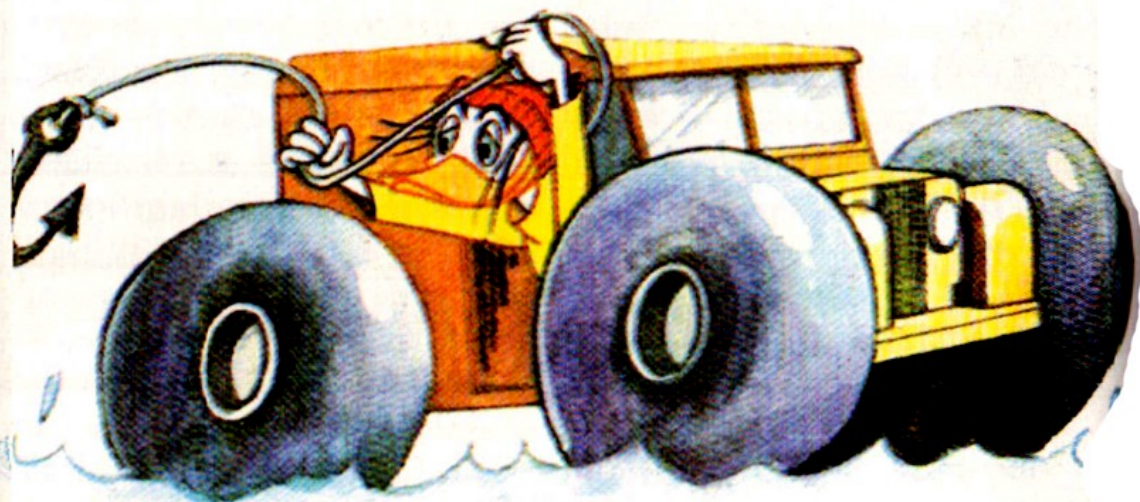


CARROS ESPECIAIS

Existem carros tão especiais, que até se parecem com aqueles carros fantásticos que o professor Pardal inventa em sua oficina. Aqui estão alguns deles:

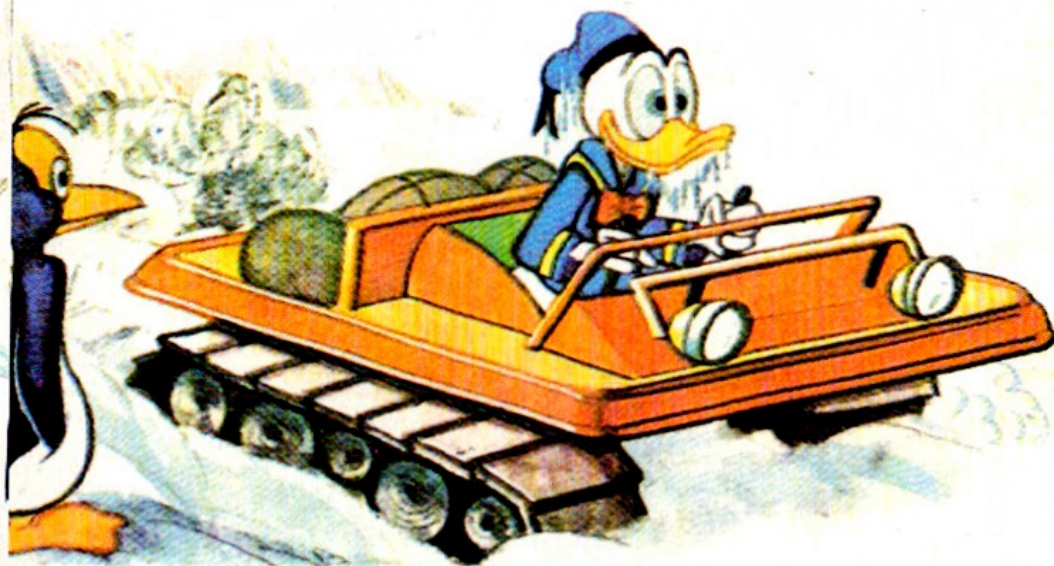
Carro Anfíbio — É o carro

projetado ou adaptado para se locomover na terra e na água. Sua propulsão pode ser feita por rodas, hélices, esteiras ou pela reação de jatos d'água. A direção é dada por lemes ou rodas dianteiras.



Gato-de-Neve — Veículo de esteiras, construído para andar sobre a neve, o gelo ou, com esteiras adaptadas, sobre terrenos

gramados. Ágil em subidas e descidas, o gato-de-neve é dirigido por uma alavanca, que freia a esteira de um lado ou de outro.



All Terrain Vehicle (ATV)

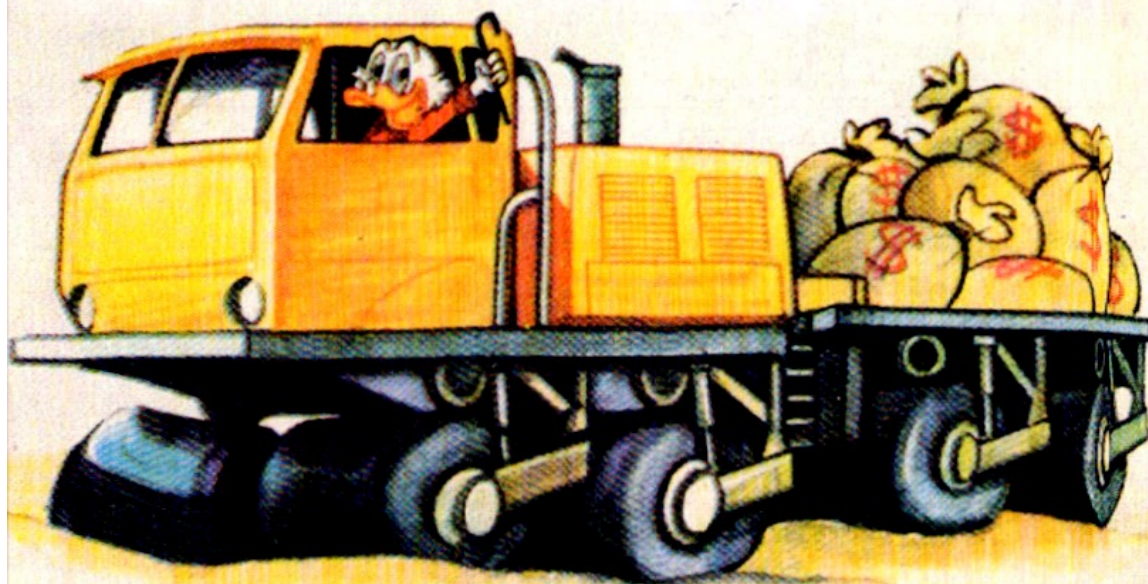
— É um veículo versátil, que serve para qualquer terreno. A carroçaria de plástico e as rodas, que formam uma espécie de esteira, permitem a mar-

cha na lama, no gelo ou na neve e a travessia de cursos d'água.

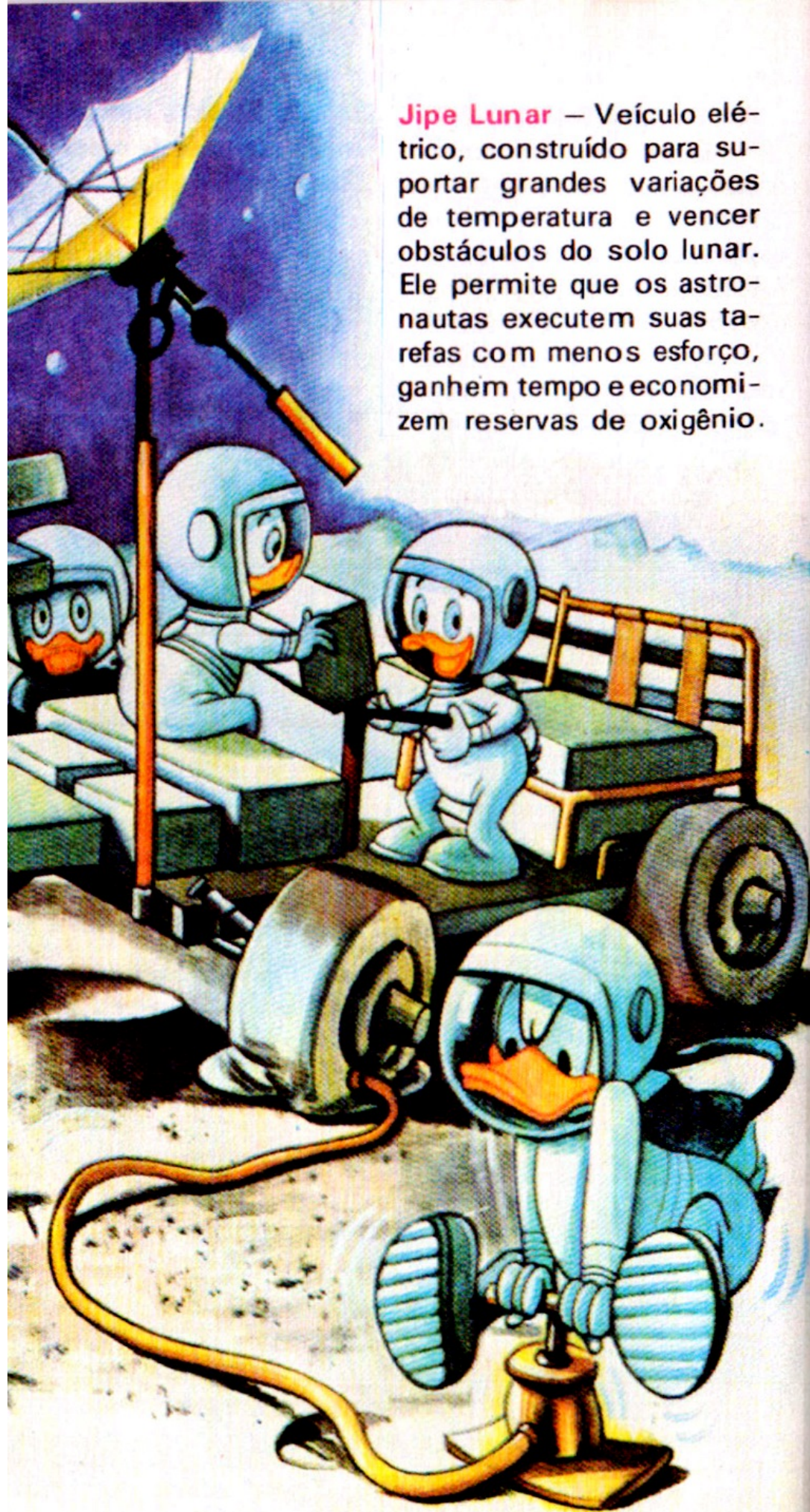


Rolligon — Veículo para transporte de cargas em locais de difícil locomoção, como rios congelados, terrenos nevados e

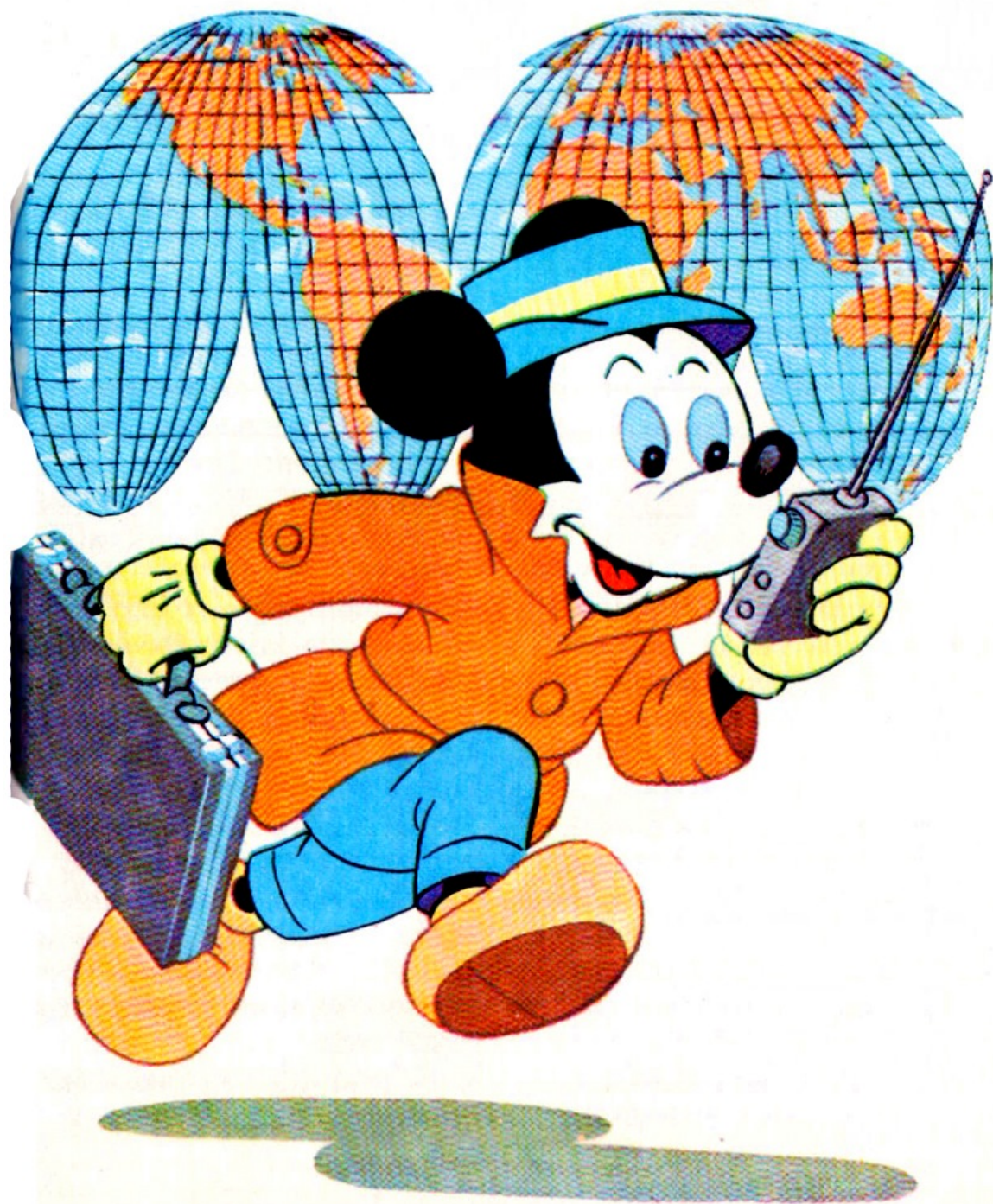
atalhos entre montanhas. Atualmente vem sendo usado no transporte de petróleo, óleo diesel e maquinaria.

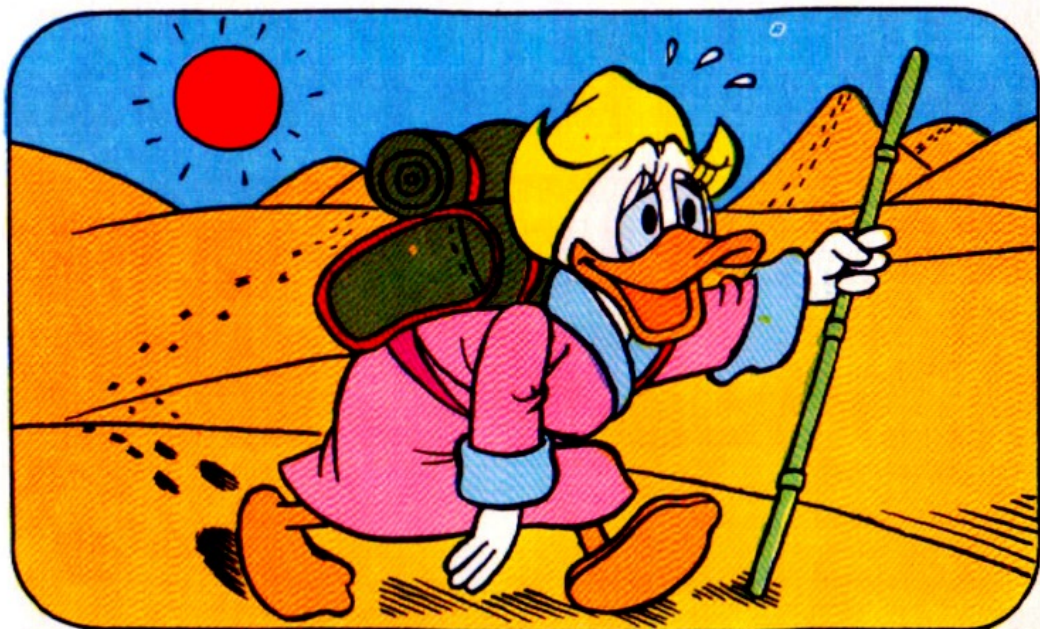


Jipe Lunar — Veículo elétrico, construído para suportar grandes variações de temperatura e vencer obstáculos do solo lunar. Ele permite que os astronautas executem suas tarefas com menos esforço, ganhem tempo e economizem reservas de oxigênio.



AVENTUREIROS, DETETIVES & ESPIÕES





ALEXANDRA, A ANDARILHA

Alexandra David-Neel foi, desde os quinze anos, uma grande andarilha. Nascida em 1868, na França, aos quinze anos viajou a pé até a Holanda, embarcando dali para a Inglaterra. Aos dezenove foi à Suíça de trem e dali chegou à Itália... a pé.

Na década de 1890 recebeu uma herança e foi para o Ceilão e a Índia, onde aprofundou seus estudos de sânscrito. Tornou-se escritora e professora da Universidade de Bruxelas, mas seu amor às andanças continuou: foi à Grécia, Espanha, África do Norte, Marrocos, Argélia, Saara... quase sempre a pé!

Em 1910 atravessou a

Índia e em 1912 escalou o Himalaia. Seu sonho era chegar ao Tibete, templo mundial da religião budista, que Alexandra seguia. Após muitas tentativas e longos anos de aventuras pela Ásia, tomou novamente o rumo de Lhasa, capital tibetana. Acompanhada de um lama (sacerdote tibetano), ela viajou — a pé, para “variar” — mendigando comida e dormindo onde lhe dessem abrigo. Sofreu até ataques de bandidos e conseguiu, após 3 000 quilômetros de dificuldades, alcançar o Tibete, em 1924, com 56 anos de idade!

Alexandra viajou ainda pela Manchúria, China e Sibéria, e só veio a falecer em 1969, com a idade de 101 anos.

Moral da história: **andar** faz bem à saúde!

BOTAS DE SETE LÉGUAS

Na penetração e povoamento do Brasil, foi decisivo o papel das entradas, bandeiras e monções. Eram expedições que partiam do litoral para o interior, visando desbravar os sertões e procurar ouro e pedras preciosas. Sua expansão ocorreu principalmente nos séculos XVII e XVIII.

As entradas e bandeiras eram feitas a pé ou a cavalo, ao passo que as monções partiam em embarcações ao longo dos rios. As bandeiras, ao contrário das entradas (expedições oficiais), eram feitas por particulares. Seus componentes se chamavam **bandeirantes**. Eram homens com "botas de sete léguas", ambiciosos, mas também corajosos. Abriam estradas, exploravam territórios, fundavam vilas e, às vezes, chegavam até a expulsar invasores estrangeiros.

São Paulo ficou conhecido como a terra dos bandeirantes, por ter sido o ponto principal da partida dessas expedições. E muitos foram os bandeirantes notáveis, mas entre todos merece citação especial **Antônio Raposo Tavares**.



Nascido em Portugal, Raposo Tavares (1598-1659?) veio para o Brasil com o pai, que fora nomeado capitão-mor, e fixou-se em São Paulo. Logo começou a participar das bandeiras, viajando sem cessar. Graças às suas expedições ele assegurou para o Brasil a posse do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Dali, viajando por mar, foi até o Rio Grande do Norte, onde aprisionou o governa-

dor holandês, seguindo depois para Pernambuco e Bahia.

Voltando a São Paulo, Raposo Tavares iniciou em 1647 a maior bandeira da história do Brasil: a Bandeira dos Limites.

Saiu de São Paulo, atravessou Mato Grosso e seguiu rumo ao norte, chegando até os Andes, no Peru, bem fora do território nacional (dizem que ele chegou a ver o oceano Pacífico. Nesse caso, esse formidável aventureiro fez,

a pé, varando sertões bravios, alagadiços e montanhas, a travessia continental). Alcançou o rio Amazonas, descendo por ele em jangadas, numa viagem que durou onze meses. Dessa bandeira participaram duzentos homens brancos e mestiços, mais de mil índios, e foram levadas 180 armas de fogo. Quando a bandeira chegou de volta a São Paulo, em 1650, todos se espantaram porque pensavam que ela nunca mais voltaria.





O MARECHAL DA PAZ



Cândido Mariano da Silva Rondon (1865-1958) nasceu em Mimoso, Mato Grosso, revelando desde logo seu caráter de incansável lutador. Apesar de órfão ainda criança, ele continuou seus estudos e foi para o Rio, a fim de entrar na Escola Militar. Em 1890 começou suas explorações pelo sertão, estudando as línguas e costumes indígenas. Rondon sempre se preocupou com os índios, defendendo-os e lutando incansavelmente pela sua preservação.

Em 1910 foi nomeado dirigente do Serviço de Proteção aos Índios, tornando-se depois presidente desse órgão. É inestimável sua ação como protetor dos índios, que lhe valeu o tí-

tulo de "Marechal da Paz". Mas Rondon também merece destaque como desbravador de sertões. Em 1906, ele penetrou na Argentina e na Bolívia, ligando esses países a Cuiabá e a Corumbá pelo telégrafo. Mais tarde fez o mesmo ligando o Amazonas e o Acre ao Rio de Janeiro. Em 1927 percorreu nossas fronteiras, em serviço de inspeção, desde as Guianas até o sul do Brasil. Se o seu lado humanitário é digno de elogios, não se deve esquecer Rondon como pioneiro da integração nacional. Em 1956, o Território de Guaporé passou a chamar-se Rondônia, em homenagem aos grandes serviços que Rondon prestou ao seu país.

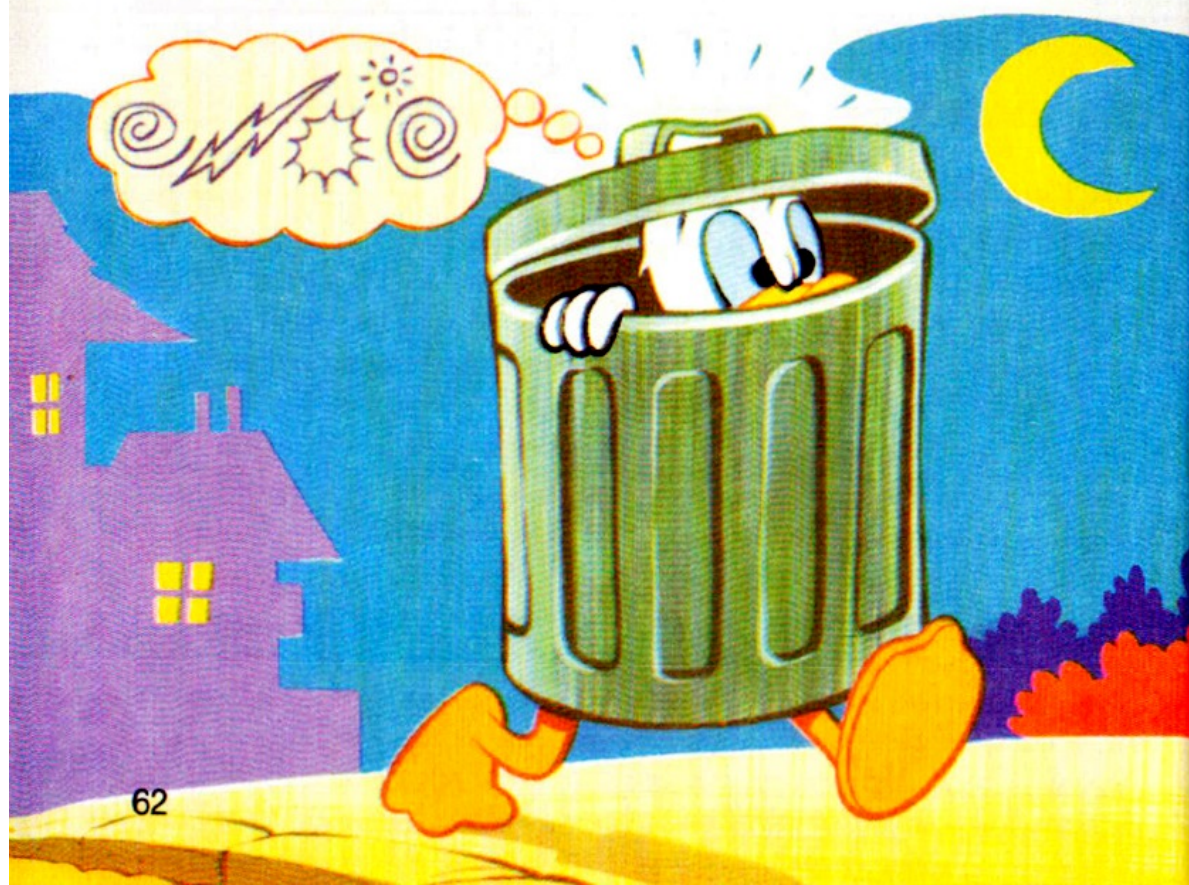
DETETIVES PARTICULARES

Um serviço secreto não pode ser feito às claras... é lógico, né? Foi daí que surgiu o **detetive particular**. Ele trabalha em assuntos delicados que ninguém pode ficar sabendo... a não ser quem encomendou o serviço.

O detetive particular pode ser contratado para os mais diversos serviços, a maioria sendo bem menos emocionantes que as missões dos detetives de novelas policiais. Em geral, são casos de "campana", como dizem na gíria: seguir alguém, saber aonde

vai, com quem se encontra, a que horas esteve em determinado lugar. Esses serviços são, quase sempre, encomendados por futuros sogros que querem saber que tipo de pessoa é o noivo de sua filha. Ou então por maridos ciumentos que desconfiam das esposas (coisa feia, não?).

Mais raramente, acontece isto: alguém foi vítima de um roubo e só deseja reaver o objeto desaparecido, sem denunciar o culpado à polícia. Pode também ser uma busca de pessoa desaparecida: algum



parente que abandonou a família ou jovens que fugiram de casa.

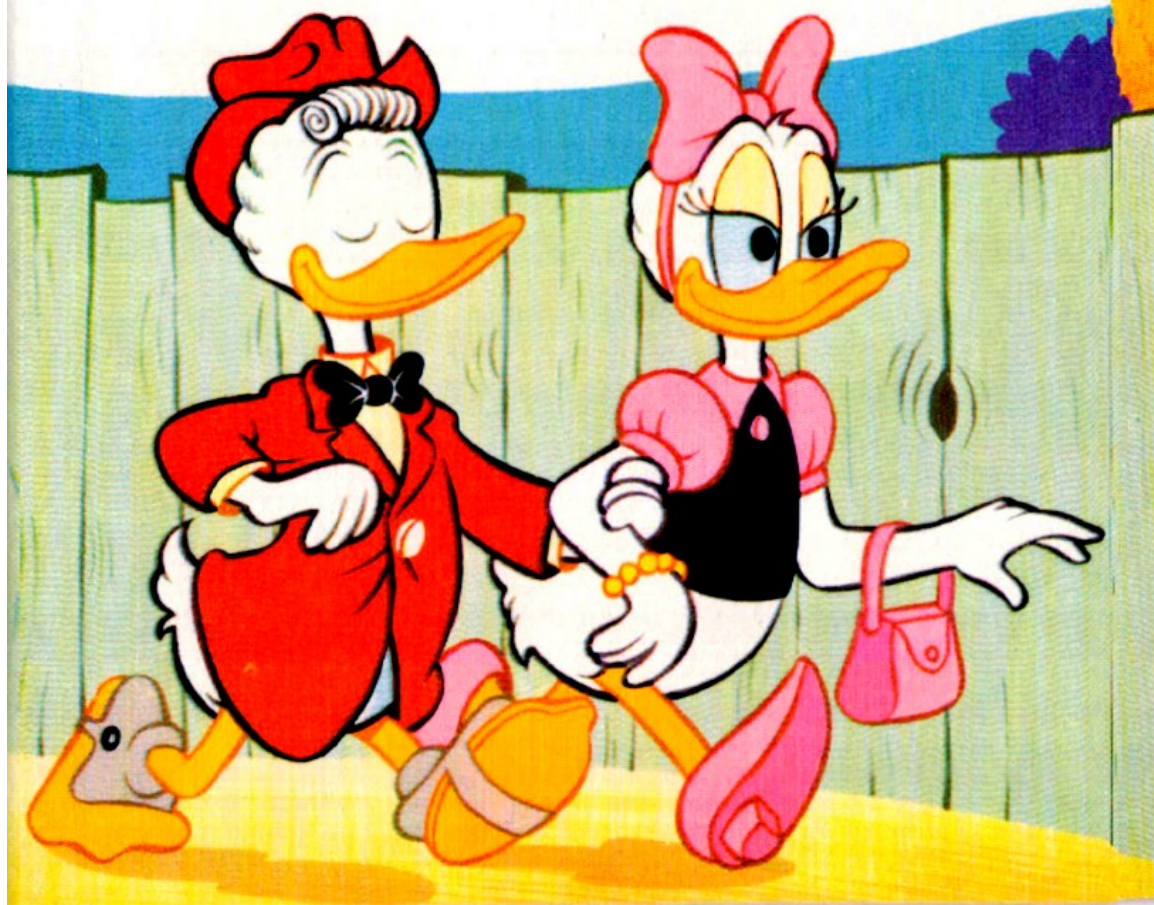
As companhias de seguro são grandes clientes dos detetives particulares. É que elas têm de indenizar, normalmente, as perdas de seus clientes, mas, quando o caso é suspeito, um detetive investigará para ver se não houve fraude.

A **Agência Pinkerton** é a mais famosa e antiga das agências particulares de investigações. Foi fundada por um escocês, Alan Pinkerton, em 1850, nos Estados Unidos. Quando trabalhava como madeireiro, Alan capturou um bando de ladrões. Tornou-se conhecido e acabou sendo

nomeado xerife auxiliar.

Pinkerton fundou sua agência para dar proteção às diligências da época, cujas cargas eram sempre ameaçadas por assaltantes. O detetive da Pinkerton tinha de ser bom cavaleiro e bom no gatilho. A agência buscava também ladrões a pedido da estrada de ferro Union Pacific e chegou a prender um bando que pretendia assassinar o presidente Lincoln. Durante a guerra de Secessão (1861-1865), os homens da Pinkerton fizeram também serviços de espionagem.

A Agência Pinkerton continuou após a morte do seu fundador e hoje é uma lenda da história criminal.



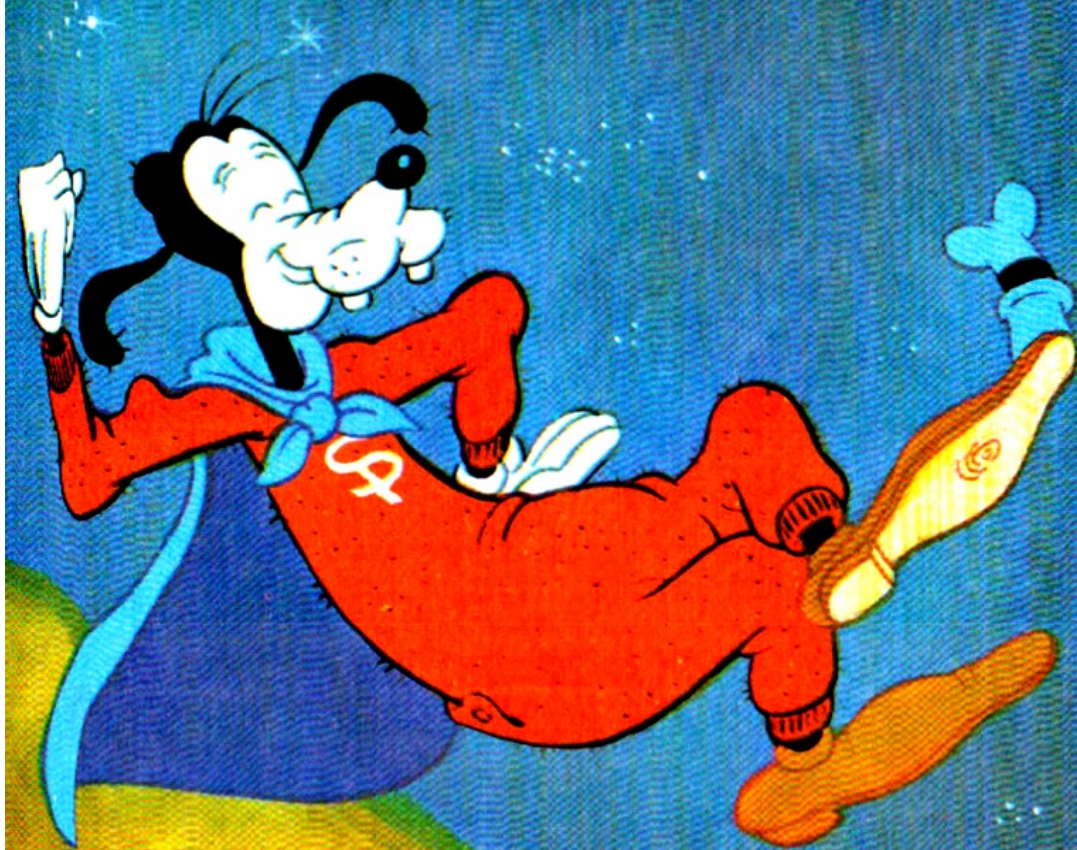
OS ESPIÕES DO ESPAÇO

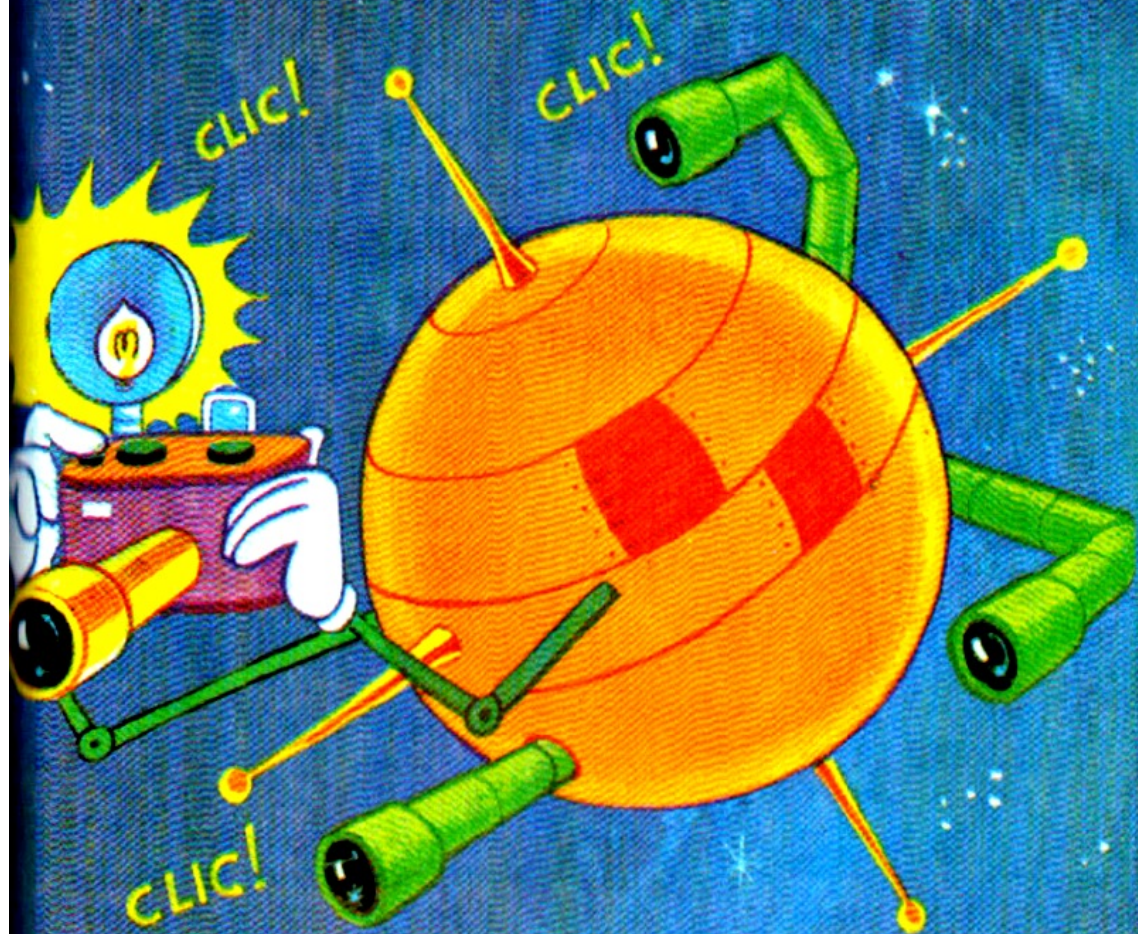
Quando foram colocados em órbita terrestre os primeiros satélites artificiais, os cientistas já previam que esses engenhos poderiam carregar câmaras fotográficas, igualzinho a um turista, que tudo deseja fotografar... e poderiam, entre outras finalidades, funcionar como verdadeiros espiões do espaço.

As órbitas polares são as preferidas para a colocação de satélites destinados a missões de reconhecimento. Nessas órbitas os satélites giram na direção dos pólos, enquanto a Terra gira na direção do equador. Desta forma, um único satélite pode cobrir toda a superfície do plane-

ta. Entenderam?

Os satélites fotográficos geralmente operam em uma órbita baixa (de 150 a 400 km de altura) e por isso não se mantêm por muito tempo no espaço. Eles completam uma órbita a cada noventa minutos, mais ou menos, e permanecem circulando de sete a 25 dias, após o que se precipitam sobre a Terra, desintegrando-se ao penetrar na atmosfera. Antes, porém, lançam uma cápsula contendo milhares de fotos, cápsula esta que é recuperada quando cai de pára-quedas, por aviões que a "fisgam" em pleno ar, a uma altitude aproximada de 3 000 metros.





Por tudo isso que você acabou de ler, os satélites militares foram se tornando cada vez mais secretos, especialmente a partir da década de 60. Até seus nomes próprios (Samos, Midas, Discoverer) foram trocados por números. Aqui estão alguns satélites-espiões americanos, com suas principais características. Sobre os modelos russos há pouca informação, mas calcula-se que sejam equivalentes aos americanos.

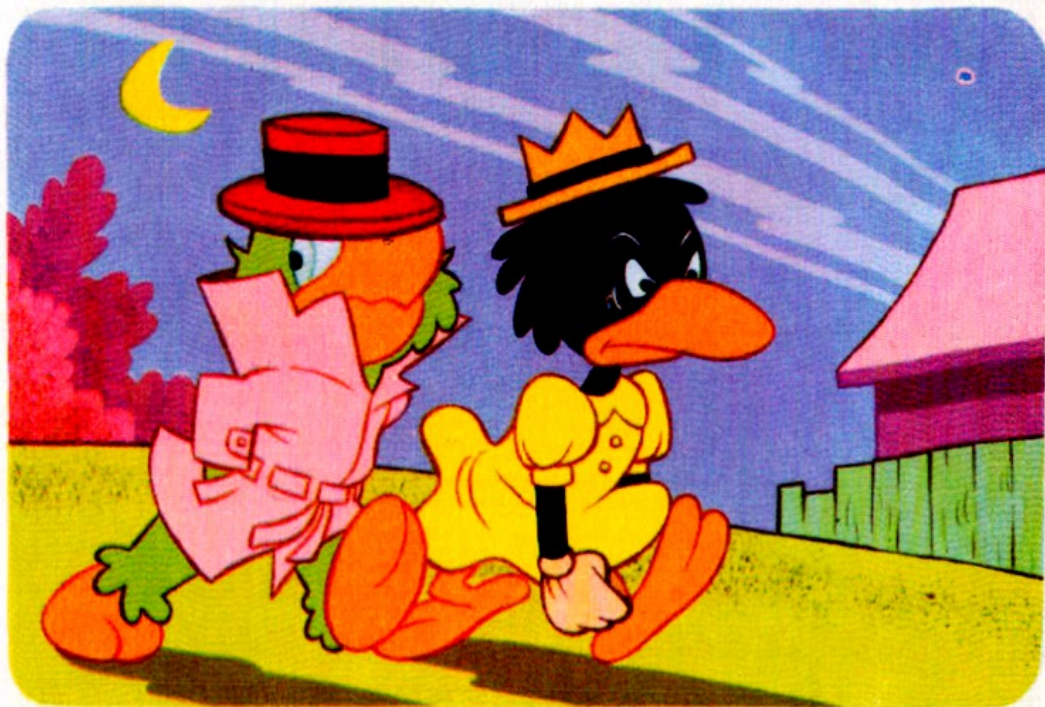
MIDAS — Satélite equipado com sensores infravermelhos e colocado em órbitas circulares de 3 200 km de altura. Sua tarefa: fiscalizar o lançamento, por parte de outros países, de foguetes, bombas orbitais e mísseis intercontinentais.

770 — Satélite equipado com radar direcional. Consegue ver através das nuvens e fazer levantamentos detalhados do solo.

FERRET — Informa sobre emissões de rádio e radar, determinando sua posição. É capaz de captar uma conversa telefônica à distância de 160 km.

VELA (ou 823) — Mede radiações nucleares para descobrir testes ou explosões atômicas, mesmo subterrâneas. Sua órbita fica a 90 000 km de altitude.

SAMOS AVANÇADO (ou 920-A) — Fotografa com várias modalidades de precisão, e é capaz de distinguir uma bola de golfe lá embaixo, na terra. Uma foto fornecida pelo Samos permite ver marcas de pneus no asfalto... chega?



ESPIÕES FAMOSOS DICK PETER

Por volta de 1938 até mais ou menos 1945, um detetive criado no Brasil obteve grande sucesso. Não só através de romances policiais, mas também pelas novelas em capítulos transmitidos diariamente pelo rádio. Esse detetive se chamava **Dick Peter**. Criação de Ronnie Wells, ele vivia intrigantes aventuras, ajudando o inspetor Morris e o sargento Cross a deslindar os mais diversos crimes. Argúcia, imaginação e raciocínio, além de uma certa dose de bom humor, eram as armas com que Dick Peter elucidava seus casos.

Apesar da atmosfera an-

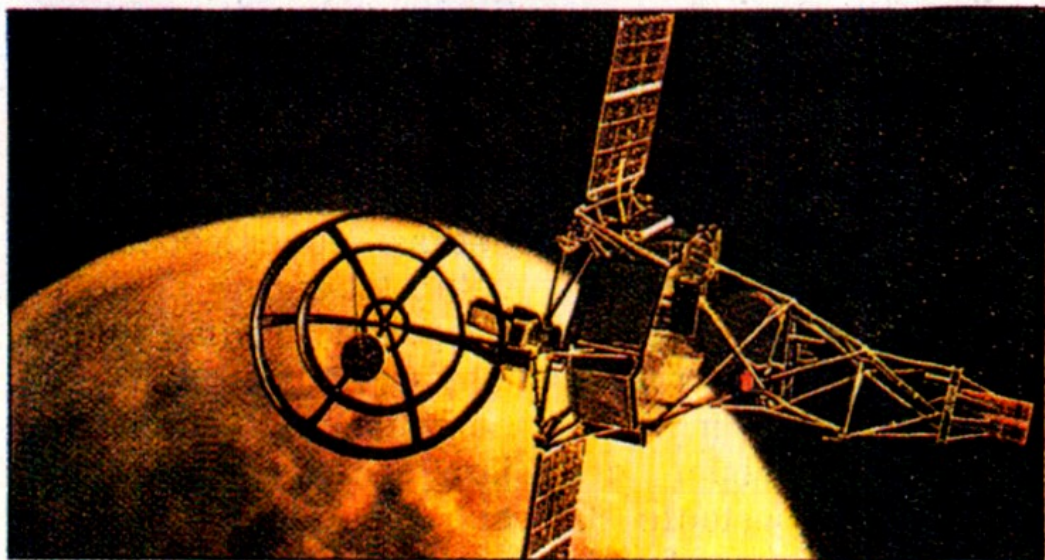
glo-saxônica e do nome do seu autor, em verdade, Dick Peter era obra do escritor Jerônimo Monteiro (1908-1970), que ousou criar o único detetive brasileiro e despertar interesse por um gênero pouco cultivado entre nós: o romance policial.

Na série radiofonizada, Dick Peter era vivido pelo próprio autor. Dick Peter também apareceu em quadrinhos, primeiro em faixas diárias desenhadas para um jornal por Abílio Correia, em 1947; e depois em forma de revista, em 1948, com desenhos de Messias de Melo. Mais tarde, Jaime Cortez deu prosseguimento à série. Dick Peter apareceu também em livros.

O DINHEIRO DA MESADA



QUANTO CUSTA UM SATÉLITE ARTIFICIAL?



O primeiro satélite artificial da Terra foi o "Sputnik I", lançado pela União Soviética em 4 de outubro de 1957. Um mês depois foi lançado o "Sputnik II". Os americanos colocaram em órbita terrestre o seu primeiro satélite "Explorer" no dia 1º de fevereiro de 1958.

Não se sabe, ao certo, quantos satélites atualmente estão no espaço, pois muitos são lançados secretamente, já que são satélites-espiões. Neste caso trata-se de artefatos enviados pelas grandes potências, principalmente Estados Unidos e União Soviética. Outros pesquisam o cosmos e o clima da Terra. E há os satélites de comunicações.

A Administração Nacional de Aeronáutica e Espaço (NASA), responsável pela execução do programa espacial americano, costuma cobrar uma taxa que sempre depende do tipo de satélite. Essa taxa tem variado em torno de 6.000 dólares para cada dez quilos de satélite artificial de peso considerável colocado em órbita, incluídas todas as despesas de combustível e manutenção. Os satélites de comunicação, como o "Intelsat", que retransmite imagens de televisão, são mais baratos do que os satélites destinados a pesquisas científicas.

HAJA RIQUEZA

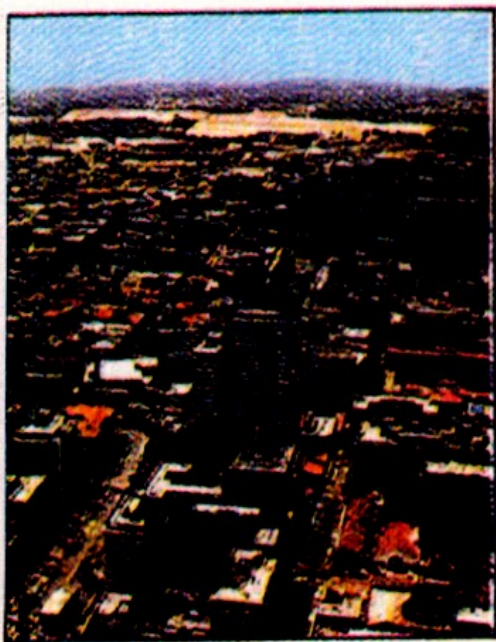
Na história do mundo houve homens muito poderosos e homens muito ricos. David, rei de Israel, era dono de uma riqueza fabulosa. De acordo com o Primeiro Livro de Reis, 10:23, David possuía 103 000 talentos de ouro e 1 007 000 talentos de prata. Isso, traduzido para os valores atuais, significaria uma quantia incrível. Só para fazermos uma comparação, seria duas vezes o total do dinheiro existente

nos Estados Unidos.

O rei Salomão, filho de David, o que tinha de sábio tinha de rico. E foi ainda mais rico do que David.

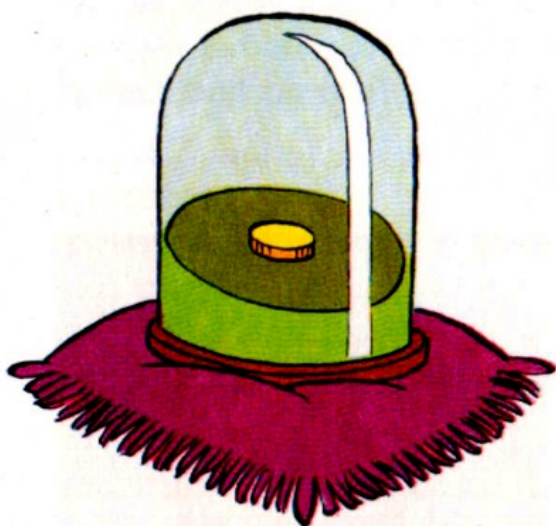


A CIDADE DO OURO



Johannesburgo, a maior cidade da República Sul-Africana, é chamada a "Cidade do Ouro". Ergue-se na montanha de Witwatersrand, maciço onde se encontram as minas de ouro responsáveis pelas fortunas que a cidade arrecada anualmente. Quando de sua fundação em 1886, pepitas de ouro afloravam à superfície e eram colhidas até no barro com que se faziam tijolos para a construção de casas.

A MOEDA Nº 1



Tio Patinhas, como muitos homens que se tornaram multimilionários ou ilustres, nasceu de uma família pobre. Assim, ainda menino, o pequeno Patinhas resolveu, por conta própria, trabalhar para ganhar algum dinheiro e aliviar a carga do pai. Como não tivesse capital nem tarimba para negócios maiores, foi ser engraxate. Arranjou algumas tábuas velhas e um caixote e construiu uma cadeira. Finalmente, instalou-se numa esquina, à sombra de uma árvore, à espera ansiosa do primeiro freguês. A cada homem que passava perguntava:

— Vai graxa, moço?

Até que, pouco depois, um velho operário parou

e pediu para ser atendido. Os sapatos do homem, além de estarem “pedindo aposentadoria” como o dono, estavam cobertos de lama ressecada.

O pequeno Patinhas levou meia hora só para remover os cascões de terra. Depois, com muito entusiasmo, engraxou os sapatos, que ficaram limpos. O homem gostou do jeito do menino trabalhar e deu-lhe uma moedinha. O menino, emocionado, guardou aquele níquel com muito carinho.

De engraxate passou a vendedor de lenha, e foi melhorando de negócio em negócio. Mas aquela primeira moeda ele a conservou sempre consigo como um amuleto da sorte.



Quando já era multimilionário e mandou construir uma caixa-forte para guardar sua fortuna, caiu numa armadilha dos terríveis Irmãos Metralha. Quando estava para perder tudo para os ladrões, amarrado junto com seu sobrinho Donald e seus



sobrinhos-netos Huguinho, Zezinho e Luisinho, Tio Patinhas lembrou-se da velha moeda nº 1 que carregava no bolso. O níquel estava com a borda tão fina, de tanto tempo que ele a carregava. Usando a moedinha como faca, Huguinho cortou a corda que amarrava Tio Patinhas e, assim, todos escaparam a tempo de avisar a polícia.

Se a moeda nº 1 deu muitas alegrias a Tio Patinhas, também lhe deu tremendas dores de cabeça. Os maiores perigos que ela já passou começaram quando a bruxa Maga Patalójika passou a cobiçá-la. E com truques mágicos ou simplesmente maliciosos ela já fez de tudo para entrar na posse da preciosa moedinha.

Por tudo isso, atualmente Tio Patinhas não carrega mais no bolso a velha moeda. Ela está guardada a sete chaves num local que só Tio Patinhas conhece, no fundo da fortaleza que é a sua caixa-forte.





RIVAIS DE VERDADE DO TIO PATINHAS - II

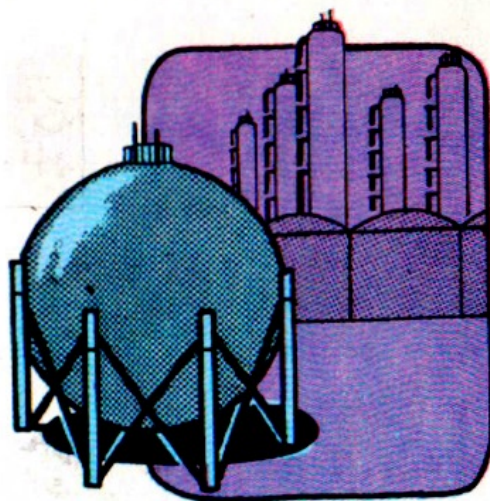
ROCKEFELLER



John Davidson Rockefeller nasceu em 1839. Começou a vida como o Tio Patinhas, isto é, muito pobre. Mas, também como o Tio Patinhas, nasceu com tino comercial, ou seja, jeito para negócios. Já aos 16 anos comprou uma partida de lenha e, em cima dela, corajosamente desceu o rio Ohio. Alguns quilômetros abaixo, vendeu tudo por 100 dólares a mais. Daí em diante, foi só subir: estabeleceu-se como corretor junto com alguns amigos, depois de conseguir um empréstimo de 10 mil

dólares quando tinha 20 anos.

Quando foi descoberto petróleo nos Estados Unidos, lá foi Rockefeller atrás. E foi comprando fábricas, refinarias, poços, companhias, tudo que pudesse significar concorrência aos seus negócios. Assim, sua empresa, a Standard Oil Company, tornou-se um verdadeiro império.



Mas Rockefeller não pensou apenas em ganhar dinheiro. Fundou a Universidade de Chicago e empregou em obras filantrópicas um total de 500 milhões de dólares,

inclusive a famosa Fundação Rockefeller, destinada ao aperfeiçoamento da saúde pública e à pesquisa científica. Ainda no fim do século passado, sua fortuna chegava à casa do bilhão de dólares, uma das maiores do mundo.

Morreu em 1937, com 98 anos. Seus descendentes estão entre as maiores fortunas do mundo.

J. P. GETTY



Donald e Peninha chegaram da rua com um jornal e leram para o Tio Patinhas esta notícia:

“John Paul Getty, que morreu em 1976, deixou uma fortuna hoje avaliada em mais de 4 bilhões de dólares. A maior parte origina-se da companhia petrolífera

Getty Oil. Hoje, quem administra toda essa fortuna é Gordon Peter Getty, considerado em 1985 como a mais rica das 400 pessoas mais ricas dos Estados Unidos.

Segundo dizem, a fortuna da família Getty começou quando o garoto John Paul ganhou 34 cents de seu pai por limpar os livros da biblioteca dele. Agora, Gordon Peter promete duplicar os 4 bilhões de dólares...

Quando terminaram a leitura do noticiário, Donald e Peninha, de olhos arregalados, perguntaram:

— Que fortuna, não, Tio Patinhas? Que é que o senhor diz?

Tio Patinhas, como se tudo aquilo nada representasse para ele, comentou, desinteressado:

É... BOM COMEÇO.
BOM COMEÇO. ESSE
MOÇO AINDA É
CAPAZ DE IR
LONGE!



AS JOÍAS DA COROA



Uma das excursões de que Huguinho, Zezinho e Luisinho mais gostaram foi ao Museu Imperial de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. O Tio Patinhas levou os meninos até lá para verem as jóias da Coroa Imperial, que D. Pedro II usava no tempo em que o Brasil tinha um imperador.

Chegando ao antigo palácio imperial, hoje transformado em museu, todo mundo tem que vestir umas chinelas de feltro e andar patinando pelo chão para não estragar os pisos do palácio.

A coroa é de ouro cin-

zelado, tem 77 pérolas e 639 brilhantes, o maior deles com 20 quilates. Foi feita por Carlos Marin, em julho de 1841, especialmente para a coroação de Pedro II. Custou, na época, 2 000 contos de réis, uma fortuna, e foi executada com jóias do espólio de D. Pedro I.

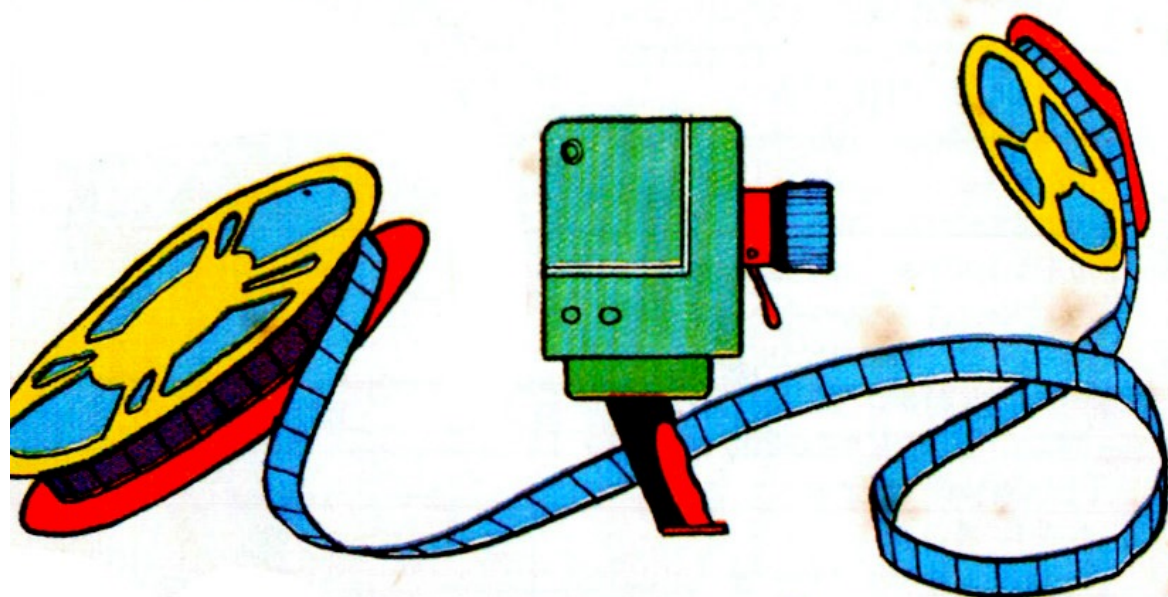
Além da coroa, o Museu Imperial de Petrópolis tem desde carruagens até louças da família real. Mesmo sendo objetos que não adianta roubar — todo mundo conhece, ninguém compraria — estão todos protegidos por chapas de aço que co-

brem as vitrinas durante a noite.

A coroa, especialmente, fica trancada num cubo de aço, por cima de um vidro à prova de balas.

Tio Patinhas logo quis comprar aquelas jóias, mas ficou decepcionado: não só custavam uma fábula, como também não estavam à venda . . .

QUANTO CUSTA UM FILME?



Cinema é indústria. As companhias são como fábricas de filmes, que custam caro e precisam ser vendidos da mesma maneira que uma fábrica de carros o faz. Mas, é um negócio bem mais arriscado. O público precisa lotar as salas de projeção para o dinheiro investido voltar e (com muita sorte) deixar lucro.

Uma das formas deste lucro ser garantido é ter uma

ou mais estrelas no elenco. E elas custam caro! Elizabeth Taylor foi a primeira estrela a ganhar um milhão de dólares, por seu desempenho no filme "Cleópatra", e isso em 1963! De lá para cá, apenas para cada estrela são destinados milhões de dólares.

Tendo isso como exemplo, dá para entender por que um filme feito nos moldes de superprodução ame-

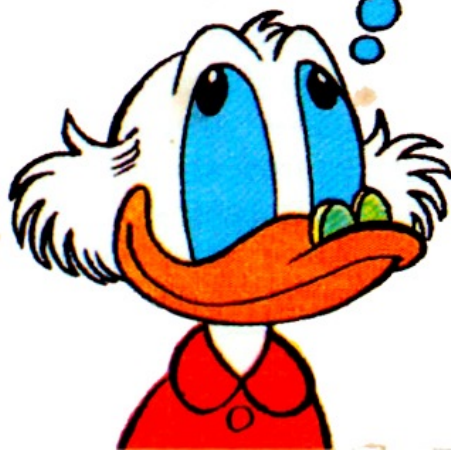
ricana custa muitos milhões de dólares. Além das estrelas (onde geralmente se enquadram o diretor geral e o diretor de fotografia), há o custo de película (filme), aluguel de estúdio, figurinos, cenários, equipamento e a multidão que trabalha atrás das câmeras: cenógrafos, figurinistas, "camera-men", carpinteiros, costureiras, eletricitistas e muitos outros.

Além de tudo isso, existem gastos com coisas que nem se imagina que sejam necessárias: almoço e jantar para todos, carros e gasolina para transporte, fotocópias para os textos (além de datilógrafas), para não falar nas muitas lâmpadas que se queimam durante as filmagens.

No Brasil, não é muito mais barato fazer cinema. As estrelas ganham em cruzados, mas ganham. Elas vêm principalmente das novelas de televisão. Mas um filme médio não custa menos de 200 mil dólares. O material é quase todo importado, existem poucos técnicos especializados e muito dinheiro é gasto na improvisação.

Mas, os custos não param no feitio do filme. Das câmeras aos projetores, ele precisa ser montado, dubla-

do, distribuído e divulgado. E tudo isso significa mais custos e, portanto, mais dinheiro. Tio Patinhas, que estava pensando em entrar na indústria do cinema, desistiu e comprou algumas ilhas no Pacífico...



FIQUE LIGADO!



O BRASIL EM REVISTA

Em 1860 os brasileiros começaram a receber um novo tipo de material de leitura: a **revista**. Neste ano surgia a *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleiuss, a primeira revista de vida regular no Brasil. Seguiram-lhe outras publicações do gênero, como *O Merrimac* e o *Bazar Volante* (1863), *Ba-ta-clan* (1867), *Vida Fluminense* e *A Comédia Social* (1868). Essas revistas dos tempos heróicos da imprensa brasileira caracterizavam-se pela agressividade e oposição ao governo imperial. Dedicavam-se principalmente à política, defendiam suas idéias e combatiam as instituições que julgavam obsoletas. É dessa época também a *Revista Ilustrada* (1867), de Ângelo Agostini, famosa por seu caráter crítico e polêmico.

Após a proclamação da República, o caráter combativo das publicações deixou de ser relevante. Tanto assim que de 1889 até o fim do século só apareceu uma revista: *D. Quixote*.

Mas, já no começo do século XX, o aperfeiçoamento dos métodos de composição e impressão incentivava o aparecimento de novos periódicos, como a *Revista da*

Semana, fundada em 1900. Nessa época a imprensa deixava seu cunho artesanal e amadorístico para se tornar uma atividade empresarial.

De início, caracterizado pelo aspecto humorístico, surgia em 1902 *O Malho*, revista fundada por Luís Bartolomeu e que depois ganharia também uma grande força política. Em 1907 aparecia *Fon-Fon*; no ano seguinte era lançada a *Careta*, que se tornaria tão popular que era encontrada nos salões de barbeiros de todo o país.

A partir daí cada tipo de público foi ganhando a sua revista. Para as moças surgia *A Cigarra* em 1914; para os curiosos era destinado o almanaque *Eu Sei Tudo*, de 1917, e para as donas de casa era oferecida *Vida Doméstica* a partir de 1920.



Com o aparecimento de *O Cruzeiro*, da Empresa Gráfica O Cruzeiro, em 1928, as revistas de atualidades começaram a ser cada vez mais procuradas. Em 1952 apareciam *Manchete*, importante revista editada até hoje pelas Empresas Bloch, e *Visão*, revista de comentários e interpretações de fatos e situações nacionais e internacionais.

A partir de 1960, houve um grande desenvolvimento editorial no Brasil, surgindo *Quatro Rodas*, *Claudia*, *Realidade*, *Veja*, *Exame*, *Nova*, *Placar* (todas da Editora Abril), além de *Isto É*, *Senhor*, *Afinal*, e *Fatos*. Estas quatro, tal como *Veja* e *Visão*, são revistas de atualidades nacionais e internacionais, de grande qualidade jornalística e gráfica.



ESSES ANÚNCIOS...

Os costumes mudam tanto de um século para outro que a leitura de um jornal antigo, às vezes, nos causa surpresas e até nos faz rir... É o caso, por exemplo, de um anúncio publicado no jornal *Mercúrio* de Lisboa, em 1744. Dizia assim: "Na casa de Joan Bautista Lerzo, defronte da Torre de Loreto, se vende um livro em 4.º, intitulado *A Arte de Furtar*, composto pelo padre Antônio Vieira, obra certamente filha do seu engenho, a 1\$200 cada um papel com tanto gosto que cada dia se vendem muitos".

Outros anúncios não são nada engraçados, embora curiosos, pois estão ligados à triste fase da escravidão no Brasil. Em 1861 saía este anúncio no *Publicador Maranhense*: "Na quinta-feira 27 do corrente, no armazém do agente Gomes se fará leilão de uma boa porção de escravos, entre os quais um perfeito oficial de sapateiro".

Atualmente, há também vários anúncios curiosos publicados na imprensa diária. Max Schiling, um florista de Nova York, publicou no *New York Times* um anúncio redigido inteiramente em taquigrafia. Intrigados, muitos homens de negócios pediram às suas secretárias que traduzissem o texto. O anúncio dizia às secretárias que se lembrassem do florista Schiling quando seus chefes encomendassem flores para as esposas.

Cada um redige o anún-



cio como quer. Muitos até enviam mensagens secretas através deles. Nos jornais ingleses, às vezes, aparecem certos anúncios muito esquisitos, convocando, através de códigos secretos, os adeptos de religiões satânicas para participarem de cultos clandestinos.

Anúncios de empregos podem também tornar-se curiosos, dependendo da capacidade inventiva e do humor do anunciante. É o caso deste anúncio publicado

num jornal de Paris, na seção *Empregados oferecem-se*: "Jovem de 21 anos deseja empregar-se como ascensorista em edifício comercial. Nenhuma experiência. Prefere começar em edifício baixo".

Na coluna *Diversos*, aparecem também anúncios bastante diferentes. Crentes de determinadas religiões mandam até publicar orações em agradecimento aos santos por graças alcançadas.



AS PIADAS DO BARÃO

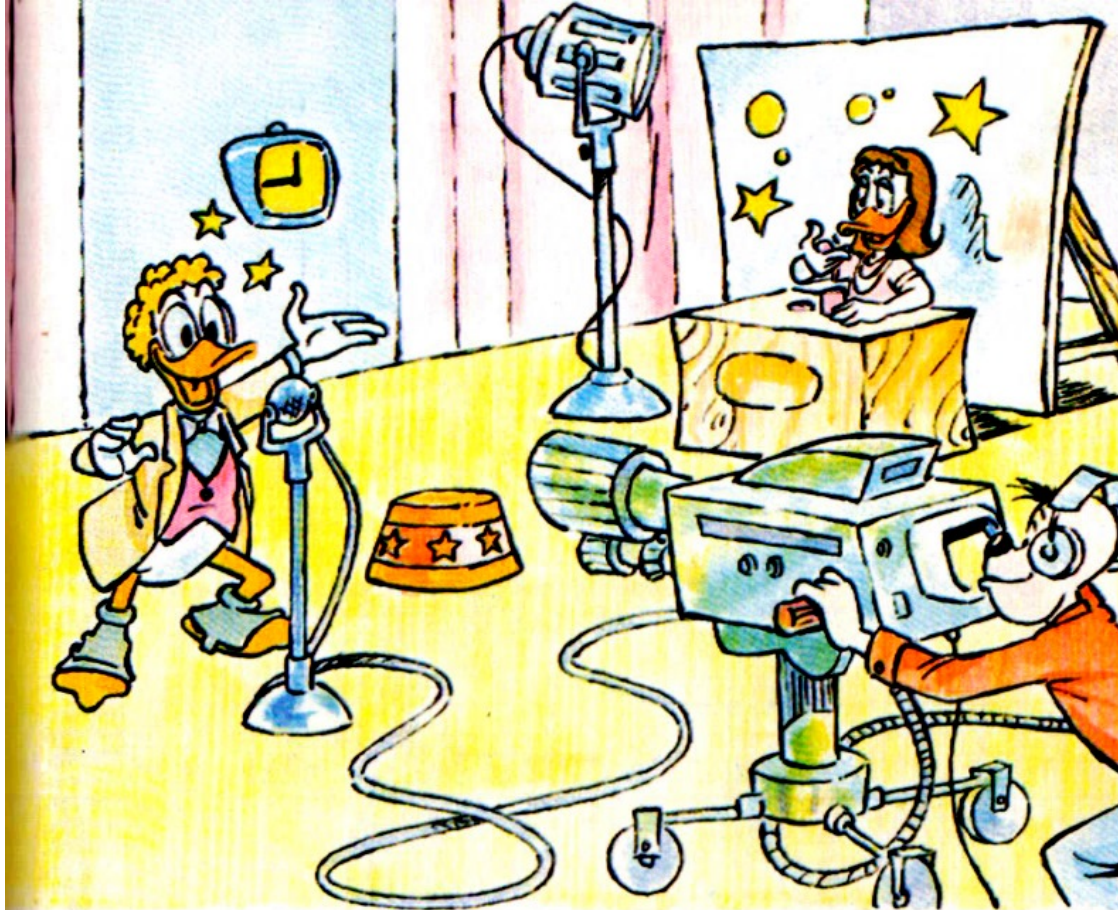
Barão de Itararé era o pseudônimo de Aparício Briqueroff Torelly, um dos maiores humoristas da imprensa brasileira. Nasceu em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 1895. No colégio jesuíta onde estudava lançou *O Capim*, jornalzinho clandestino que criticava a disciplina da escola. Em 1912 entrou para a Faculdade de Medicina de Porto Alegre, onde se notabilizou por dar respostas irreverentes aos mestres. Um deles perguntou-lhe: "Quantos rins nós temos?" Aparício respondeu: "Quatro". Como o mestre estranhasse, o aluno explicou: "Sim, o senhor tem dois e eu, mais dois".

Quando estava no 4.º

ano da faculdade, Aparício abandonou os estudos e tornou-se humorista profissional. Foi para o Rio, em 1925, e colaborou nos jornais *O Globo* e *A Manhã*. Em 1926 fundou seu jornal humorístico, *A Manha*, que satirizava os jornais e os políticos da época. Trazia frases do barão que se tornaram famosas, como estas: "Quem inventou o trabalho não tinha o que fazer" ou "Quando um pobre come frango, um dos dois está doente".

Aparício morreu em 1971. Na verdade, nunca foi barão. Seu pseudônimo era mais uma piada: queria fazer troça dos ricos que compravam títulos de nobreza.





OS INVISÍVEIS

Nunca pensei que tanta gente trabalhasse na televisão — comentou Donald.

Realmente, para se produzir e realizar um programa, há muita gente envolvida. Quando os dois astros principais vivem uma cena emocionante, de novela, há no mínimo mais trinta pessoas no estúdio, entre iluminadores, operadores de câmera, operadores de microfone etc. São diversos profissionais, cada um fazendo um serviço dentro de sua especialidade.

Uma empresa de televisão emprega muita gente. É uma grande indústria, envolvendo um vasto mercado de traba-

lho — ou seja, há muita gente que vive do seu trabalho profissional em televisão.

Para cada programa (novela, show, telejornal, programas de entrevistas, musicais), há uma equipe diferente de trabalho.

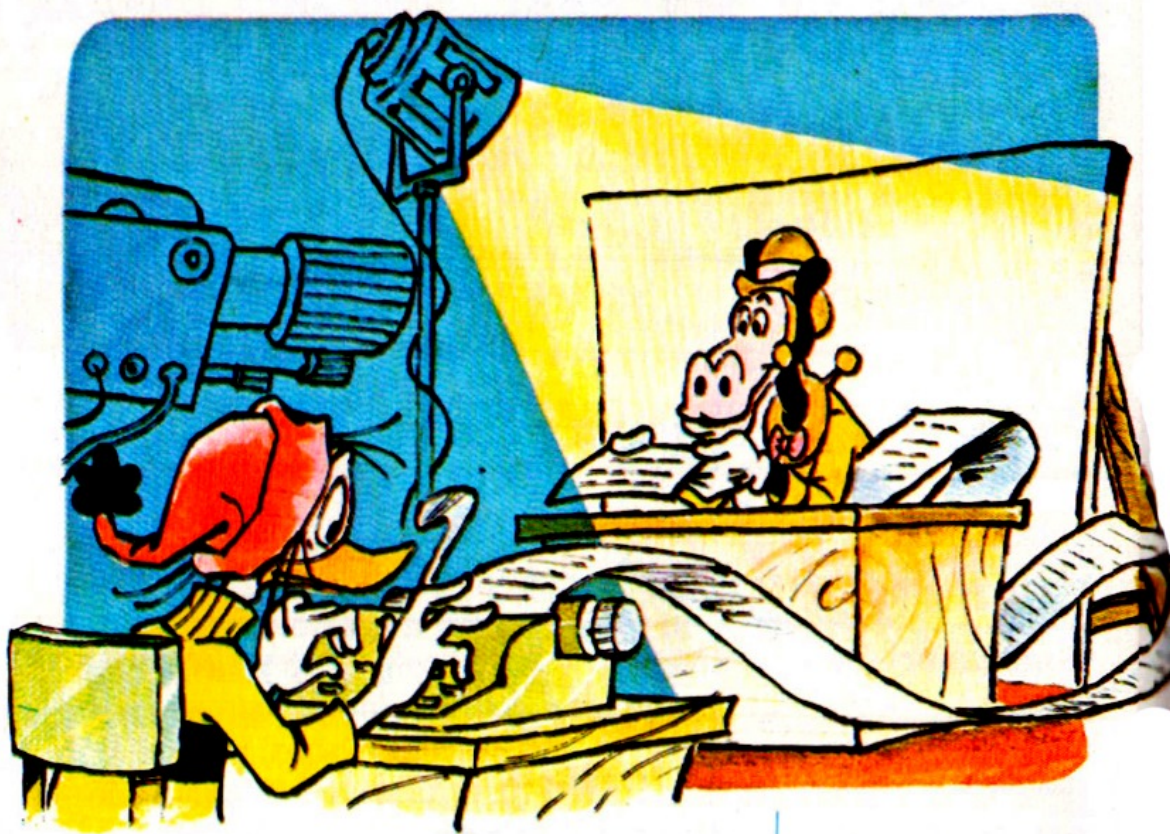
Para uma novela, por exemplo, não é necessário um coreógrafo (o profissional que cria os movimentos de um balé), que geralmente faz parte da equipe de um show musical. Em compensação, os atores são absolutamente desnecessários num telejornal, mas imprescindíveis para uma telenovela.

Apesar dessas diferenças,

existem diversos profissionais que podem ser encontrados nas equipes de praticamente qualquer programa que é produzido em televisão. É gente que trabalha no estúdio, ou então em outras dependências de uma estação de televisão e até mesmo em suas próprias casas. Sem

eles, nenhum programa poderia ser realizado.

Aqui estão eles: o autor (ou redator), o produtor e seus assistentes, o iluminador, o cenógrafo, o figurinista, o maquiador, o sonoplasta, os diversos operadores, o diretor de TV e, finalmente, o diretor geral.



O AUTOR

Todo programa começa a partir de um *script*, ou seja, de um texto. Esse texto pode ser uma total invenção, como numa novela ou num filme, como também pode ser a narrativa de fatos que estão acontecendo de verdade — no caso de um telejornal.

Mas sempre há um roteiro, uma base onde tudo ou quase tudo que as pessoas dizem na televisão é escrito anteriormente por um autor ou redator.

Esse autor pode tanto trabalhar dentro da própria televisão como, em alguns casos, trabalhar em casa e mandar para a televisão os seus textos já prontos.

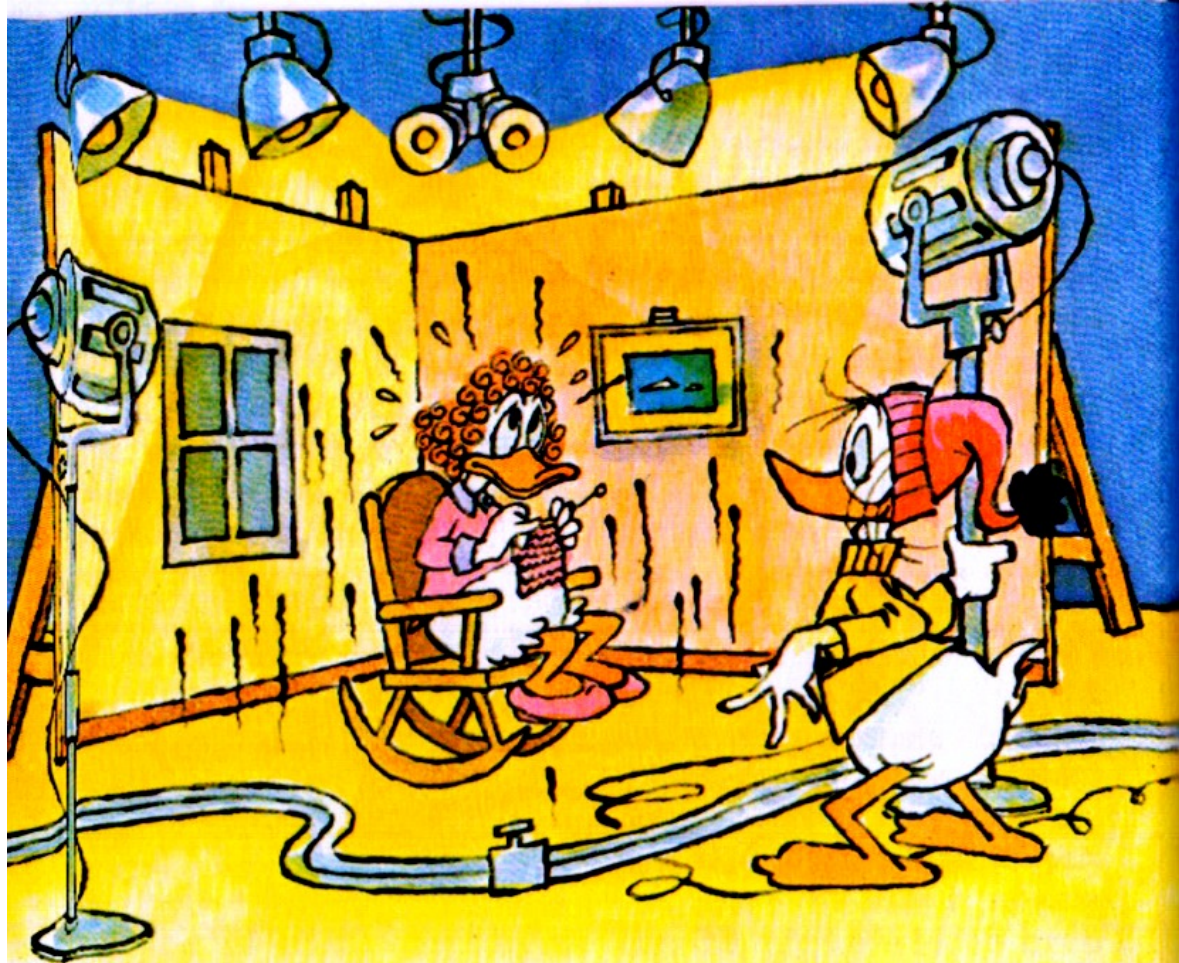
O PRODUTOR

A função do produtor é organizar tudo que seja necessário para a realização de um programa. Ele trabalha a partir do momento em que recebe o texto. Determina a rotina de todo o trabalho, a ordem das gravações, o equipamento técnico que será utilizado. No caso de um programa de entrevistas, ele e seus assistentes entram em contato com os entrevistados, acertando todos os detalhes. No caso de outros programas, é também o produtor quem coordena todo o trabalho, definindo os locais em que serão gravadas as cenas ou números musicais.

Na prática, é o produtor quem une os diferentes departamentos de uma emissora envolvidos na realização de qualquer programa, é quem supervisiona o trabalho de toda a equipe envolvida.

Essa função se refere ao produtor na televisão brasileira. Nos Estados Unidos e na Europa, o termo *produtor* geralmente é usado para indicar o responsável pela criação geral do espetáculo, tanto em programas musicais como em seriados. Nesse caso, o produtor deixa de ser quem executa ou quem organiza tudo, passando a ser a figura que comanda todo o programa. No Brasil, essa função é diluída entre as funções do autor e do diretor.





O ILUMINADOR

O iluminador é o profissional que chefia toda a equipe que trabalha com a luz (artificial ou natural) na realização de um programa.

No estúdio, toda e qualquer luz é criação dele. Geralmente são utilizadas lâmpadas muito fortes, chamadas *spots*. O iluminador regula tanto a quantidade de luz necessária para cada imagem como também a direção do foco de luz.

Quando trabalha em tomadas externas, o iluminador conta também com a luz do sol. Mas, se essa luz não precisa de *spots* para ser criada, pode dar muito trabalho.

Se o sol está a pino, muito

forte, ele pode saturar a imagem (deixar a imagem borra-da pelo excesso de luz). Ao mesmo tempo, ele pode deixar o fundo da imagem muito claro e escurecer o rosto dos atores ou cantores que estejam na tomada. Para isso, o iluminador se utiliza de um rebatedor ou refletor, mudando a direção da luz que vem do sol.

O trabalho de um iluminador é muito criativo. Num show, ele pode construir toda a imagem apenas com luzes, em um fundo neutro.

Em qualquer programa, mesmo sem você perceber, a iluminação está criando climas: um cenário menos iluminado pode sugerir medo, ameaça, ou tristeza e melancolia.

FEITICOS & FEITICÉIROS



ESSES SERES FABULOSOS E SUAS FIGURAS ESPANTOSAS

Nas antigas mitologias, se havia heróis fabulosos, havia também vilões tão horrendos quanto poderosos, contra os quais os homens, míseros mortais, nada podiam fazer. Eram seres monstruosos que só poderiam ser enfrentados pelos deuses e semideuses mais dotados de poderes sobrenaturais.

Cérbero — Cão terrível de três cabeças, que guardava a entrada do palácio de Plutão, o deus dos infernos.

Ciclopes — Operários de Vulcano, o deus do fogo, eram gigantes de um só

olho situado na testa.

Fênix — Ave fabulosa da mitologia egípcia, que morria e renascia das suas próprias cinzas. Tinha o tamanho de uma águia, plumas douradas no corpo e brancas e vermelhas na cauda. Ao sentir que ia morrer, fazia um ninho com madeiras perfumadas e ali se deitava. Os raios solares incendiavam a madeira, queimando o ninho e a ave. Mas de suas cinzas surgia um ovo e do ovo nascia outra fênix.

Górgonas — Eram três irmãs monstruosas com cabeça e corpo de mulher,



dentes compridos como as presas do javali e garras nas mãos em vez de unhas. No lugar dos cabelos tinham serpentes vivas. Transformavam em pedra as pessoas que fitavam.

Grifo — Uma espécie de cavalo alado. Seu corpo era metade águia, metade leão, com orelhas de cavalo.

Harpías — Figuras monstruosas, filhas de Netuno e da Terra. Tinham rosto de mulher, corpo de abutre, orelhas de urso. Com forte bater de asas atacavam os alimentos destinados à mesa dos homens.

Hidra de Lerna — Serpente medonha que assolava a Argólida, região montanhosa da antiga Grécia. Tinha sete cabeças, todas elas

muito teimosas, pois renasciam cada vez que eram cortadas.

Minotauro — Monstro com corpo humano e cabeça de touro, que protegia Minos, rei de Creta. Estava encerrado no **labirinto**, lugar de onde era impossível sair.

Quimera — Monstro misto de leão, dragão e cabra, nascido de Equidna, a nuvem de tempestade, e Tífon, o gênio dos furacões.

Unicórnio — Cavalo branco dotado de um chifre no meio do focinho. Dominava as florestas, sendo implacável com os caçadores. Não permitia que ninguém dele se aproximasse, a não ser... uma moça bonita. Espertinho, não?



O MONSTRO DO LAGO NESS

Uma das mais extraordinárias lendas que ainda sobrevivem em nosso tempo é a do monstro do lago Ness. Esse lago fica na Escócia e já em 1810 as crianças eram avisadas para não brincar em suas margens porque o monstro poderia aparecer. Em 1880 um mergulhador trabalhava num navio afundado no lago. De repente, deu de cara com o monstro, que nadava sob as águas. No início, julgou-se que tudo aquilo eram lorotas inventadas para atrair mais turistas à cidade. Com o tempo, porém, surgiram tantos testemunhos sobre a existência do bicho que, após a Segunda Guerra Mundial, o assunto passou a merecer a atenção dos estudiosos.

As descrições do monstro aproximam-no de uma salamandra gigantesca que poderia ter até 15 metros de comprimento. Em 1960 Tim Disdale filmou o monstro a 1300 metros de distância, e a R.A.F. (Real Força Aérea britânica) considerou o filme autêntico. Ainda há quem ache tudo isso uma bobagem, mas o cientista Maurice Burton, por exemplo, pensa que nos 225 metros de profundidade do lago

Ness pode muito bem haver um réptil sobrevivente de uma espécie — o plesiossauro — que teria desaparecido da Terra há 70 milhões de anos.



PAJÉ E PAJELANÇA



Os índios não têm médicos nem consultórios como os homens da cidade. Então, quem é que trata das suas doenças? O feiticeiro, ou **pajé**, como é conhecido na língua dos índios tupis.

Só que o pajé não trabalha como o médico, é claro. Ele tem o seu método próprio. E esse método chama-se **pajelança**, ou seja, todo o ritual que ele pratica para

conseguir as fórmulas mágicas para curar o doente. E ele obterá essa cura por meio do espírito "encantado" de homens e animais, conforme nos explicam os estudiosos Luís da Câmara Cascudo e Renato de Almeida.

Muitas pajelanças são baseadas na **zoolatria**, isto é, o culto ou adoração de animais. As tribos do norte

do Brasil acreditam que baixam do céu, por uma corda, alguns seres fantásticos para fazer a cura. São eles: o jacaretinga, a mãe-do-lago, a cobra grande e outros. Os doentes ficam à espera, enquanto o pajé faz seu trabalho. Ele e seus acompanhantes bebem tafiá, uma bebida para "esquentar".

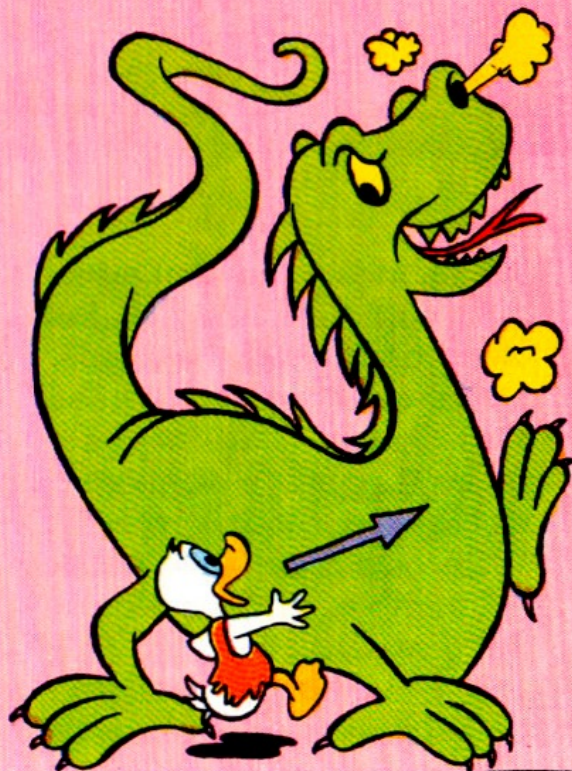
Aí um daqueles bichos fantásticos se encarna no pajé, isto é, entra em seu corpo. O pajé pergunta então como é a cura para o mal e, conforme as indicações, vai fazendo benzeduras, passes mágicos e defumações. Se o bicho não sabe a cura, indica outro bicho

que sabe. Aí o pajé despacha o primeiro bicho e procura encarnar o outro, o entendido. Então acontece uma coisa engraçada: o novo bicho, ou seja, o seu espírito, às vezes quer dançar e divertir-se antes de fornecer a cura... e o pajé sai dançando e pulando, na imitação do bicho brincalhão.

Em geral, o "remédio" usado é a **puçanga**, uma bebida mágica. Tanta feitiçaria e tão pouco remédio explica-se pelo seguinte: para o índio, a doença não é uma coisa natural, mas algo provocado por um poder maléfico que só poderá ser anulado por outro poder maior.

QUEM TEM MEDO DO DRAGÃO?

Se um monstrengo vivo, meio lagarto, meio cobra, de olhos ferozes e faiscantes, aparecesse de repente na sua frente, bufando e soltando fogo pelas narinas? Que susto, não? Pois esse bicho, o dragão, fazia "misérias", sob diferentes formas, nas antigas mitologias, aterrorizando os pobres mortais. O dragão europeu assemelhava-se mais a uma cobra gigantesca e era sempre um vilão, um monstro temido. Já o dragão chinês lembrava um crocodilo e não tinha maus bofes como o europeu, representando o bem.





Uma vez, Maga Patalóji-ka soube que Tio Patinhas ia ao baile de carnaval do Teatro Municipal de Patópolis e apareceu lá, só pra chateá-lo. Usou uma cara monstruosa como máscara, mas isso nem impressionou o rico pato, quando dançaram juntos. Susto ele levou quando ela **tirou** a máscara!

O que nem todos sabem é que a máscara era considerada uma coisa sagrada para os indígenas. Eles acreditavam que em cada máscara existia um deus que transferia suas forças ao dono da máscara. Assim, o índio podia também atrair ou

afastar os espíritos, conforme fossem benéficos ou maléficos. Cada máscara representava um animal ou manifestações da natureza, como o raio, a chuva, o trovão.

O uso da máscara é tão antigo que remonta à idade da pedra. As máscaras dessa era funcionavam como amuletos mágicos e apareciam nas danças para atrair a caça ou a pesca. Em geral apresentavam uma carantinha assustadora. Vai ver que o pessoal esperava que os bichos ficassem paralisados de medo para poder agarrá-los...

A MAGIA DOS DRUIDAS

Os **druidas** eram uma importante seita de feiticeiros da velha Gália (hoje França). Eles eram ao mesmo tempo sacerdotes dos cultos pagãos dos gauleses e dos celtas. O nome **druida** deriva da palavra **carvalho**, em grego, porque esses feiticeiros faziam seus ritos mágicos nos bosques.

Os druidas eram especialistas em profecias, encantamentos e outras magias. No norte da Escócia seus ritos até hoje são lembrados na vés-

pera do dia de Todos os Santos. E nas ilhas Hébridas escocesas ainda podem ser encontrados os locais dos altares onde os druidas faziam seus sacrifícios . . . humanos!

Conta Plínio, o Velho, historiador romano da Antiguidade, que a magia era muito comum na Gália antiga. Tanto que o imperador Tibério, que reinou no século I da era cristã, baixou um decreto contra os druidas, juntamente com "todos os demais curandeiros, profetas e feiticeiros".



Os druidas eram tão conhecidos que aparecem na literatura celta e nos comentários de Júlio César sobre a guerra da Gália. Nas lendas irlandesas eles aparecem como bruxos, entendidos em adivinhações por meio do voo e cantos dos pássaros, por sonhos etc.

Conta-se que os druidas podiam controlar o tempo, provocando neve, tempestade ou escuridão, névoa, e até produzir ilusões de ótica. E tem mais: podiam provocar o esquecimento por meio de poções mágicas, andar descalços sobre o fogo sem se queimarem. Como se tudo isso não bastasse, ainda eram capazes de com-

preender a linguagem dos animais, podendo assumir a forma de qualquer um deles e também encantavam homens em novas formas. Muitos desses poderes maléficos eram usados contra as forças inimigas do seu povo.

Como todo mago que se preza, os druidas usavam uma varinha para os seus passes mágicos. Veneravam plantas, como o visco, que colhiam com uma foice de ouro. Enfim, eram feiticeiros "pra ninguém botar defeito". A julgar pelo que está escrito sobre eles, até parece que eram capazes de qualquer magia do repertório de Maga e Madame Min...



APOLÔNIO DE TIANA



Muita gente é fã do Roberto Carlos, outros da Gal Costa, outros do Sócrates, outros do Ayrton Senna... Enfim, todos têm os seus ídolos, as pessoas que admiram. A Maga Patalójika e a Madame Min têm também os seus ídolos. Um deles é Apolônio de Tiana, nascido na Capadócia (Ásia Menor). Mas que apito tocava ele, para ter fãs tão bruxuleantes? Era um mago, claro. Aliás, foi um dos primeiros magos que a História registrou. Viveu no século I de nossa era. Viajou para tudo que é lado, sempre estudando as ciências ocultas, tendo chegado à Índia. Pelo caminho ia ensinando seus

discípulos, relatando-lhes suas experiências com duendes, espíritos, vampiros e outros fenômenos sobrenaturais. Ficou, por isso, muito conhecido como *taumaturgo*, isto é, *fazedor de milagres*. Chegou mesmo a ter templos dedicados ao seu nome na Ásia Menor, como se fosse um deus.

Acabou sendo acusado de praticar adivinhações à custa de sacrifícios humanos e foi julgado em Roma. Não se sabe como terminou seus dias. O fato é que seu nome foi associado a numerosas lendas medievais sobre magia e Apolônio ficou na História como o *supermago*.

SORTE & SUPERSTIÇÃO



A LUA QUE NÃO É DOS ASTRONAUTAS

Se você perguntar a Madame Min ou a Maga Patalójika quem foi o primeiro homem que pisou na Lua, elas vão dizer que foi São Jorge. A Lua, para elas, não é a Lua dos astronautas das naves Apolo e da ciência: é a Lua da magia, das lendas e superstições. Como estas, por exemplo: na lua crescente realiza-se o que depende de desenvolvimen-

to. Cabelo cortado em lua crescente cresce mais depressa. Em Portugal chama-se **luada** o malefício provocado (assim pensam) pelo luar.

Mas eis a superstição mais curiosa sobre a Lua: se quiser multiplicar o seu dinheiro, é só mostrá-lo para a Lua nova, dizendo estes versos:

Deus te salve, Lua nova,
Lua que Deus acrescente;
Quando fores que vierdes
Trazei-me desta semente!

Deus te salve, Lua nova,
Madrinha de São Vicente;
Quando voltares de novo,
Trazei-me desta semente!



Será que precisamos dizer o nome do **pato** que é o maior fã dessas quadrinhas? Ele acha esses versinhos **senquaquionais**, com as pessoas dos verbos misturadas e tudo!

SUA SORTE NO BICO DE UM PERIQUITO

Margarida estava passeando com o Donald no jardim, quando ouviu aquela música suave e nostálgica do realejo. Ficou logo assanhada para tirar a sorte, mas Donald, para variar, irritou-se:

— Ora, Margarida! Você não sabe? Isso é bobagem!

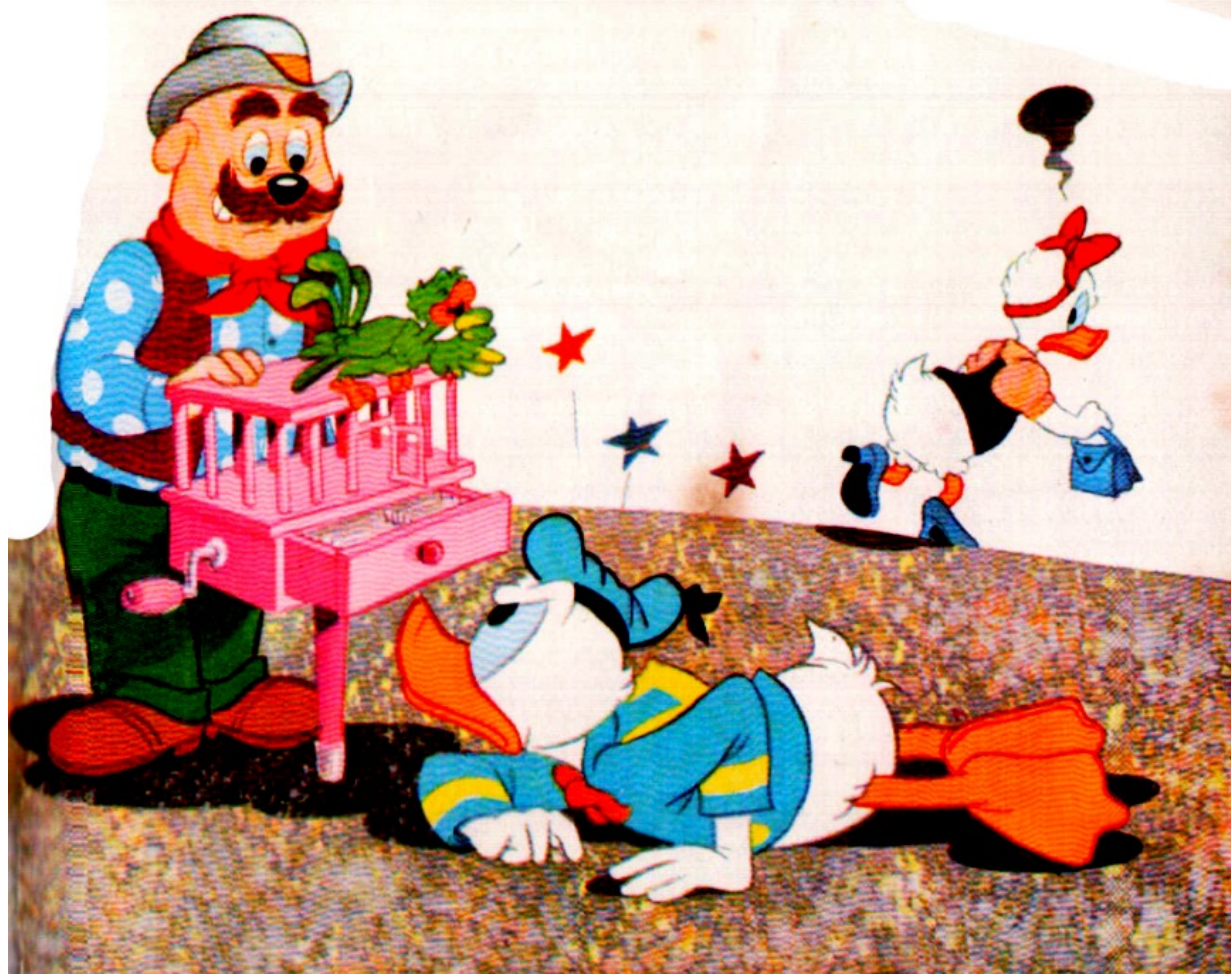
Margarida não lhe deu ouvidos e foi saber que destino o realejo lhe prometia.

O homem do realejo, que carrega uma caixa de música revestida de couro, sobre a qual está fixada uma gaiola com um periquitinho ensina-

do, girou uma manivela, tocando uma canção para ela. E disse para o periquitinho:

— Vamos, Bingo, tire uma sorte boa para a moça!

O bichinho primeiro abriu, com o bico, a portinha da gaiola. Depois puxou uma gavetinha da caixa do realejo e tirou um papelzinho amarelo que entregou à Margarida, tendo antes dado uma bicada para selar a sorte. Pela profecia do realejo, Margarida ainda teria que esperar muito tempo para casar, porque seu namorado era indeciso e rabugento ...



O ASTRÔNOMO AZARADO

Em seu livro *Viagem ao Céu*, o grande escritor brasileiro Monteiro Lobato conta uma história engraçada. É um caso que aconteceu mesmo com um astrônomo azarado.

Existia no século XIX um cometa chamado Biela, que cortava os céus do nosso planeta a cada seis anos e meio. Mas, em 1846, aconteceu algo que não estava no programa: o cometa dividiu-se em dois! Cada um dos novos cometas seguiu então sua órbita própria,

embora paralelas. Entretanto, um deles foi-se afastando do outro gradativamente: passado um mês, estava 60 000 léguas na dianteira do parceiro. Quando os dois foram de novo avistados da Terra, seis anos e meio depois, já estavam a 500 000 léguas um do outro.

Os dois cometas irmãos ficaram muito tempo desaparecidos, mas no dia 27 de novembro de 1872 voltaram. Só que estavam mudados: agora haviam-se transformado em milhares de me-



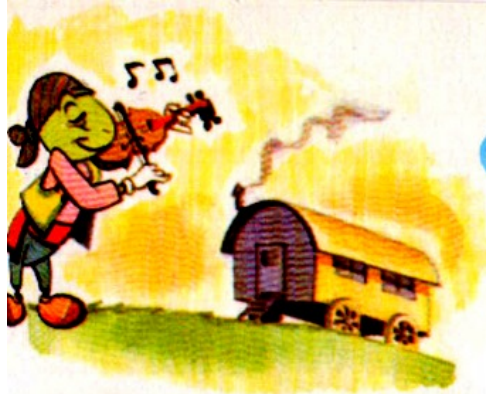


teoritos brilhantes disparando sempre pela mesma trajetória no espaço. Os dois cometas tinham-se fragmentado completamente, passando a cruzar os céus transformados em poeira de estrelas. Os astrônomos da época chegaram a contar 160 000 pedaços do ex-cometa passando pelo firmamento terrestre naquela noite de 1872.

Para os astrônomos, aquele era um espetáculo dos deuses. E foi aí que aconteceu o tremendo azar do nosso astrônomo. Ele se chamava Flammarion e, na ocasião, achava-se em Ro-

ma, recuperando-se de malária. Seu tratamento exigia que ele se deitasse bem cedo, diariamente. E na noite da "poeira de estrelas", 27 de novembro, ele se deitou às 6 da tarde...

Uma hora depois iniciou-se a deslumbrante passagem dos míni-cometas, o que durou seis horas, terminando à uma da madrugada. E o nosso astrônomo dormindo o tempo todo, fechado em seu quarto! Ninguém o avisou porque estavam todos fascinados pelo espetáculo celeste. Quando acordou, o pobre Flammarion quase teve um chilique!



OS CIGANOS E A SORTE

Sorte não é um negócio importante só para o Gastão. No mundo dos ciganos ela também é levada muito a sério. Na Europa eles a chamam de *bakht*, palavra de origem persa. Os sérvios (da antiga Sérvia, hoje parte da Iugoslávia) representavam a sorte em duas figuras mitológicas: a Boa Sorte como uma ninfa dos bosques; o Azar, ou Má Sorte, como um velho da mata.

A sorte era associada às pessoas, animais ou coisas. É tão concreta para os ciganos, que até pode ser reparada. Por exemplo: um cigano que se julga azarado pode chegar a esta conclusão interesseira: "O jeito é me casar. A sorte que me falta pode ser compensada pela de minha mulher". (Só que, se a mulher também fosse azarada, ele estaria bem arranjado: seu azar dobraria.)

Outro hábito ligado à invocação da boa sorte é... enterrar dinheiro para ele depois se multiplicar. Mas os próprios ciganos consideram essa "magia" uma grande farsa. Também, né?

A **leitura da sorte** é uma das atividades tradicionais dos ciganos, em geral desempenhada pelas mulheres idosas. Essa tarefa é reservada tão-somente às mulheres. Segundo os ciganos, os homens não são capazes de prever o destino, não tendo a habilidade de **sentir a mão**, como dizem.

E este detalhe é importante. Porque as ciganas **sentem a mão** do consulente, sobretudo. Não fazem a leitura das linhas e relevo das mãos através do exame minucioso de sua conformação, como se faz em **quiromania**. A quiromancia das ciganas é mais intuitiva: elas procuram **sentir a mão** do consulente através do tato, apertando a mão, tocando-a, procurando senti-la fisicamente.

A análise das mãos para se descobrir a sorte das pessoas já era praticada pelos ocultistas desde a Antiguidade. Os ciganos herdaram alguns desses conhecimentos e praticam até hoje a quiromancia... Mas não entre eles. Não porque não acreditem no que fazem. Ao contrário: acreditam tanto, que têm medo de conhecer o próprio destino...





A PRAGA DO FARAÓ

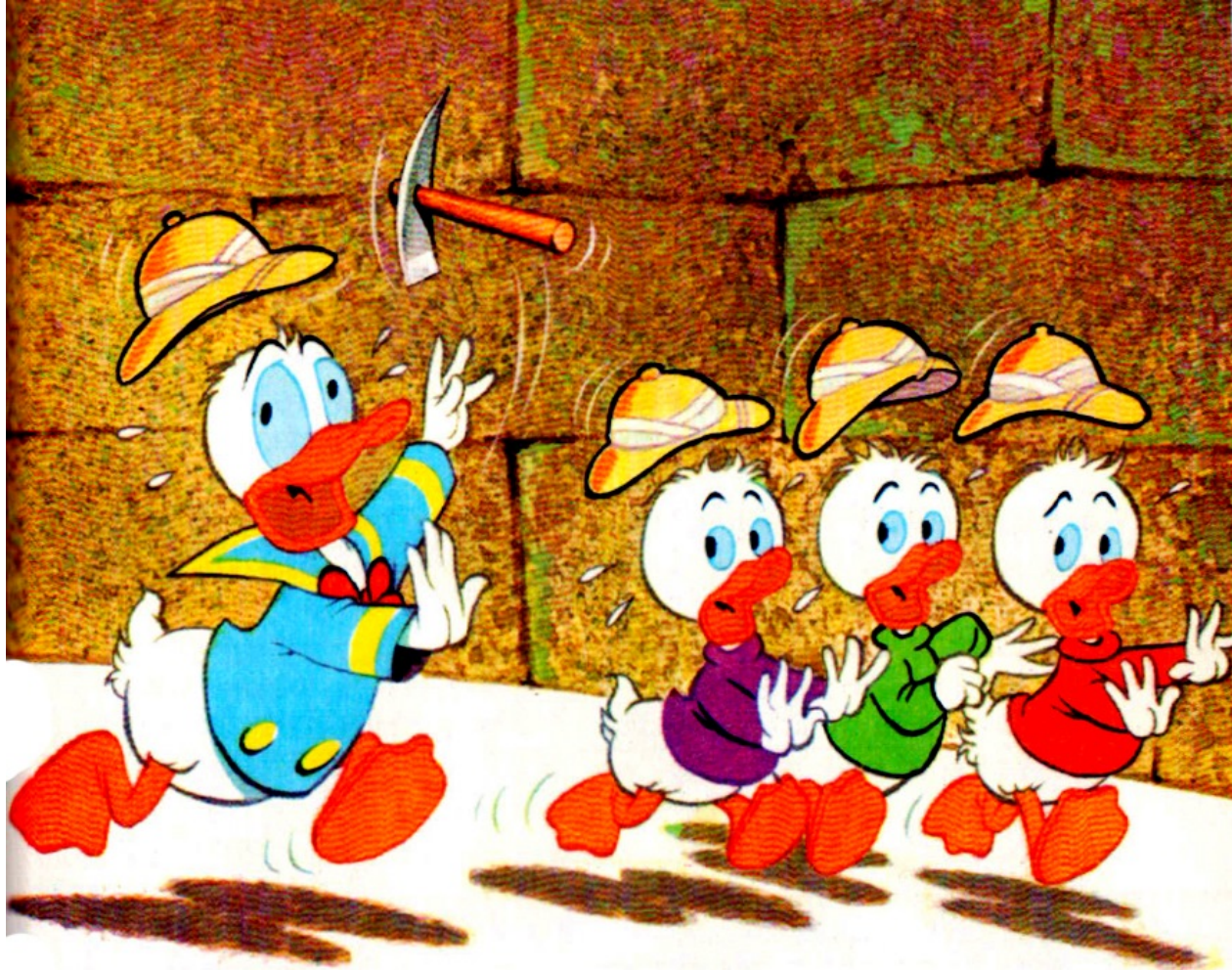
Conta-se que, na entrada das tumbas dos faraós, havia inscrições de advertência contra possíveis violadores. Segundo uma das versões da história, a "maldição" diz: "A morte virá com asas ligeiras para aqueles que perturbarem o repouso do faraó". Quem profanasse o recinto sagrado seria punido com a morte.

Embora os arqueólogos não confirmem a existência de tais inscrições, a história da maldição do faraó deu muito o que falar após a descoberta da múmia de Tutancâmon, em 1922, pelo

egiptólogo inglês Howard Carter.

Tutancâmon foi um faraó da oitava dinastia egípcia (aproximadamente entre 1555 e 1335 a.C.), falecido muito jovem.

A história da suposta praga do faraó começou com a morte prematura de Lorde Carnarvon, o financiador da expedição de Carter, que faleceu em 6 de abril de 1926, picado por um mosquito. Após ele, mais de vinte pessoas, ligadas direta ou indiretamente ao desenterramento do faraó, teriam morrido de morte misteriosa ou



não natural. Falou-se em "castigo".

Mais tarde morria Aubrey Herbert, meio-irmão de Lorde Carnarvon e, em fevereiro de 1929, falecia Lady Elizabeth Carnarvon. O filho de outro lorde, Westbury, que teria tomado parte nas escavações do túmulo, foi encontrado morto, misteriosamente, em sua residência, em novembro de 1929. No ano seguinte, seu pai, Lorde Westbury, aos 78 anos, saltou da janela do 10.º andar de sua residência em Londres, tendo morte instantânea.

Depois, os jornais noticiaram a morte de Archibald

Douglas Reid quando tentava fazer a radiografia de uma múmia. A seguir, era a vez do egiptólogo Arthur Weigall, morto por uma "febre desconhecida". Seria, então, a 21.ª vítima da maldição. Logo falecia A. C. Mace, que, juntamente com Carter, abria a câmara mortuária do faraó. Nessa altura, Howard Carter era o único sobrevivente da equipe que desenterrara Tutancâmon.

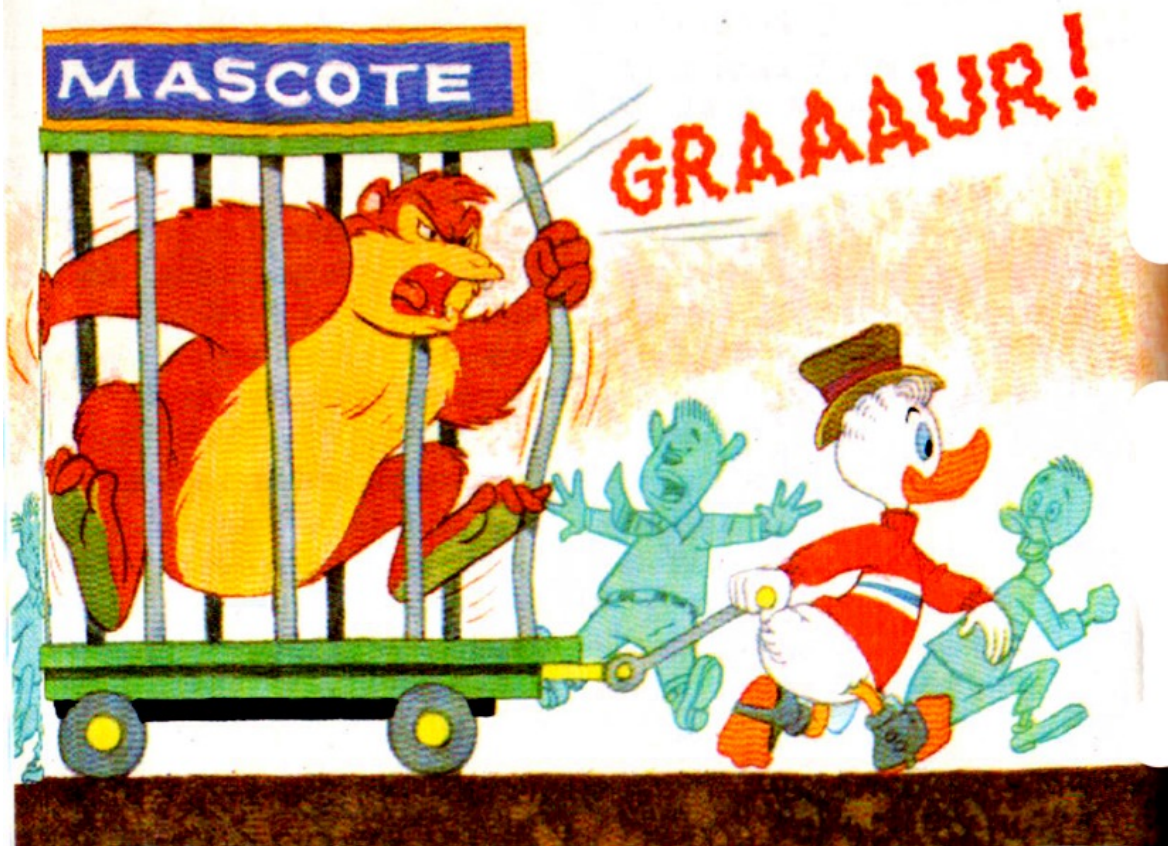
Mais tarde, a máscara de ouro do faraó foi enviada do Egito ao Museu Britânico. E o homem que providenciara o embarque da peça, o Dr. Gamal Methrez, morria no Cairo em 1972.

AS MASCOTES

O cão dálmata é a tradicional mascote dos bombeiros. Os jogadores costumam usar amuletos, como mascotes: pedaços de coral, moedas furadas no meio etc. Mas o que é **mascote**, afinal? É uma pessoa, um animal ou amuleto que se supõe trazer boa sorte para seu possuidor. A palavra vem do provençal *masco* (feitiçaria). Os times de futebol e de outros esportes costumam ter garotos como mascotes, vestidos com o uniforme do clube.

Os clubes americanos ligados às Forças Armadas e às universidades escolhem como mascotes os animais ligados aos apelidos das agremiações esportivas: a

mula do Exército, o bode da Marinha, o buldogue da Universidade de Yale, o leão da Universidade de Colúmbia, o tigre da Universidade de Princeton. Muitas vezes os próprios estudantes usam fantasias personificando os animais mascotes. Os corretores de automobilismo e mesmo os motoristas comuns usam também mascotes na forma de bonequinhos e outros objetos presos ao painel do carro ou pendurados no espelho retrovisor. Tanto pode ser uma figa como uma bruxinha de pano: o fato é que muito automobilista acredita (ou espera) que a mascote possa livrá-lo de acidentes perigosos.



O IMPORTANTE É COMPETIR





No basquete, três medalhas

Três esportes coletivos já deram medalhas ao Brasil: basquete, vôlei e futebol. O vôlei e o futebol ganharam a medalha de prata em 1984, em Los Angeles. E o basquete?

Graças a duas excepcionais gerações de jogadores, o Brasil — que foi campeão mundial em 1959 e bicampeão em 1963 e até hoje tem grandes cestobolistas atuando em todo o país — recebeu a medalha de bronze nos Jogos de Londres, em 1948, de Roma, em 1960, e de Tóquio, em 1964.

Em Londres, comandado pelo grande jogador

carioca Algodão, o time brasileiro deu um banho de bola nos ingleses (por 76 x 11) e sofreria contra a França sua única derrota (43 x 33).

Doze anos depois, em Roma, a equipe estava modificada e já contava com os “cestinhas” Amauri e Wlamir, além de craques como Mosquito e Rosa Branca. Perdemos apenas nos dois jogos finais, frente aos soviéticos (64 x 62) e norte-americanos (90 x 63).

Finalmente, em Tóquio, com praticamente os mesmos titulares, mantivemos o terceiro lugar.

Medalhas em família

Na história das Olimpíadas, há casos de irmãos, irmãs, primos e marido e mulher que ganharam medalhas. Mas

não há nada parecido com o que aconteceu com uma família húngara.

Em 1948, Dezso Gyamati, como participante

da equipe de pólo aquático da Hungria, recebeu uma medalha de prata. Depois — sempre com Dezso no time —, os húngaros ganhariam medalha de ouro em 1952, 1956 e 1964, além de uma de bronze em 1960.

Sua mulher, Eva Szekely, conquistou medalha de ouro em natação, na prova de 200 metros, nado de peito, em 1952.

Dois anos depois, nasceu Andrea, a primeira filha do casal. Puxando os

pais, ela tornou-se boa nadadora e participou das Olimpíadas de 1968, no México, onde ficou em 5.º lugar nas provas que disputou.

Em 1972, confirmando o talento da família, ela arrebatou a medalha de prata nos 100 metros, nado de costas, e a de bronze, nos 100 metros, estilo borboleta.

Quantas medalhas, daqui a alguns anos, não ficarão com os netos de Dezso e Eva?

Bob, o resmungão

O jovem norte-americano Robert Bruce Mathias viajou contrariado para participar dos Jogos Olímpicos de 1948, em Londres. Claro, havia muitos atrativos na viagem. Aos 17 anos, ele iria conhecer a Europa. Além disso, Bob — como era conhecido — era um ótimo atleta e adorava o esporte.

Mas ele estava aborrecido porque Virgil Jackson, o técnico da equipe americana, não o



inscrevera nas corridas de curta distância.

— A única coisa que eu gosto de fazer — queixava-se Bob — é correr e jogar futebol.

Seu técnico, porém, tinha outros planos. Ele achava Bob um atleta tão completo que só via uma prova à sua altura: o decatlo.

No decatlo, há dez competições diferentes e Bob não conhecia a maioria delas. Nunca fizera um lançamento de dardo, jamais tentara um salto em distância e não

se sentia à vontade em corridas de resistência. Mesmo assim, Bob enfrentou as dez provas, sob chuva forte, ao longo de dez horas cansativas.

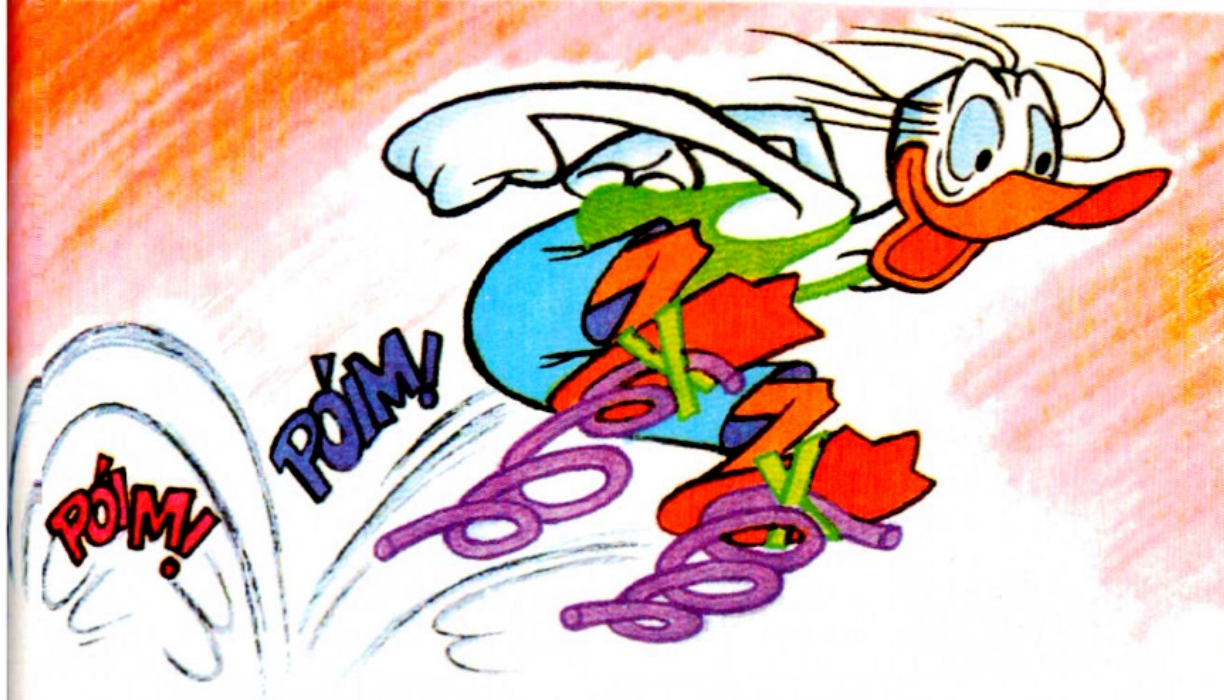
Ganhou a medalha de ouro, embora fosse o mais novo de todos os atletas que foram a Londres. E, apesar de contrariado, tornou-se um especialista em decatlo. Quatro anos depois, em Helsinki, ganharia o bicampeonato e bateria várias vezes os recordes mundiais. Imagine só se ele gostasse!

Helsinki, 1952

XV Jogos Olímpicos



Helsinki, a bela e fria capital da Finlândia, lá no norte da Europa, foi o palco, em 1952, de uma Olimpíada muito importante. Pela primeira vez, os Estados Unidos e a União Soviética — que, também no esporte, são as maiores potências do mundo — mediam forças nas pistas e piscinas, nos campos e quadras.



Ainda bem que o nosso barão não viu nada disso, pois do contrário ele ficaria outra vez triste com a transformação de suas Olimpíadas numa luta política.

O maior número de medalhas, como se esperava, ficou entre os dois países (40 para os norte-americanos, 22 para os soviéticos). Mas os grandes destaques dos XV Jogos Olímpicos não foram nem da União Soviética nem dos Estados Unidos. Eram de outros lugares.

Quer ver só? No futebol, a equipe campeã foi a da Hungria — uma das melhores seleções de todos os tempos, comandada pelo fabuloso atacante Puskas.

No salto triplo, sabe quem venceu? O brasileiro Ademar Ferreira da Silva, que bateu o recorde mundial e tornou-se um de nossos poucos e grandes heróis olímpicos.

Mas o maior destaque coube a um casal da Tchecoslováquia: Emil e Dana Zatopek. Dana ganhou medalha de ouro no arremesso de dardo. E Emil, seu marido, surgiu em Helsinki simplesmente como o maior corredor do mundo.

Um novo Hércules? Mais ou menos. Emil Zatopek, conhecido como a "Locomotiva Humana", venceu as corridas de 5 mil e de 10 mil metros, com o intervalo de apenas 24 horas. E não foi

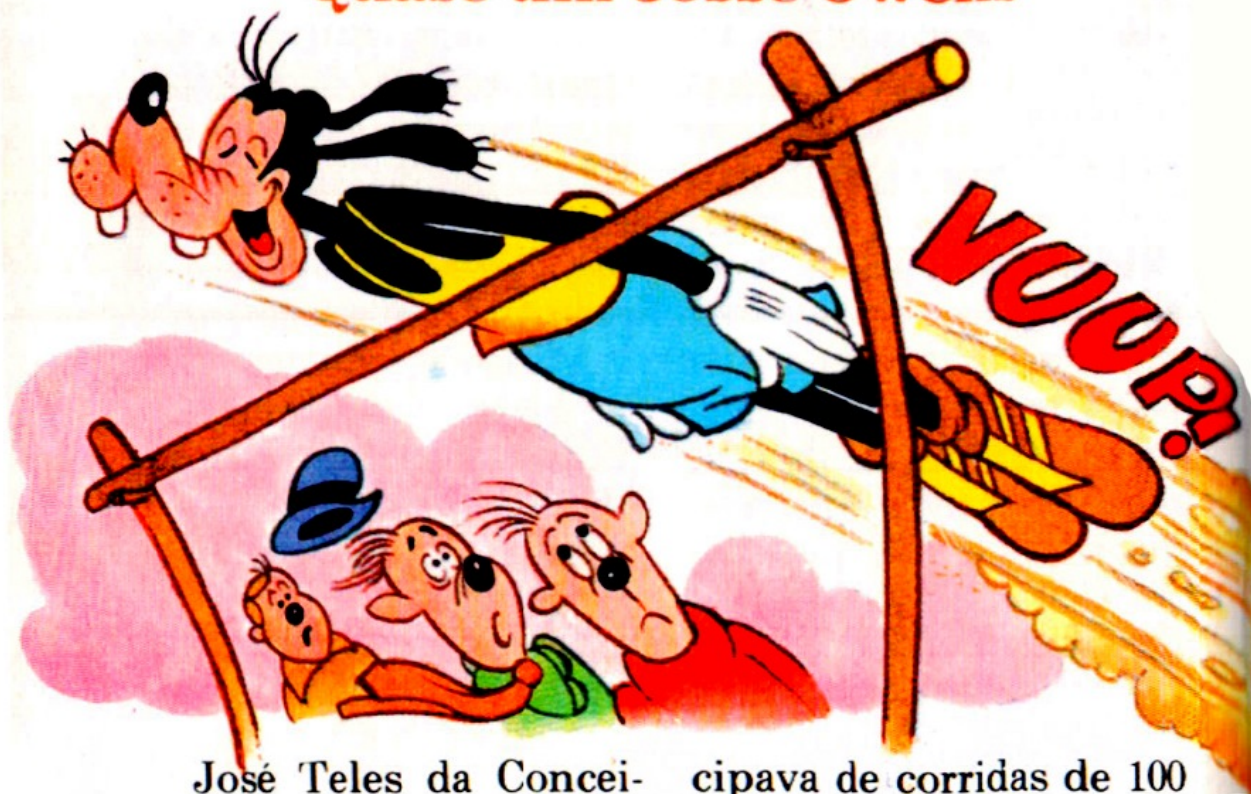
tudo. Dias depois, ele ganharia a difícil prova da maratona.

E a briga entre russos e americanos? Bem, essa havia apenas começado nas Olimpíadas. E, apesar da provável decepção que traria ao nosso barão, essa disputa sempre

teve um aspecto bastante positivo.

Afinal, é justamente essa rivalidade que motivava os atletas, estimulando e incentivando a melhoria dos índices técnicos e a quebra de recordes. Isso não deixaria nosso barão satisfeito?

Quase um Jesse Owens



José Teles da Conceição, nascido no Rio de Janeiro a 23 de maio de 1931, foi um dos maiores atletas brasileiros de todos os tempos.

Não era exatamente um especialista. Com a mesma facilidade, parti-

cipava de corridas de 100 e 200 metros rasos, nas quais possuía o recorde sul-americano, praticava salto em distância ou competia no decatlo.

E ele acabou se consagrando em outra modalidade: o salto em altura.

Depois de pular 1,98 metro, marca excepcional para a época, José Teles conseguiu uma medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de 1952.

Quando voltou ao Brasil, foi jogar basquete e futebol, provando que era realmente um atleta total.

É uma pena que ele recebesse tão pouco apoio e

tivesse dificuldades muito grandes para treinar ou competir.

Do contrário — como acreditavam muitos técnicos estrangeiros que o conheceram —, poderia ter se transformado num novo Jesse Owens.

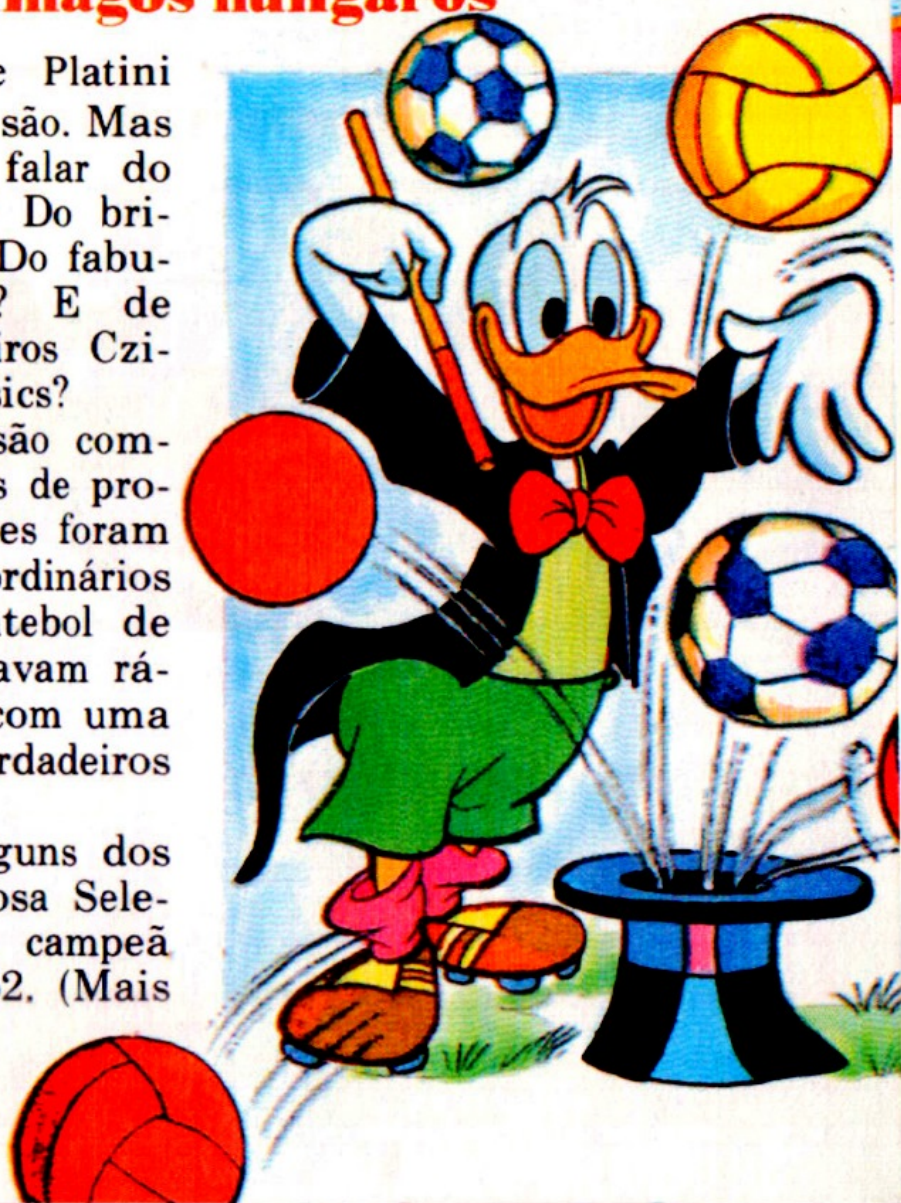
José Teles, apesar disso, terá sempre um lugar de destaque entre os campeões brasileiros.

Os magos húngaros

Pelé, Zico e Platini você sabe quem são. Mas você já ouviu falar do grande Puskas? Do brilhante Kocsis? Do fabuloso Hidegkuti? E de seus companheiros Czibor, Bozsik, Grosics?

Seus nomes são complicados, difíceis de pronunciar, mas eles foram os mais extraordinários jogadores de futebol de seu tempo. Jogavam rápido e bonito, com uma técnica de verdadeiros magos da bola.

Eles eram alguns dos astros da fabulosa Seleção da Hungria, campeã olímpica de 1952. (Mais



tarde, com outro time e já sem a mesma categoria, os húngaros ganhavam mais duas medalhas de ouro em futebol, em 1964 e 1968.)

Praticamente com os mesmos craques, a Hungria participou da Copa do Mundo de 1954 e — numa das grandes zebras da história — perdeu a finalíssima para a Alemanha por 3 a 2, depois de estar vencendo por 2 a

0 e dando um banho de bola nos adversários.

Só para você ter uma idéia de como eles eram bons: em 1953 os húngaros foram jogar contra a Inglaterra em Londres, onde ela jamais havia perdido um único jogo. Resultado: 6 a 3 para a Hungria. Os ingleses não se conformaram e pediram uma revanche no campo adversário. E foram esmagados por 7 a 1.

Japonês, nada!



Apesar de seu nome, Tetsuo Okamoto não é japonês, não. É brasileiro, nascido na cidade paulista de Marília a 20 de março de 1932.

Ótimo nadador, Tetsuo começou a competir

em 1946, em sua cidade, especializando-se em provas de média e longa distância. Nas Olimpíadas de Helsinki, em 1952, ele ganhou a medalha de bronze na prova de 1 500 metros, nado livre.

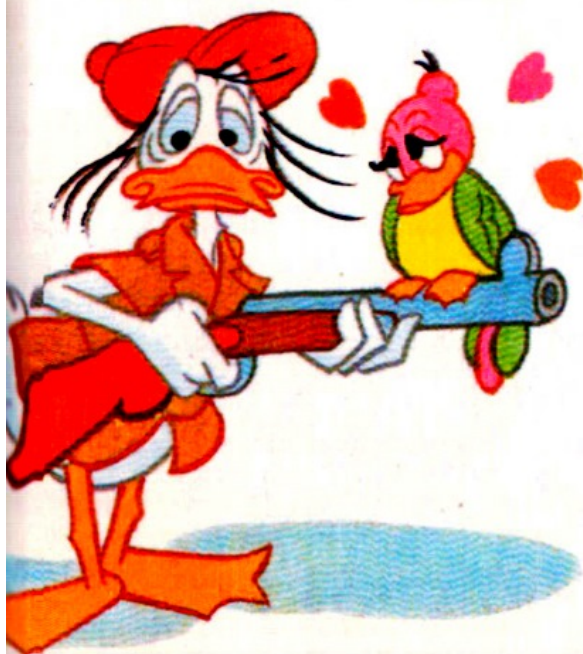


ESPORTES OLÍMPICOS

tiro



Um campeão olímpico de tiro precisa ter sangue frio, muito poder de concentração e excepcional autocontrole. Do contrário, erra.



As provas de tiro apareceram nos Jogos Olímpicos já em 1896. Mas, desde então, sofreram muitas modificações — refletindo não só o aperfeiçoamento e o surgimento de novos tipos de armas como também as crescentes pressões provocadas pelas sociedades de proteção aos animais.

No início, veja só, pombinhos vivos eram utilizados como alvos.

Hoje, na modalidade de tiro-ao-pombo, os alvos apenas imitam as aves.

as provas

Pistola livre — Utiliza-se uma pistola de calibre 5,6 mm. Cada competidor deve atirar 60 vezes, em seis séries, num alvo colocado a 50 metros.

Carabina, deitado — Sessenta tiros num alvo a 50 metros de distância. A arma, que não deve pesar mais de 8 quilos, é de calibre 5,6 mm.

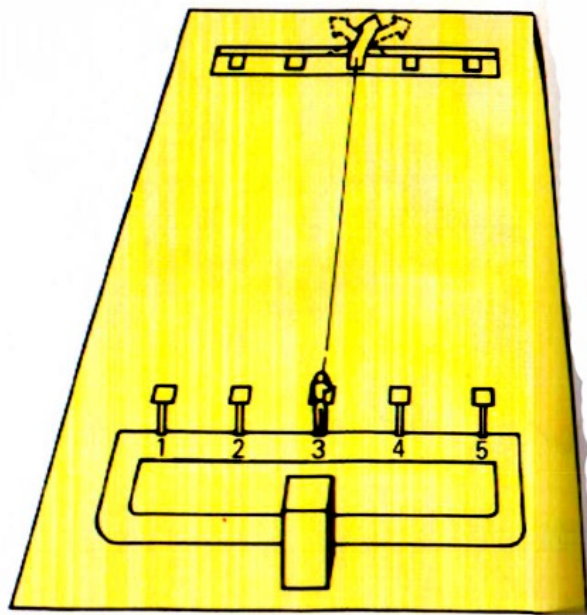
Fuzil de pequeno calibre em três posições — O atirador dispara 40 vezes em pé, 40 ajoelhado e 40 deitado. Alvo a 50 metros.

Pistola automática — Mais 60 tiros, a 25 metros, com uma pistola de calibre 5,6 mm.

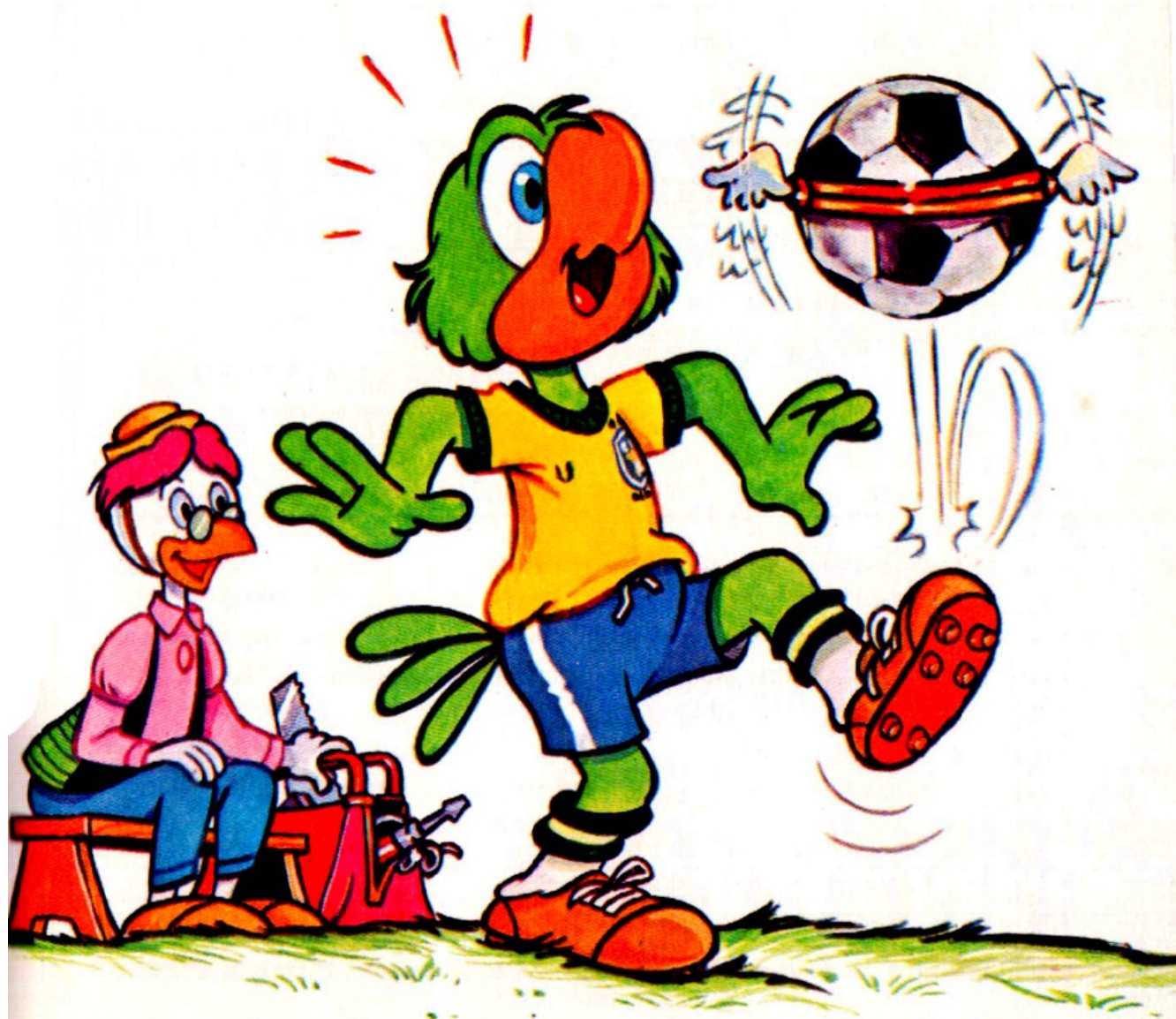
Tiro ao prato (Fossa olímpica) — Um alvo móvel é lançado de uma distância de 15m do atirador. Sua arma é uma espingarda calibre 12.

Tiro ao prato (Skeet) — Dois alvos móveis se cruzam diante do atirador.

Alvo móvel — O atirador dispara 30 vezes a uma distância de 50 metros.



BOLA NA REDE!



GALERIA DAS "GRANDES SELEÇÕES"

BRASIL



BREJEIROS DA TIJUCA



AS SELEÇÕES DE OURO

Hiden; Rainer e Lum (ou Seszta); Braun, Smistik e Nausch; Zischek, Gschweidl, Sindelar, Schall e Vogel. Era esta a formação de uma das mais famosas equipes de futebol de todos os tempos, a Seleção Austríaca dos anos 30. Conhecido como *Wunderteam* (*Time Maravilhoso*), esse selecionado dominou o cenário europeu por anos, obtendo vitórias sensacionais: 5 a 0 sobre a Escócia, 6 a 0 e 5 a 0 sobre

a Alemanha, 8 a 1 sobre a Suíça e 8 a 2 sobre a Hungria. O jogador que simbolizava seu futebol talentoso era o esguio Mathias Sindelar, o "Homem de Papel", um verdadeiro artista da bola e notável artilheiro.

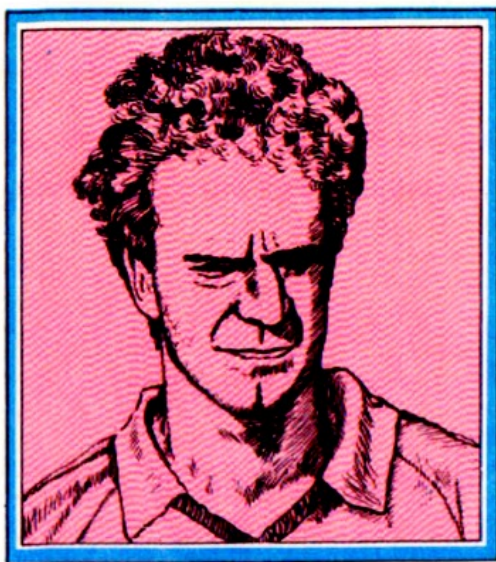
A *Squadra Azzurra*, a Seleção Italiana bicampeã mundial em 1934-38, sucedeu no trono ao *Wunderteam* austríaco. Seu astro principal era também um atacante, Sívio Piola, que ti-

nha ao lado dois mestres da bola: Ferrari e Meazza.

Outro esquadrão que entrou para a antologia do futebol foi a "Seleção de Ouro" do Brasil, também duas vezes campeã mundial (1958-62). Gilmar; Djalma Santos, Bellini (Mauro) e Nilton Santos; Zito e Orlando (Zózimo); Garrincha, Didi, Vavá, Pelé (Amarildo) e Zagalo.

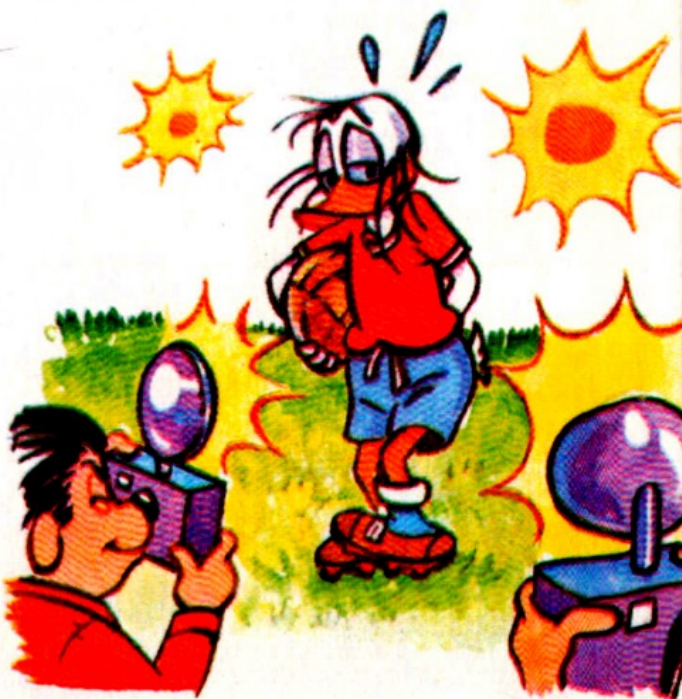
Era uma seleção tão superior às de outros países, que podia dar-se ao luxo de ganhar a Copa do Mundo de goleada, como fez na Suécia, batendo o adversário finalista por 5 a 2. Do goleiro ao ponta-esquerda só tinha grandes craques. Aliás, tinha mais: tinha dois gênios, Pelé e Garrincha. Assim não poderia mesmo haver adversário que agüentasse...

O ENCABULADO RUMMENIGGE



Encabulado fora de campo, durante as partidas Rummenigge transforma-se num tormento para seus adversários. É rápido, perigoso, inteligente e chuta muito bem. Trata-se, na opinião de muitos, do melhor atacante da Europa no momento. Apesar de toda sua timidez...

Quando alguém dirige a palavra a Karl-Heinz Rummenigge — o fantástico atacante do Inter, de Milão e da Seleção Alemã —, suas bochechas ficam ainda mais avermelhadas do que normalmente já são. "É de vergonha", comentam seus amigos. "Apesar da fama, ele continua sendo um garoto tímido."



TIMES QUE ENCANTARAM O MUNDO

Arsenal, você conhece? Já ouviu falar do Torino? E do Honvéd? Do River Plate? Do Real Madrid? Do Ajax? Do Bayern de Munique? Alguma coisa sobre o Liverpool?

Se você sabe, parabéns: esses foram alguns dos maiores times da história do futebol internacional.

Então, certamente você não ignora que tão bom quanto eles — e até melhor — era o Santos F. C., Bicampeão do mundo (1962/63). Esse time encantou multidões dos cinco continentes com a magia de seus craques inesquecíveis: Gilmar, Mauro, Zito,

Dorval, Jair, Mengálvio, Pagão, Coutinho, Pepe e, lógico, o maior de todos os tempos, Pelé.

Muitos anos antes do Santos de Pelé, nos anos 30, apareceu o Arsenal, de Londres. Dirigido pelo técnico Herbert Chapman, que criou a tática do WM (com os meias recuados) em 9 anos ganhou cinco vezes o campeonato inglês.

Dez anos depois, na Itália, iniciou-se o reinado do Torino, que desapareceu num desastre aéreo ocorrido em maio de 1949. Na Argentina, enquanto isso, surgia o River

...E POR TODAS ESSAS
RAZÕES, VOCÊS ESTÃO CONVIDA-
DOS A FAZER UMA EXCURSÃO
PELO MUNDO PARA MOSTRAR
COMO NÃO SE DEVE JOGAR
FUTEBOL.
ASSINADO: O PREFEITO!



Plate, chamado de **La Máquina**. Tratava-se de um time tão bom que o grande Alfredo Di Stefano — na época em início de carreira, mais tarde considerado um dos cinco maiores jogadores da história do futebol — era reserva do seu ataque! Imaginem só!

Di Stefano brilhou no fabuloso Real Madrid da Espanha, absoluto no mundo inteiro antes da explosão do Santos de Pelé.

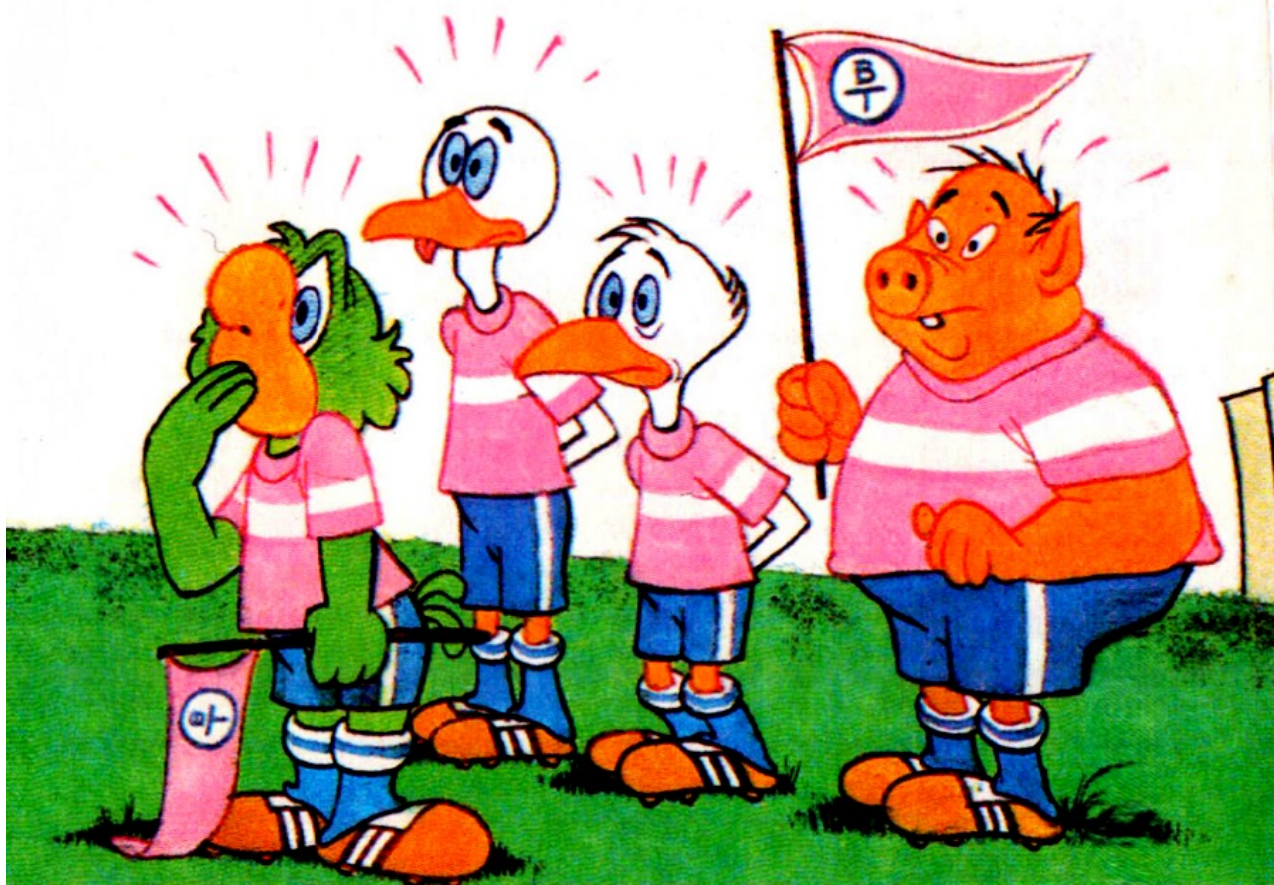
O ataque desse time era uma verdadeira seleção internacional: o francês Kopa, o espanhol Rial, o argentino Di Stefano, o húngaro Puskas e o espanhol Gento.

E foi também nesse time que jogou o brasileiro Didi.

Antes de ir para o Real, Puskas comandou outra equipe lendária: o Honvéd, de Budapeste, Hungria.

Nos anos 70, três times europeus deslumbraram os torcedores. Primeiro, os holandeses do Ajax, de Amsterdã, com Cruijff e Neeskens. Depois, os alemães do Bayern de Munique, com seu elegante capitão Franz Beckenbauer. Finalmente, os ingleses do Liverpool, o "Exército Vermelho" (por causa da cor de suas camisas).

Finalmente, convém lembrar que, além do Santos, o Brasil teve mais dois clubes campeões do mundo: o Flamengo, em 1981, e o Grêmio, em 1983.



TEIROS EM AÇÃO



Cuidado dobrado na neblina	8
Sinais no rosto: sinais de caráter	8
Amigos em dificuldades	9
Os brasileiros falavam assim	10
O colar dos índios Sioux	12
Ensine o seu papagaio	13
Conselhos aos fotógrafos	14
Biblioteca em casa	16
Mesada de escoteiro	18

A NATUREZA!



Desenhando com o sol	20
Que tempo vai fazer?	22
Faisão	24
Tuim	25
Sabiá-laranjeira	26

DO LANCHE



A piscicultura	28
Filé de peixe à moda veneziana	29
O chocolate	30
Bolo rápido de chocolate	30
Chocolate quente	30
Amadeu e o refresco de melancia	32
Refresco de melancia	32
A salada da vovó	34

CAS, JOGOS & BRINCADEIRAS



Pares sem ímpares	36
O lápis fantasma	37
O inevitável 100	39
O número traído	40
As predições dos chás	42

INVENTOS & INVENTORES



O sapato	44
Machado, martelo & cia	45
O barômetro	46
O microfilme	47
Faça você mesmo — Um caleidoscópio	48
Cosméticos	50
Anzol e vara de pescar	51
O carro na guerra	52
Carros especiais	54

AVENTUREIROS, DETETIVES & ESPÕES



Alexandra, a andarilha	58
Botas de sete léguas	59
O marechal da paz	61
Detetives particulares	62
Os espões do espaço	64
Detetives de ficção — Dick Peter	66

O DINHEIRO DA MESADA



Quanto custa um satélite artificial?	68
A cidade do ouro	69
A moeda n.º 1	70
Rivais de verdade do Tio Patinhas — II: Rockefeller	72
Rivais de verdade do Tio Patinhas — II: J.P. Getty	73
As jóias da coroa	74
Quanto custa um filme?	75

FIQUE LIGADO!



O Brasil em revista	78
Esses anúncios	80
As piadas do barão	82
Os invisíveis	83
O autor	84
O produtor	85
O iluminador	86

ÍNDICE

FEITIÇOS & FEITICEIROS



Esses seres fabulosos e suas figuras espantosas	88
O monstro do Lago Ness	90
Pajé e pajelança	91
Quem tem medo do dragão?	92
A máscara	93
A magia dos druidas	94
Apolônio de Tiana	96

SORTE & SUPERSTIÇÃO



A lua que não é dos astronautas	98
Sua sorte no bico de um periquito	99
O astrônomo azarado	100
Os ciganos e a sorte	102
A praga do faraó	104
As mascotes	106

O IMPORTANTE É COMPETIR



No basquete, três medalhas	108
Medalhas em família	108
Bob, o resmungão	109
Helsinki, 1952 — XV Jogos Olímpicos ...	110
Quase um Jesse Owens	112
Os magos húngaros	113
Japonês, nada!	114
Esportes olímpicos — Tiro	115

BOLA NA REDE!



As seleções de ouro	118
O encabulado Rummenigge	119
Times que encantaram o mundo	120



